

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA**

Geraldo Homero do Couto Neto

**(Des)fazendo História na Internet:** visões acerca da Ditadura Militar Brasileira em  
canais da “nova direita” no YouTube (2013-2018)

Juiz de Fora  
2022

**Geraldo Homero do Couto Neto**

**(Des)fazendo História na Internet: visões acerca da Ditadura Militar Brasileira em canais da “nova direita” no YouTube (2013-2018)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Perlatto Bom Jardim

Juiz de Fora  
2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo autor

Couto Neto, Geraldo Homero do.

(Des)fazendo História na Internet: visões acerca da ditadura militar brasileira em canais da "nova direita" no YouTube (2013-2018) / Geraldo Homero do Couto Neto. -- 2022.

139 p.

Orientador: Fernando Perlatto Bom Jardim

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2022.

1. história digital. 2. nova direita. 3. youtube. 4. ditadura militar. I. Perlatto, Fernando.

**Geraldo Homero do Couto Neto**

**(Des)fazendo História na Internet: visões acerca da Ditadura Militar Brasileira em canais da “nova direita” no YouTube (2013-2018)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.

Aprovada em 05 de agosto de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Fernando Perlatto Bom Jardim - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anita Lucchesi

FAMA

Juiz de Fora, 18/08/2022



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Perlatto Bom Jardim, Professor(a)**, em 05/08/2022, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Odilon Caldeira Neto, Professor(a)**, em 05/08/2022, às 11:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anita Lucchesi, Usuário Externo**, em 09/08/2022, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0874081** e o código CRC **891949F3**.

---

COUTO NETO, G. H. **(Des)fazendo História na Internet:** visões acerca da ditadura militar brasileira em canais da "nova direita" no YouTube (2013-2018). Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História. Juiz de Fora, pp. 139, 2022.

## **Agradecimentos**

Gostaria de começar agradecendo à minha família pelo apoio incondicional que recebi desde o começo de minha caminhada acadêmica na UFJF, que mesmo nos momentos mais difíceis esteve sempre presente ao meu lado. Vocês são pessoas incríveis e amo compartilhar minha vida com todos vocês.

À minha companheira de vida, Janaína, gostaria de dizer que sem você nada disso teria sido possível. Seu amor, apoio, e suporte foram imprescindíveis para que esta dissertação fosse concluída. Estarei com você nos momentos alegres e tristes. Que nossa caminhada siga sendo inspiradora como sempre foi, te amo!

Agradeço também às minhas filhas felinas, Suzu e Biscoita, por me fazerem perder muito tempo tendo que tirá-las de cima do teclado do meu computador e, logo depois, fazerem-me sorrir por tê-las ao meu lado. O mesmo vale para o imparável Juarez, meu amado e brincalhão cachorro “caramelo com chocolate”.

Ao meu orientador, Fernando Perlatto, agradeço por todo o esforço e dedicação dados a mim durante essa importante e desafiadora jornada que é pesquisar, aprender e ensinar. Mesmo com todas as dificuldades que a pandemia me proporcionou, sempre manteve a confiança em mim e na minha pesquisa. Muito obrigado!

Agradeço aos participantes da minha banca de qualificação, Anita Lucchesi e Odilon Caldeira Neto, por me ajudarem a dar encaminhamento à minha pesquisa com comentários e sugestões que foram de importância significativa para o amadurecimento de minhas análises.

Obrigado à CAPES e à UFJF pelo apoio financeiro por meio de políticas públicas de incentivo à pesquisa. Sem elas, este trabalho não poderia ter sido realizado.

Por último, gostaria de agradecer à pesquisadora Alexandra Elbakyana por ter criado o maior site de compartilhamento gratuito e irrestrito a todo o conhecimento científico do mundo: Sci-Hub.

A todas e todos, meu muito obrigado!

No instante seguinte, Alice entrou na toca atrás dele, sem ao menos pensar em como é que iria sair dali depois. [...] A toca do coelho, no começo, alongava-se como um túnel, mas de repente abria-se como um poço, tão de repente que Alice não teve um segundo sequer para pensar em parar, antes de se ver caindo no que parecia ser um buraco muito fundo (Lewis Carroll - Alice no País das Maravilhas).

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar vídeos de grandes canais da nova direita brasileira no *YouTube* que abarcam o tema da ditadura militar brasileira, bem como seus respectivos comentários. Trabalharemos com o recorte temporal de junho de 2013 até o ano de 2018, pelo fato de as manifestações de junho terem criado um terreno propício para a difusão de ideias “liberais na economia e conservadoras nos costumes” da nova direita, o que coincide, justamente, com o seu aparecimento mais ativo na esfera pública e digital. A partir disso, buscaremos entender como esses sujeitos interpretam, discutem e compartilham o passado, assim como identificar as inconsistências dos conteúdos defendidos, para, então, problematizar suas visões revisionistas e negacionistas sobre a ditadura, em contraposição ao que há de consolidado na historiografia brasileira sobre o tema. Tal estudo nos possibilita uma reflexão acerca do papel do historiador frente às novas mídias, tendo em vista o seu grande poder de alcance de público, e aos desafios proporcionados pelas disputas ocorridas esfera pública em torno das memórias da ditadura militar brasileira.

**Palavras-chave:** ditadura militar brasileira; memória; nova direita; YouTube; história digital.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze videos from significant YouTube channels of the Brazilian “new right” that cover the theme of the Brazilian military dictatorship, as well as their respective comments. We will work with the time frame from June 2013 to the year 2018, as the June demonstrations created a favorable terrain for the dissemination of “liberal in the economy and conservative in the customs” ideas of the “new right”, which coincides, precisely, with its more vibrant appearance in the public and digital sphere. From this, we will seek to understand how these subjects interpret, discuss and share the past, as well as identify the inconsistencies of the defended content, to problematize their revisionist and negationist views on the dictatorship, in contrast to what has been consolidated in Brazilian historiography about the subject. This study will allow us to reflect on the role of the historian in the face of new media, given its great power of public reach, and the challenges provided by the disputes that occurred in the public sphere around the memories of the Brazilian military dictatorship.

**Key words:** Brazilian military dictatorship; memory; new right; YouTube; digital history.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Número de pessoas usando plataformas de redes sociais 2004-2018.....	31
Figura 2 - Termo de pesquisa "Nando Moura" na plataforma Google Trends - pesquisas no YouTube (jun.2013-jan. 2019).....	54
Figura 3 - Termo de pesquisa: "Nando Moura", "Movimento Brasil Livre", "mamaefalei" e "Brasil Paralelo" na plataforma Google Trends (pesquisas na Web) (jan. 2013 - jan. 2019)...	55
Figura 4 - Progresso de Maro Schweder (inscritos mensais e visualizações mensais) - 18/07/2019.....	63
Figura 5 - Bolsonaro compartilha alguns canais de "informação" em seu Instagram.....	66
Figura 6 - Mapa de interações entre os canais da direita no YouTube (Rede de grau 1 com todos os canais).....	67
Figura 7 - Ocorrências para o canal "Nando Moura" (em 2018) no site archive.org.....	78
Figura 8 - Comentários vídeo de JONSSSEN, 2018.....	94
Figura 9 - Comentários vídeo de DIDEUS, 2018.....	94
Figura 10 - Comentários vídeo de MARISA, 2016.....	96

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Interesse ao longo do tempo para os termos de pesquisa "ditadura" e "ustra" no YouTube.....	74
Gráfico 2 - Interesse ao longo do tempo para os termos de pesquisa "bolsonaro", "ustra" e "ditadura" no YouTube.....	74
Gráfico 3 - Interesse ao longo do tempo para os termos de pesquisa "ditadura" e "ustra" no YouTube (2013-2017).....	75
Gráfico 4 - Número de inscritos em 8 canais (2014-2018).....	77

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Protestos à direita por ano (2011-2016).....	50
Tabela 2 - Termos “em ascensão” referentes às buscas de “ditadura” na plataforma Google (2013-2017).....	76

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADC – Análise de discurso crítica

ARPANET - Advanced Research Projects Agency Network

BP – Brasil Paralelo

CERN - Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire

CNV - Comissão Nacional da Verdade

EPL - Estudantes pela Liberdade

IA – Inteligência artificial

Iedi - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial

IEE - Instituto de Estudos Empresariais<sup>1</sup>

IL - Instituto Liberal

IMB - Instituto Von Mises Brasil

MBL – Movimento Brasil Livre

MPL - Movimento Passe Livre

NASDAQ - National Association of Securities Dealers Automated Quotations

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PDT - Partido Democrático Trabalhista

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PT - Partido dos Trabalhadores

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

UB - União Brasileira de Empresários

WWW - World Wide Web

YT – YouTube

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 – INTERNET COMO FONTE.....</b>	<b>22</b>
1.1 – Internet: ontem e hoje.....	23
1.2 – Redes sociais (Web 2.0) e a História digital.....	27
1.3 – O <i>YouTube</i> .....	30
1.4 – Uma nova esfera pública: <i>Rabbit hole</i> e “capitalismo de vigilância”.....	34
1.5 – Pesquisar na Web 2.0: questões metodológicas.....	38
<b>CAPÍTULO 2 – NOVA DIREITA NO YOUTUBE.....</b>	<b>44</b>
2.1 – Redemocratização e a reinvenção das direitas.....	45
2.1.1 – Nas ruas.....	47
2.1.2 – Nas redes.....	53
2.2 – Disputas de memória no <i>YouTube</i> .....	57
2.3 – Ideologia e ação doutrinária da direita no <i>YouTube</i> .....	61
<b>CAPÍTULO 3 – NEGACIONISMO HISTÓRICO E A DITADURA MILITAR.....</b>	<b>70</b>
3.1 – Discursos de negação: “verdade não contada pela esquerda”.....	71
3.1.1 – “Contragolpe”, “revolução” e a “ameaça vermelha”.....	84
3.1.2 – “Quem viveu sabe”: as memórias da ditadura.....	88
3.2 - “Do <i>fake</i> ao fato”: as disputas pela História.....	92
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>101</b>
Anexo 1: Vídeos analisados e seus respectivos dados:.....	101
Anexo 2: Resumos dos vídeos.....	110
<b>FONTES.....</b>	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>133</b>

## INTRODUÇÃO

A internet sempre me intrigou, mas foi em 2017 que percebi sua nova face enquanto uma esfera pública digital, transcendendo o espaço público tradicional. Nesse mesmo período, eu refletia sobre possíveis temas para o meu TCC, no qual queria trabalhar com conteúdos audiovisuais, que inicialmente seriam filmes sobre a *ditadura militar brasileira*<sup>1</sup>. Porém, comecei a reparar que o YouTube tinha se tornado um campo emergente de estudos para o historiador, principalmente com o crescimento de conteúdos de revisionismo e negacionismo histórico advindos da *nova direita*<sup>2</sup>, e cheguei à conclusão de que poderia analisar fontes audiovisuais referentes à ditadura militar que não fossem necessariamente filmes, mas vídeos de YouTube.

Terminei meu TCC<sup>3</sup> sobre esse tema<sup>4</sup> com entusiasmo para continuar pesquisando em uma pós-graduação. Agora não somente com foco no conteúdo dos vídeos, mas também em sua disseminação e abrangência enquanto parâmetros fundamentais para o entendimento de uma mudança na esfera pública a partir do advento da Web 2.0. Tal Web se tornou não mais um receptáculo de sites e *bytes*, mas um amálgama de conteúdo compartilhável entre redes sociais, o que resultou em uma rede de interação global entre usuários.

Fiquei ainda mais intrigado pelas possibilidades de um estudo histórico sobre o tema, não somente pelo o que a internet tornou possível em termos de novas sociabilidades, como

---

1 Nos apoiaremos nas discussões referentes à nomeação da ditadura brasileira a partir das interpretações de Demian Bezerra de Melo (2014) sobre a relação civil-militar do golpe de 1964, principalmente em concordância a Armand Dreifuss (1981, 1989) que se utiliza do “civil” a partir de sua ligação com o empresariado, conotando as classes sociais. Portanto, para a continuidade deste trabalho, utilizaremos os termos “golpe civil-militar” e “ditadura” e/ou “regime militar”. Creio que seja importante deixar evidente a ligação do empresariado no caráter “civil” do golpe. Essa discussão conceitual também será embasada pelos trabalhos de Jorge Ferreira (2003) e Carlos Fico (2004a, 2004b, 2017), que muito auxiliam na complexificação teórica do período em questão.

2 Entendemos “nova direita” como um amálgama das direitas brasileiras, que ganharam força e, de certa forma, se reinventaram na cena pública a partir dos anos de 1980. Essa reorganização das direitas no processo de elaboração da Constituição de 1988 é importante na medida que terá reflexos nos anos posteriores. Como base analítica, utilizaremos principalmente os textos de Flávio Casimiro (2018, 2019), Fernando Perlatto e Jorge Chalub (2016), Mateus Pereira (2018) e Antonio Pierucci (1987).

3 COUTO NETO, G. H. **As histórias que contam por aí: a ditadura militar brasileira aos olhos de três canais conservadores do YouTube**. 2018. Monografia - Bacharelado em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2018.

4 Meu trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em História (UFJF) teve como temática principal a ditadura militar brasileira aos olhos de três canais conservadores do YouTube. Os canais em questão foram “eGuinorante”, “Paula Marisa” e “Maro Schweder”, que também serão analisados aqui de forma mais completa.

também pelo o que ela representa em relação à conectividade entre “estranhos” ou “conhecidos” a partir de redes sociais interativas, tais como *YouTube*, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, etc. Questões surgiram a partir daí: onde estão essas memórias e interações? E para onde vão? Seria possível reavê-las ou se perderam em gabinetes de hardwares pelo mundo?

Esses questionamentos tornaram ainda mais instigante a escolha por trabalhar em uma pesquisa centrada na internet, uma vez que ela é volátil e imprevisível. Um dia, uma página pode estar nela; no outro, pode ter sido apagada. Esse fato tornou este trabalho ainda mais desafiador: quais as significativas perdas que já ocorreram e não nos demos conta? Uma vasta quantidade de informações e fontes cabíveis de análise que foram relegadas ao esquecimento e que não poderão mais ser apreendidas por nós historiadores.

Nesse sentido, cabe mencionar o trabalho impressionante que historiadores digitais da Universidade de Columbia<sup>5</sup> fizeram ao recolher memórias, filmagens, fotografias, depoimentos e postagens em redes sociais do atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, os quais foram arquivados e podem ser utilizados em análises sobre esse acontecimento<sup>6</sup>. Atualmente, no contexto da pandemia do novo coronavírus, também vemos algo parecido no Brasil, como é o caso do projeto de extensão do professor Odilon Caldeira Neto, da UFJF, que recolhe e arquiva materiais produzidos pela extrema-direita no que diz respeito à pandemia de COVID-19<sup>7</sup>.

\*\*\*

Este trabalho pretende compreender os discursos sobre a ditadura militar brasileira presentes nos canais da nova direita no YouTube e como eles afetam e influenciam a esfera pública brasileira. Pretende-se entender os porquês de o YouTube ter se tornado um grande veículo de propaganda e de revitalização de uma ação doutrinária da nova direita brasileira, uma vez que muitos dos conteúdos que analisaremos estão sendo aplaudidos e compartilhados, fazendo com que esses discursos ganhem cada vez mais destaque no debate público sobre história atualmente. Ao mesmo tempo, é importante compreender o próprio

---

5 Para saber mais: <https://library.columbia.edu/libraries/ccoh.html>

6 COHEN, D. J. The Future of Preserving the Past. *Journal of Heritage Stewardship*, v. 2, n. 2, p. 6–19, 2005.

7 SOUZA, M. A. C. e. Reflexões sobre a atuação política do “movimento conservador” durante a pandemia de Covid-19. *Anais Eletrônicos do XIX Encontro de História da Anpuh-Rio*, 2020.

funcionamento dessa plataforma digital, uma vez que é a partir de seu algoritmo e mecanismos de funcionamento que as ideias conservadoras ganham diferentes formas de difusão pela Web.

Apesar de trabalharmos com um recorte temporal curto, 2013 a 2018, veremos que não foi necessariamente nesse período que se instalaram no país as disputas de memória no espaço público e nos meios digitais. As memórias estão constantemente em disputa, mas junho de 2013 marca um aprofundamento desse processo, pois há um ofuscamento cada vez maior entre informação e desinformação, culminando na eleição de Bolsonaro em 2018. Outro fator importante para a escolha desse recorte é o fato de que o próprio momento dos acontecimentos de junho de 2013 serviu como um ponto inflexão importante na esfera pública brasileira, principalmente por ter aberto diversos caminhos e possibilidades de crescimento para essa nova direita ganhar as ruas – que desde a década de 1980 eram ocupadas majoritariamente pelas esquerdas nacionais<sup>8</sup>.

Outro fator importante que nos leva a perceber tamanha importância de junho de 2013 é o fato de que tal acontecimento, como apontado por diversos autores - como André Singer<sup>9</sup> e Maria da Glória Gohn<sup>10</sup> - marca uma ruptura na esfera pública nacional, principalmente por ter se desdobrado inicialmente como uma manifestação apartidária. Junho de 2013 acaba por abrir espaço inegável para visões de mundo, de certo modo, fechadas em um círculo social específico, como é o caso dos grupos de extrema-direita que utilizavam a internet como agora e tiveram em 2013 a oportunidade de sair às ruas.

Como veremos adiante, o YouTube sempre se sobressaiu pela grande gama de conteúdos em seu site, no qual praticamente encontra-se de tudo. Com isso, seu algoritmo possibilita um aumento no número de adesão social, pois há sempre algo novo para se assistir, pelo fato de que os vídeos semelhantes são continuamente recomendados quando se está conectado, o que acaba por se transformar em um ciclo quase infinito de vídeos que o internauta possivelmente gostaria de assistir; e, na maioria das vezes, o algoritmo acerta. Uma simples pesquisa sobre “democracia” ou “ditadura” no Google pode levar a uma gama de

---

8 PINTO, C. R. J. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 119–153, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-119153/100>

9 SINGER, A. Brasil, junho de 2013. **Novos Estudos**, v. 97, 2013.

10 GOHN, M. G. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

vídeos da nova direita e, caso você seja um entusiasta, as recomendações pararão de aparecer, o que leva a um labirinto de informações sem fim no qual você escolhe continuar ou não.

Os canais dessa nova direita alcançaram um número enorme de seguidores fiéis a partir de junho de 2013, principalmente nas eleições de 2014, alcançando visibilidade em 2016 com o golpe de Estado<sup>11</sup> sofrido pela presidenta Dilma Rousseff. Juntos, os canais aqui analisados ultrapassam mais de seis milhões de seguidores (somente usuários cadastrados no YT), embora (como veremos adiante na pesquisa) tenha sido nas eleições presidenciais de 2018 que o número de engajamento desses canais chegou em seu ápice<sup>12</sup>. Teorias conspiratórias, negacionismo histórico, ódio, preconceito, conservadorismo, anarcocapitalismo, dentre outros, são alguns dos conteúdos veiculados nesses canais, que chegam a ter milhões de visualizações em seus vídeos semanalmente e, em circunstâncias específicas, diariamente.

Apesar de o YT apagar diversos vídeos nos quais os conteúdos ferem as regras do site, não é incomum a plataforma deixar alguns perigosos passarem por sua fiscalização. Desde uma comunidade ativa de pedófilos até supremacistas brancos, o YouTube sofreu diversas críticas por seu algoritmo, porém nada foi feito até o momento. Isso nos leva a crer na tendência que essas corporações apresentam de abarcar a maior quantidade de conteúdos possíveis, na busca de dissenso a partir da polarização política, para que o site não perca acessos e nem deixe de gerar receitas advindas de tempo de propagandas pagas para a Google (Conglomerado: *Alphabet Inc.*)<sup>13</sup>.

Em relação aos discursos promovidos pela nova direita, podemos dizer que o que antes estava na margem da arena pública e política no Brasil acaba por angariar o *mainstream* do país. Nosso foco está em analisar os discursos proferidos por estes canais no que diz respeito à ditadura militar brasileira. Procuramos, portanto, traçar um perfil de disseminação dessas

---

11 LÖWY, M. O golpe de Estado de 2016 no Brasil. *Em*: BLOG DA BOITEMPO. 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/05/17/michael-lowy-o-golpe-de-estado-de-2016-no-brasil/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

12 Veremos mais à frente como o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e as eleições de 2018 tiveram papel importante no crescimento vertiginoso desses canais. Olhando, por exemplo, o site “[trends.google.com](https://trends.google.com)”, poderemos perceber que as curvas de buscas por esses canais aumentaram a partir de 2016. Em 2018 começaram a estagnar, mas ainda continuaram extremamente expressivas.

13 Conglomerado de tecnologia criado a partir da reestruturação da Google no final de 2015. *Google* passa a ser uma empresa subsidiária da *holding* (ou empresa-mãe) *Alphabet Inc.*, como forma de distanciar e separar diferentes projetos da empresa sem terem, necessariamente, ligação com a/o Google.

ideias pela internet, usando ferramentas do próprio Google, como o *Google Trends*<sup>14</sup>, e outras de terceiros, como o *Social Blade*<sup>15</sup>, *Internet World Stats*, *Our World in Data*, *Alexa* e *CGI*<sup>16</sup>, para adentrar no subterrâneo desses grupos (mesmo que não muito fundo) e compreender melhor seus efeitos na esfera pública e digital brasileira.

A ditadura militar brasileira é geralmente vista nesses canais como “não tão ruim assim” ou “uma história que precisa ser reescrita”. Outro ponto que se sobressai é o de que a esquerda teria escrito a história da ditadura brasileira e, portanto, ela estaria errada e enviesada por um “marxismo cultural” estruturado em escolas, partidos, universidades e mídia. Esse discurso tem suas amarras já nas décadas de 1980 e 1990, principalmente a partir do fim da União Soviética com uma reformulação das ideias anticomunistas mundo afora<sup>17</sup>.

Pretendemos compreender o papel desses novos atores sociais e de seus discursos para a criação de uma opinião pública baseada na disseminação de falseamentos e negações da ciência histórica. Com isso, entenderemos como esse conteúdo consegue abrangência na esfera pública e nas mídias sociais, chegando às ruas com passeatas, carreatas e afins para solicitar algum tipo de intervenção militar.

Os vídeos selecionados para análise seguem quatro padrões principais: 1) ser de um canal de direita, 2) ter como tema principal a ditadura militar brasileira, 3) ser de um canal com mais de 15.000 inscritos e 4) ser um vídeo com mais de 30.000 visualizações. Os canais são: “Jair Bolsonaro”, “Nando Moura”, “LiloVLOG”, “MamãeFalei”, “eGuinorante”, “MBL – Movimento Brasil Livre”, “Lobo Conservador”, “Paula Marisa”, “Brasil Paralelo”, “Terça Livre”, “Bernardo Küster”, “Felipe Dideus”, “Maro Schweder”, “Diego Rox”, “Bruno Jonssen”, “Intervenção Militar Ceará” (antigo nome: “AntiCOMUNISMO”), “Universo” e “Olavo de Carvalho”. Essa delimitação tem como motivo principal desenvolver uma análise

---

14 Google Trends analisa as buscas por determinados conteúdos em seus sites e nos possibilita criar gráficos comparativos de assuntos pesquisados pelos usuários no decorrer do tempo.

15 Social Blade tem gráficos detalhados sobre todos os canais do YouTube, desde visualizações diárias, mensais e anuais, até o número de seguidores por dia. Infelizmente as informações são dos últimos dois anos, mas é possível reaver algumas informações a partir da utilização da ferramenta Wayback Machine do site archive.org.

16 *Internet World Stats*, *Our World in Data*, *Alexa* e *CGI* são plataformas de análises do mundo digital de forma geral, seja número de internautas, plataformas e dispositivos.

17 GIMÉNEZ, M. J.; KAYSEL, A. ¿Nuevos problemas, viejas palabras? La traducción del discurso anticomunista en América Latina: el caso del V Foro Atlántico de la Fundación Internacional para la Libertad (2008). **Les Cahiers de Framespa**, n. 36, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/framespa.10434>. Acesso em: 9 mar. 2022.; SÁ MOTTA, R. P. Anticomunismo e antipetismo na atual onda direitista. *Em*: BOHOSLAVSKY, E.; SÁ MOTTA, R. P.; BOISARD, S. (org.). **Pensar as direitas na américa latina**. São Paulo: Alameda Editorial, 2019.

baseada nos canais de YT da direita são mais conhecidos e possuem maior visibilidade no site, dando-nos um cenário mais acurado referente à disseminação social desse tipo de conteúdo.

Esta pesquisa certamente não pretende esgotar o tema. Busca, sobretudo, trazer contribuições a questões de extrema importância para a ciência histórica, que vem sofrendo ataques dos mais graves a cada dia – na verdade, atualmente, a ciência como um todo vem sendo desacreditada, tendo sua verba cortada e suas pesquisas postas como fraudes.

O primeiro capítulo desta dissertação tem como principal objetivo entender o surgimento da internet, suas continuidades e descontinuidades no tempo presente. Nossa análise partirá da hipótese de que a web se transforma de forma singular a partir de sua difusão na década de 1990, principalmente por sua privatização e fusão com as ideologias de mercado. Além disso, tentaremos compreender como essas grandes empresas monopólicas conseguem utilizar dos algoritmos para fazer com que as pessoas fiquem, de certa maneira, “presas” em conteúdos correlatos, que acabam por formar bolhas ideológicas discrepantes, como é o caso da nova direita, que utiliza as redes sociais como palco para a disseminação de conteúdos extremamente duvidosos e discursos de ódio.

O segundo capítulo parte da premissa de que o YouTube é uma nova forma de difusão de conteúdos dos mais variados. Focaremos principalmente na nova direita, que ganha força na plataforma nos anos posteriores aos acontecimentos de junho de 2013. Para isso, analisaremos como essa direita emerge no país a partir dos anos de 1980, e como as transformações que sofreu podem ser contínuas ou descontínuas no tempo presente. Outro fator importante de análise dessa reaparição da direita será sua organização no seio das sociedades empresariais, bem como suas relações com uma ação político-ideológica que foi sendo formulada nas décadas posteriores, como bem analisado por Casimiro<sup>18</sup>.

O terceiro capítulo, tem como principal objetivo entender como essa nova direita vem agindo no YT no que diz respeito à temática da ditadura militar brasileira. Depois de termos analisado suas formas de ação no capítulo anterior, buscaremos os caminhos discursivos desses agentes políticos, como estão ligados, de certa forma, à disseminação de negacionismos históricos na arena política do país e como ganham força na esfera pública. Além disso, perceberemos como esses discursos têm ligação direta e indireta com enunciados propagados pelos militares golpistas de 1964 ao longo de toda a ditadura militar, havendo

---

18 CASIMIRO, F. H. C. **A nova direita:** aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ainda resquícios desse pensamento até os dias atuais, principalmente no alto escalão do exército brasileiro.

Esses discursos de revisão e/ou negação da ditadura militar serão divididos por temáticas, sendo estas as mais frequentes nos vídeos, que vão desde a negação completa de que não houve ditadura, até as mais complexas que dizem respeito ao apoio civil ao golpe. Assim, no terceiro capítulo também analisaremos os usos políticos do passado da ditadura militar no tempo presente e como isso transformou a política no Brasil, especialmente entre junho de 2013 e as eleições de 2018, em que um candidato abertamente defensor do período ditatorial brasileiro foi eleito presidente.

## CAPÍTULO 1 – INTERNET COMO FONTE

Para compreendermos o que será analisado mais à frente, é preciso reconhecer que a internet mudou drasticamente a forma como nos comunicamos, socializamos, interagimos e, por conseguinte, pesquisamos. Por isso, ao realizar esta dissertação, usei a internet como início, meio e fim, ou seja, todos os processos de pesquisa, escrita, correção, alinhamento metodológico, análise de fontes e finalização deste trabalho transpassaram pela internet.

Como já é comum para grande parte das pessoas, usei um computador para escrever esta pesquisa. Além disso, os mais variados textos usados aqui como aporte teórico foram adquiridos, se não exclusivamente na internet (artigos de revistas indexadas gratuitamente na rede), por intermédio de sites de compra de livros e de editoras. Outro aspecto importante da pesquisa são as fontes, que também foram retiradas exclusivamente da Web 2.0, como vídeos, jornais, notícias, comentários, gráficos, imagens, áudios, etc. Portanto, a internet perpassa por todas as dimensões da pesquisa.

Um fato que se tornou cotidiano para alguns pode passar despercebido: a *internet* vem agindo e sendo objeto de ação por nós historiadores há um bom tempo, porque não a analisar criticamente?

De forma sucinta, utilizando uma frase de Anita Lucchesi<sup>19</sup>, a pesquisa objetiva “fazer história através (Internet como ferramenta), a partir (Internet como Fonte) e com a Internet (a Internet como uma matéria que engendra a possibilidade de um novo método)”.

Primeiramente, o que mais interessa compreender é no que a internet se tornou e o que está acontecendo com ela na atualidade. Para isso, mobilizaremos um debate crítico e teórico a partir de autores diversos a fim de entender melhor as potencialidades analíticas com e na internet.

Assim, este capítulo pretende compreender como o advento da internet introduziu um novo limite na comunicação, em que a informação imediatizada toma o lugar de informações mais cautelosas e minuciosas<sup>20</sup>. A partir daí, conseguiremos delinear as redes sociais como

---

19 LUCCHESI, A. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. **XXVII Simpósio Nacional de História**, v. 1, n. 1, p. 1–17, 2013. p. 7.

20 RAMONET, I. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados? *Em*: MORAES, D. de; RAMONET, I.; SERRANO, P. (org.). **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. p. 56.

novos veículos audiovisuais de transmissão de informação, com abrangência suficiente para pautar o debate público e, além disso, introduzir uma nova forma de compartilhamento de memória, principalmente no que diz respeito às suas disputas no tempo presente.

Muito mais que contextualizar o período, queremos aqui destrinchar os detalhes das formas de comunicação que surgiram nos anos anteriores e posteriores ao advento de uma internet acessível globalmente (ou, mais especificamente, a Web 2.0, com o advento das redes sociais e novas maneiras de se navegar na rede).

A partir da crise imobiliária de 2008 nos Estados Unidos, vimos o surgimento de movimentos gigantescos de repúdio às políticas vigentes ao redor do mundo, como a chamada “Primavera Árabe” e o “*Occupy Wall Street*”, os quais tiveram como principal reduto organizacional e comunicacional a internet, principalmente as redes sociais (*Twitter* e *Facebook*) e os fóruns de discussão *on-line* (*Achan* e *Reddit*). Por isso, queremos compreender como a internet mudou drasticamente a forma como o mundo passou a se comunicar, uma vez que

as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), também alteram radicalmente a organização espaço-temporal da vida social, o que, portanto, toca diretamente nas matérias matriciais com que lida o historiador em seu ofício<sup>21</sup>.

Dessa forma, por lidar exclusivamente com fontes digitais, nosso trabalho leva em consideração a ideia de que, para compreendermos o presente, é necessário não negligenciar as fontes digitais, pois:

negligenciar as fontes digitais e a Internet significa fechar os olhos para todo um novo conjunto de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que vêm se desenvolvendo juntamente com o crescimento e popularização da rede mundial de computadores<sup>22</sup>.

## 1.1 – Internet: ontem e hoje

No final da década de 1960, têm-se as primeiras movimentações do Departamento de Defesa dos Estados Unidos para a criação de uma rede de computadores capaz de conectar

---

21 LUCCHESI, 2013, p. 2.

22 ALMEIDA, F. C. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos*, v. 8, n. 3, p. 9–30, 2011. p. 12.

diferentes instituições estatais e acadêmicas a fim de garantir a comunicabilidade estratégica e a segurança do país na Guerra Fria. Surge, então, a ARPANET<sup>23</sup> (*Advanced Research Projects Agency Network*), uma das primeiras a utilizar a *comutação de pacotes*<sup>24</sup> e também a implementar os protocolos *TCP/IP*<sup>25</sup>, na década de 1970, que seriam as bases técnicas da internet<sup>26</sup>. Em 1975, a rede tinha dois mil usuários, dentre os quais pesquisadores universitários, alunos, professores, militares, etc.<sup>27</sup>.

O importante, por agora, é reconhecermos que até meados da década de 1990, a internet era um empreendimento estatal-militar-acadêmico. Após o fim da URSS, começou a passar por mudanças significativas.

Em 1991, foi lançada a *web*, desenvolvida pelos cientistas Timothy Barners-Lee e Robert Cailau, ambos do CERN (*Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire*). A *web* foi considerada um marco, uma vez que essa tecnologia facilitou o acesso à rede mundial de computadores por usuários não profissionais através de uma interface repaginada<sup>28</sup>. Essa é a tecnologia que conhecemos hoje: WWW (*World Wide Web*). Para Dilton Maynard<sup>29</sup>, a *web* teria sido uma peça estratégica fundamental para o sucesso comercial da internet, sendo o resultado de um projeto “cujo objetivo era interligar os pesquisadores de vários institutos pela internet”.

---

23 Criada pela ARPA (*Advanced Research Projects Agency*). “A ARPA [instituição criada em 1958] seria incumbida de mobilizar recursos de pesquisas, principalmente no âmbito universitário, com o objetivo de alcançar a superioridade tecnológica-militar em relação à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, funcionando como uma espécie de resposta institucional norte-americana ao lançamento do primeiro satélite Sputnik, em 1957” (MAYNARD, 2011, p. 18).

24 Comutação de pacotes nada mais é que carregar informações (*bytes*) gradativamente. Segundo Dilton Maynard (2011, p. 26): “Em lugar de oferecer ao destinatário o conteúdo de uma novela, todo ele encadernado, mandar o texto aos pedaços, para que ele fosse posteriormente reunido, montado e, só depois de recebido o último pacote, compreendido”. Segundo Peter Burke e Asa Briggs (2006), esse foi o primeiro sistema de dados empacotados da história.

25 TCP/IP é um amálgama de protocolos comunicacionais entre computadores em rede. TCP seria *Transmission Control Protocol* e o IP seria *Internet Protocol*. Segundo Bolaño e Vieira (2014, p. 73), esses protocolos foram desenvolvidos a fim de “suprir a demanda crescente de comunicação entre várias máquinas de institutos de pesquisa ou instituições militares. Ao utilizar redes de comutação de pacotes, o protocolo era capaz de identificar e encontrar a melhor rota possível entre dois sites, além de ser capaz de procurar rotas alternativas para chegar ao destino, caso qualquer uma das rotas tivesse sido destruída”.

26 BOLAÑO, C. R. S.; VIEIRA, E. S. Economia Política da Internet e os Sites de Redes Sociais. **Revista Eptic Online**, v. 16, n. 2, p. 75–88, 2014. ; MAYNARD, D. C. S. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

27 BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma História Social da Mídia De Gutenberg à Internet**. ZAHAR, 2006.

28 BOLAÑO; VIEIRA, 2014, p. 73.

29 MAYNARD, 2011, p. 30.

Pode-se dizer que a *World Wide Web* é a responsável pelo crescimento vertiginoso da utilização da internet pelo mundo nas últimas décadas, tendo em vista que ela padroniza e facilita seu uso. Segundo Pierre Lévy<sup>30</sup>, a WWW é uma ferramenta que agrupa, “em um único e imenso hipertexto ou hiperdocumento (compreendendo imagens e sons), todos os documentos e hipertextos que a alimentam”<sup>31</sup>. Ou seja, é o que torna “navegar” e “surfear” na internet aprazível e, de certa forma, fácil, com imagens, textos, sons, vídeos, documentos, links, etc. Todos interligados entre si. Segundo Timothy Barners-Lee:

[...] "Suponha que eu tenha a possibilidade de programar meu computador para criar um espaço em que tudo possa ser ligado a tudo", especulava ele. "Suponha que toda a informação arquivada nos computadores de todos os lugares estivesse interligada"<sup>32</sup>.

A mudança ocorrida entre a ARPANET e a *web* é significativa, uma vez que abriu espaço para a mercantilização da internet, formando uma “cadeia econômica de exploração da rede baseada então essencialmente nos serviços de provedores de acesso”<sup>33</sup>. Além disso, pode-se dizer que:

Não se trata somente da passagem de uma lógica estatal para outra privada, mas, por um lado, de uma economia pública, centrada no investimento estatal, para outra de mercado, de acordo com diferentes modalidades de mercantilização e, por outro, de uma lógica política militar, de defesa, para outra, de privatização, regulação e globalização econômica, de apoio à reestruturação capitalista e à manutenção da hegemonia norte-americana nas relações internacionais no campo econômico<sup>34</sup>.

A internet enquanto um negócio privado conseguiu, a partir da venda dos provedores, alçar voo em direção aos computadores pessoais. No final do primeiro ano de funcionamento da rede, em 1995, ela já contava com mais de 16 milhões de usuários. Cinco anos depois, chegou a quase 400 milhões<sup>35</sup>. Em 2020, ela contava com quase cinco bilhões (63,2% da população mundial) de usuários<sup>36</sup>.

---

30 LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

31 Ibid., p. 22.

32 BARNERS-LEE apud BRIGGS; BURKE, 2006, p. 302.

33 BOLAÑO; VIEIRA, 2014, p. 3.

34 BOLAÑO, C. R. S. *et al.* **Economia Política da Internet**. 2. ed. UFS-Aracajú: Ed. UFS, 2011. v. 1p. 49.

35 MAYNARD, 2011, p. 34.

36 INTERNET World Stats, disponível em: <https://www.internetworldstats.com/stats.htm> Acesso: 03/09/2020.

Para Dilton Maynard<sup>37</sup>, esse crescimento e sucesso da rede em seu início foi possível por três razões principais: (1) O projeto da ARPANET, que se baseava em “uma arquitetura de múltiplas camadas, descentralizada e com protocolos de comunicação aberto”, o que teria permitido reconfigurações infinitas de “forma a acomodar necessidades de comunicação”<sup>38</sup>; (2) A Guerra Fria enquanto um contexto favorável para angariar recursos financeiros a projetos científicos, além de que a proposta dos pesquisadores da ARPA foi produzir algo que fosse simultaneamente lucrativo para a economia e vantajoso para os militares: “Por isto, desde a década de 1980 os fabricantes eram incentivados pelo Departamento de Defesa a incluírem o *TCP/IP* como protocolos em seus computadores”<sup>39</sup>; (3) O impulso político advindo da campanha de Bill Clinton à presidência dos EUA em 1992, em que o futuro presidente estadunidense decidiu incluir a popularização da internet em sua campanha a partir da ideia de uma “América conectada por redes de educação e informação”<sup>40</sup>.

Contudo, não podemos deixar de lado o fato de que o capital especulativo teve papel importante nesse sucesso imediato. Para Bolaño e Vieira<sup>41</sup>, a ação conjugada entre setor privado, Estado e academia era atraente para o capital de risco estadunidense. De acordo com os autores, “o capital especulativo encontra no setor oportunidades e grandes investimentos são feitos, capazes de transformar pequenas empresas criadas por estudantes universitários em grandes corporações, alimentando o mito norte-americano do *‘self-made man’*”<sup>42</sup>. Devemos notar também que os fundadores de empresas como *Google* e *Facebook* são originários de universidades (como a de Stanford) que apoiam o desenvolvimento de projetos “fornecendo inclusive a infraestrutura inicial de servidores e laboratórios”<sup>43</sup>. Por isso, “empresas de capital de risco, como a *Sequoia Capital*, por sua vez, costumam dar o impulso primário necessário para a expansão dessas pequenas empresas que já nascem num ambiente propício para o desenvolvimento”<sup>44</sup>.

Algo que demonstra o engajamento do capital de risco no começo da internet foi o que ocorreu nos EUA durante os anos de 1994 e 2000, ficando conhecido como a “bolha especulativa da internet”. O estouro da bolha foi marcado em março de 2000, em que o índice

---

37 MAYNARD, 2011.

38 Ibid., p. 32.

39 Ibid., p. 33.

40 ERCÍLIA, M.; GRAEFF, A. **A internet**. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008. p. 14.

41 BOLAÑO; VIEIRA, 2014.

42 Ibid., p. 74.

43 Ibid.

44 Ibid.

NASDAQ (*National Association of Securities Dealers Automated Quotations*) bateu o pico de mais de cinco mil pontos, supervalorizando as ações de diversas empresas de tecnologia, como a *Microsoft*, *IMB* e *Oracle*. Era tão lucrativo especular sobre empresas de tecnologia com final “ponto com” (*dot com*) que muitas empresas vistas como potenciais viam logo suas ações aumentando de preço. O índice NASDAQ, no começo de 2001, havia voltado ao normal, porém, como pontuam Bolaño e Vieira, o estouro da bolha da internet no ano de 2000

se traduzirá num extenso processo de demissões em massa e de fusões que constituirão o atual oligopólio da rede. *As empresas que conseguiram sobreviver à crise são exatamente as gigantes que conhecemos hoje, as quais passaram a utilizar a Internet como plataforma e não mais como ferramenta*<sup>45</sup>.

Esse contexto de crise e tentativa de reestruturação da economia das empresas de tecnologia abriu espaço para a busca de novos financiamentos a partir do capital publicitário, ou seja, para o processamento, controle e manipulação dos fluxos de informação na *web*, principalmente quando falamos dos mecanismos de busca, como o *Google*, *Yahoo!*, *Bing*, dentre outros, que viriam “acompanhados de seus modelos de acumulação baseados na venda de anúncios altamente segmentados”<sup>46</sup>. Esse modelo voltado ao capital publicitário ganharia novos ares com o surgimento das redes sociais, que veremos mais adiante neste trabalho.

## 1.2 – Redes sociais (Web 2.0) e a História digital

Importante ressaltar o papel fundamental das redes sociais na criação da chamada *Web 2.0*. Antigamente, o usuário era somente um receptor de informação, navegando em sites nos quais sua interação era passiva. Com o advento deste novo modelo comunicacional, tem-se a oportunidade de o usuário tornar-se ativo na produção de informação, principalmente a partir de blogues, redes sociais, fóruns on-line, etc. Para além disso, pode-se dizer que:

a web 2.0 significou uma mudança de mentalidade dos desenvolvedores de sites da Internet. A partir da aplicação de conhecimentos técnicos preexistentes, *passou-se a valorizar a interatividade entre os usuários e os sites*. Com base nesta interatividade, os usuários passaram a colaborar de

---

45 Ibid. Grifo meu

46 MONTEIRO, A. Q. **Google e Infoespolição**: Internet, informação e acumulação de capital. 167 f. 2013. - Universidade Estadual Paulista, 2013. p. 3.

forma ativa com a melhoria das páginas, ou mesmo com a construção de novas páginas. Ferramentas mais simples para a criação de sites foram disponibilizadas, aumentando drasticamente o número de pessoas que se aventuram na construção de páginas na Internet<sup>47</sup>.

O usuário agora pode interagir com uma página da Web fazendo comentários, criando uma conta ou perfil em determinados sites, e assim por diante. Aumenta-se, então, o potencial participativo das pessoas conectadas na rede. Com isso, a internet se torna um amálgama de uma vasta quantidade de discursos, seja de instituições, indivíduos ou comunidades. Para Jairo Antonio Melo<sup>48</sup>, a análise específica feita pela História digital:

considera que los objetos digitales son el producto de la sociedad interactuando en la Web, de hecho, son manifestaciones de interacciones en la red, de un tipo especial de relación de los individuos con sus comunidades cotidianas y con aquellas con quienes construye una cotidianidad virtual a través de canales específicos como las redes sociales<sup>49</sup>.

Para além disso, é importante uma análise dos meios nos quais os usuários estão inseridos diariamente, uma vez que são eles que tornam possível tal construção de uma “cotidianidade virtual”. Contudo, até que ponto essa Web 2.0 é realmente algo novo?

Christian Fuchs<sup>50</sup> fala sobre a criação do termo Web 2.0 por Tim O’Rilley, em 2005, enquanto uma forma de se reaver a atenção dos investidores para a rede mundial de computadores pós-crise de 2000. Essa interface repaginada teria sido, assim, uma forma de convencer o capital de risco a criar diferentes e novas formas de acumulação de capital:

A ideologia de que a web 2.0 é algo novo e diferente e que possui novos potenciais econômicos e democráticos ajudou a convencer os investidores. A Web 2.0 e as mídias sociais nasceram, portanto, na situação de crise capitalista como ideologias voltadas para a superação da crise e o estabelecimento de novas esferas e modelos de acumulação de capital para a economia corporativa da Internet. A conversa sobre novidade tinha como objetivo atrair novos investimentos de capital<sup>51 52</sup>.

---

47 ALMEIDA, 2011, p. 14. Grifo meu

48 MELO, J. A. F. Historia digital: La memoria en el archivo infinito. **Historia Critica**, v. 43, n. 2010, p. 82–103, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/histcrit43.2011.06>

49 Ibid., p. 89.

50 FUCHS, C. **Social Media: a critical introduction**. Londres: SAGE, 2014.

51 Ibid., p. 34–35.

52 “The ideology that web 2.0 is something new and different and that it has new economic and democratic potentials helped to convince investors. Web 2.0 and social media were therefore born in the situation of capitalist crisis as ideologies aimed at overcoming the crisis and establishing new spheres and models of capital accumulation for the corporate Internet economy. The talk about novelty was aimed at attracting novel capital investments”.

Isso não quer dizer, todavia, que realmente nada tenha mudado. Na verdade isso significa que não houve uma mudança abrupta e repentina entre a Web e a Web 2.0, uma vez que já existiam redes sociais na década de 1990<sup>53</sup>. A questão aqui são as continuidades e descontinuidades ocorridas no decorrer do tempo. Temos de ter em mente também que na Web 2.0, em termos de novidade, é preciso saber se são novidades tecnológicas, padrões de uso ou relações de poder.

Para Fuchs<sup>54</sup>, apesar da Web 2.0 não ser algo novo:

No que diz respeito ao uso, essas tecnologias não eram populares na década de 1990 e se tornaram populares recentemente. Já das relações de poder da Internet, é tão improvável que nada mude como é improvável que haja uma mudança radical, porque em um certo nível de sua organização o capitalismo requer mudanças e novidades para permanecer o mesmo (sistema de exploração de mais-valia e acumulação de capital) e continuar existindo<sup>55 56</sup>.

No caso das redes sociais, as informações dos usuários são vendidas a empresas de marketing, transformando-as em *mercadoria audiência*<sup>57</sup>, ou seja, a empresa, que recebe dinheiro de anunciantes, coleta esses dados e os transformam em mercadoria a partir de algoritmos e refinamento de dados (chamado, também, de *Data Science*). Diferentemente dos anúncios de TV, os da internet são extremamente segmentados, podendo até ser individualizados a partir de um banco de dados criado pela empresa. Isso é fácil de se observar quando alguém procura algum tipo de produto no buscador da Google e, logo depois, ao entrar em suas redes sociais, percebe anúncios “relevantes” sobre aquele tipo de produto procurado anteriormente.

Podemos discutir esses processos a partir da análise de Monteiro<sup>58</sup> sobre *infoespoliação*. Segundo ele, fica nítido como a

---

53 BEER, D. Social network(ing) sites...revisiting the story so far: A response to danah boyd & Nicole Ellison. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 2, p. 516–529, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2008.00408.x>; BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210–230, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>

54 FUCHS, 2014.

55 Ibid., p. 35.

56 “On the level of usage, these technologies were not popular in the 1990s and have become popular rather recently. On the level of the power relations of the Internet, it is just as unlikely that nothing changes at all as it is unlikely that there is radical change, because at a certain level of its organization capitalism requires change and novelty in order to stay the same (system of surplus value exploitation and capital accumulation) and continue to exist”.

57 BOLAÑO; VIEIRA, 2014.

58 2013.

[...] intencionalidade dos usuários colocada no processo interativo da internet comercial perpassa fluxos de informações, organizados com vistas a alimentar banco de metadados estratégicos e imprescindíveis para o processo de segmentação dos produtos, sobretudo no modelo de acumulação desenvolvido pela Google<sup>59</sup>.

Mais à frente, veremos como o YT se utiliza da segmentação massiva de anúncios, conta com uma inteligência artificial (IA) completamente voltada para o objetivo de fazer com que as pessoas permaneçam a maior parte de seu tempo conectadas em sua plataforma, além de viabilizar o compartilhamento de ideias fortemente contrárias aos ideais democráticos<sup>60</sup>.

### 1.3 – O *YouTube*

O YouTube se consagrou na internet enquanto uma plataforma gratuita de vídeos criados e “postados” pelos usuários. Tornou-se o maior site de compartilhamento desse tipo de material do mundo e é, atualmente, o segundo site mais visitado do planeta. Com milhares de conteúdos audiovisuais sendo disponibilizados diariamente, esse é um universo completamente novo de fontes digitais.

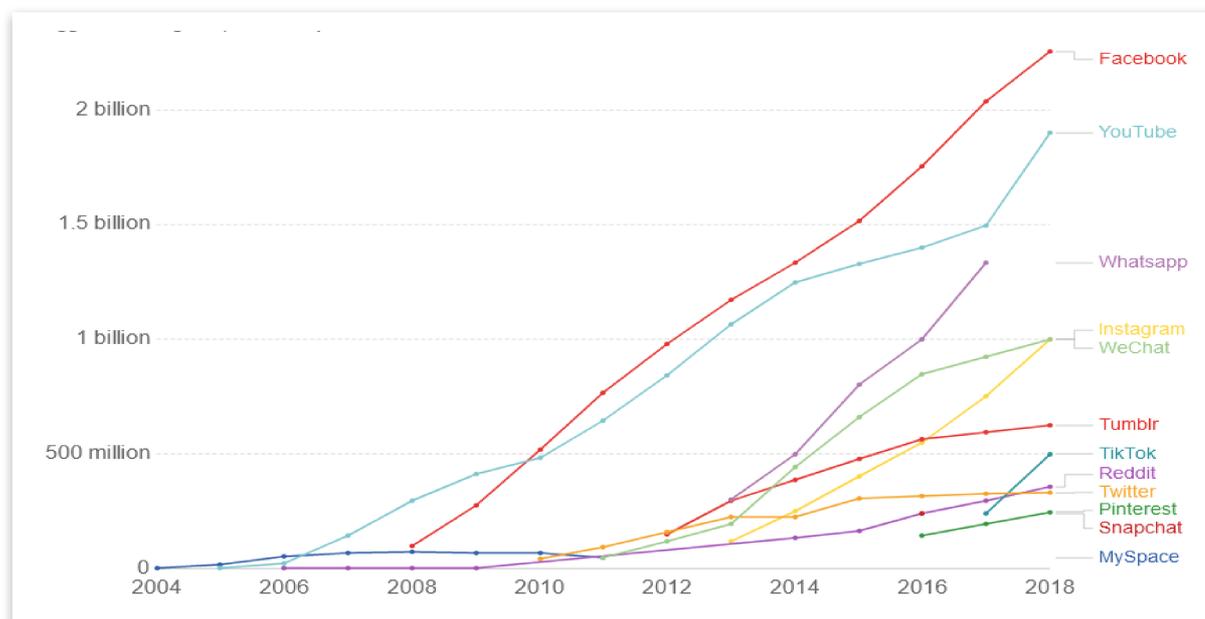
O site foi criado em fevereiro de 2005, por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, e vendido para a Google em 2006, por aproximadamente 1,6 bilhão de dólares. Em fevereiro de 2017 era postado a cada minuto mais de 400 horas de conteúdo, e um bilhão de horas eram assistidas por dia na plataforma. O gráfico (figura 1) a seguir demonstra o crescimento mundial das plataformas de mídia social entre 2004 e 2018, incluindo o YouTube (em azul).

---

59 Ibid., p. 71.

60 CHASLOT, G. How YouTube’s A.I. boosts alternative facts. *Em*: MEDIUM. 2017. Disponível em: <https://guillaumechaslot.medium.com/how-youtubes-a-i-boosts-alternative-facts-3cc276f47cf7>

Figura 1 - Número de pessoas usando plataformas de redes sociais 2004-2018



Fonte: Our World in Data, Statista e TNW (2019)

Fato a se mencionar é que o YT, em seus meses iniciais (antes de ser adquirido pela Google), não dava conta da quantidade de usuários e vídeos, chegando até mesmo a entrar em estado de falência.

Durante el extendido conflicto judicial entre Viacom y YouTube, se divulgó información secreta sobre la contabilidad de los primeros dieciocho meses operativos de YouTube (desde febrero de 2005 hasta agosto de 2006). La suma de egresos superaba los U\$S 11,5 millones, y se basaba, principalmente, en gastos de alojamiento en sus servidores (U\$S 8 millones) originados por el crecimiento exponencial en los últimos meses previos a la adquisición de la firma por parte de Google. A este número, se suman U\$S 3 millones en gastos de personal y erogaciones por la creación de su propio departamento de comercialización [...] *Esto revelaría que YouTube no era rentable antes de ser vendida a Google*. No solo eso, en realidad enfrentaba un escenario de compleja resolución. En primer lugar, no disponía del poder económico para hacer frente a su continuo crecimiento o, visto de otro modo, *no lograba monetizarse en los niveles necesarios*<sup>61</sup>.

61 LUCERO, H.; GONZÁLEZ, J. Internet: entre las posibilidades de lo intangible, la dinámica social y las reconfiguraciones del capital - Proceso de producción de conocimiento: Avance de investigación en curso. **XXIX Congreso ALAS Chile y emergencias sociales en America Latina**, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15332/s0120-8454.2014.0085.04p.8>.

É logo após a aquisição<sup>62</sup> da Google que o YouTube começa a firmar diversos acordos com alguns meios de comunicação mundo afora para que se pudesse reproduzir vídeos protegidos por *copyright* (direito autoral) de diversas empresas de comunicação, música e audiovisual, como NBC-EUA, Warner Music Group, Universal Music Group, Sony e CBS. Com isso, podemos afirmar que o YT cresceu de forma avassaladora após 2006 pelo fato de entrar em um monopólio capaz de criar as bases para a sua acumulação de capital, a partir da segmentação de anúncios praticada pela Google. Ou seja, os crescentes custos operacionais dos sites que “tienen un gran número de conexiones generan una tendencia hacia la desaparición o hacia un isomorfismo de carácter capitalista en algunos casos. De este modo, surgen las plataformas crecientemente monopólicas”<sup>63</sup>.

Esse crescimento vertiginoso e monopólico das plataformas de redes sociais deve ser levado em consideração, uma vez que as redes sociais desenvolveram uma nova forma de compartilhamento de ideias e relacionamentos sociais. A grande gama de conteúdo disposta nesses sites é extremamente rica para o entendimento do tempo presente brasileiro e global.

Pelo fato de poder-se compartilhar conteúdo de forma exponencial por meio de uma plataforma gratuita, a esfera pública se amplia não se restringindo somente a debates oriundos da mídia tradicional. Agora, qualquer pessoa com acesso à internet pode expor sua opinião publicamente e ser assistida por uma infinidade de pessoas, o que antes ficava restrito ao espaço público privado e midiático.

De acordo com a estimativa da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>64</sup>, em 2016, 64,7% da população brasileira acima de 10 anos possui acesso à internet. Desse número, 76,4% alega que utiliza a internet para assistir conteúdo audiovisual. Já um levantamento<sup>65</sup> feito pelo próprio YouTube, em julho de 2017, mostra que 95% da população brasileira com acesso à internet acessa o YT pelo menos uma vez por mês, além de que as pessoas entre a idade de 18 e 49 anos preferem YT a televisão a cabo. Também é importante ressaltar um outro dado emitido pelo site, apontando que “87% (dos usuários) concordam que

---

62 Vale ressaltar que essa aquisição pela Google foi um dos principais motivos do grande aumento de público na plataforma YouTube, como bem demonstra a figura 1. Entre 2006 e 2010 o YouTube teve um aumento de quase 500 milhões de usuários, como bem demonstrado na figura 1.

63 GONZÁLEZ, J.; LUCERO, H. Youtube: tensiones y reconfiguraciones entre creación social y acumulación del capital. *Question*, v. 1, n. 40, p. 310–324, 2013. p. 310.

64 Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>

65 Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/introducao/>>

(o *YouTube*) é uma plataforma que permite o consumo de qualquer tipo de conteúdo, quando e onde quiser; 78% concordam que aqui é o lugar para encontrar os conteúdos mais autênticos”<sup>66</sup>.

Nesse contexto, podemos dizer que o YT possui uma grande extensão de comunicação de massa, capaz de atingir públicos de todas as idades, os quais podem ter acesso aos vídeos a qualquer hora. Com uma linguagem acessível e rápida, essa nova mídia audiovisual possui uma influência significativa sobre a formação cultural, social e política das pessoas, e esse fato não pode ser deixado ignorado. Segundo os autores Jean Burgess e Joshua Green<sup>67</sup>, o YouTube seria um exemplo de cultura participativa, isto é, um espaço onde os espectadores são ativos na criação (requisitando pautas e assuntos aos canais) e na circulação de conteúdo (compartilhando em outras redes sociais). Portanto, tal participação, seja nos comentários aos vídeos seja em suas avaliações, torna o YT um espaço potencial para disputas simbólicas e expressões pessoais, além do fato de que qualquer pessoa estaria apta a contribuir para a compreensão, produção e difusão do conhecimento histórico sobre o passado<sup>68</sup>.

Isso posto, esta dissertação parte da constatação de que essa “nova mídia” chamada YouTube está presente de forma significativa na vida das pessoas com acesso à internet, sendo um veículo poderoso para a divulgação e circulação de ideias. Torna-se preciso, então, refletir sobre a produção e disseminação das ideias aqui analisadas, principalmente pelo fato de estarem ligadas a uma vertente de pensamento crescente no debate público inserido no atual contexto sociopolítico. Isso acaba por influenciar negativamente a memória nacional sobre temas de importância histórica para o Brasil, que por vezes são abarcados de forma rasa e/ou radical, com constatações sem embasamento que visam diminuir as abordagens acadêmicas sobre o tema.

---

66 Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/de-play-em-play/>>

67 BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a Revolução Digital**. São Paulo: Aleph, 2009.

68 MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 74, p. 135–154, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>

#### 1.4 – Uma nova esfera pública: *Rabbit hole* e “capitalismo de vigilância”

O YouTube tem potencial de moldar pensamentos? O seu algoritmo interfere de alguma forma na esfera pública? Até que ponto ele pode ser considerado uma esfera pública<sup>69</sup> participativa, crítica e de cunho verdadeiramente democrático?

Para pensarmos essas questões, devemos começar com noções primordiais para o entendimento do YT: é uma plataforma de conteúdo audiovisual que angaria capital a partir da coleta de dados de seus usuários. A plataforma tem como sua principal premissa (desde meados de 2012) a de que o usuário seja “encorajado” a permanecer a maior parte de seu tempo assistindo conteúdos na plataforma, o que eles chamam de *watch time*<sup>70</sup>. Segundo eles:

Nos últimos meses, fizemos algumas alterações no YouTube para incentivar as pessoas a passar mais tempo assistindo, interagindo e compartilhando com a comunidade. Para oferecer suporte a isso, atualizamos o que chamamos de recursos de descoberta de vídeo, ou seja, como nossos espectadores encontram vídeos para assistir por meio de pesquisas e vídeos sugeridos. *Essas mudanças destacam melhor os vídeos que os espectadores realmente assistem, em vez daqueles em que clicam e depois abandonam*<sup>71 72</sup>.

O funcionamento do algoritmo do YT parte da premissa de que o usuário deve ser convencido a assistir mais um vídeo. Para Lauren Bryant<sup>73</sup>:

A medida de sucesso do algoritmo do YouTube é convencer o usuário a assistir a um vídeo adicional após o término do primeiro vídeo. O comportamento padrão do *player* do YouTube é reproduzir imediatamente o vídeo sugerido, um problema por si só com o consentimento. O algoritmo melhora por meio do aprendizado de máquina [*machine learning*], o que significa que toda vez que há uma interação bem-sucedida e um usuário permite que um dos vídeos sugeridos seja reproduzido, o algoritmo descobre que existe uma relação entre o vídeo assistido e o vídeo sugerido<sup>74</sup>.

69 HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigação sobre uma categoria da sociedade burguesa. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

70 Para saber mais: <https://youtube-creators.googleblog.com/2012/08/youtube-now-why-we-focus-on-watch-time.html>

71 MEYERSON, E. **YouTube Now**: Why We Focus on Watch Time. 2012. Disponível em: <https://blog.youtube/news-and-events/youtube-now-why-we-focus-on-watch-time/>. . Grifo meu

72 “Over the past few months we have made some changes to YouTube to encourage people to spend more time watching, interacting, and sharing with the community. To support this, we’ve updated what we call video discovery features, meaning how our viewers find videos to watch via search and suggested videos. These changes better surface the videos that viewers actually watch, over those that they click on and then abandon”.

73 BRYANT, L. V. The YouTube Algorithm and the Alt-Right Filter Bubble. **Open Information Science**, v. 4, n. 1, p. 85–90, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/opis-2020-0007>

Algo importante desse novo mecanismo algorítmico de sugestão de vídeos é que ele, segundo Guillaume Chaslot<sup>75 76</sup>, impulsiona “fatos alternativos” em detrimento de fatos científicos. Ou seja, o algoritmo do YT, na maioria dos casos em que se recomenda algo relacionado a uma pesquisa que possa ser alvo de teorias conspiratórias, acaba por recomendar teorias da conspiração, como terra plana, “falso” aquecimento global, *pizzagate*, etc. O autor chama isso de “efeito bola de neve que impulsiona conspirações”<sup>77</sup>:

Quando um vídeo de conspiração é favorecido pela I.A. [*Inteligência artificial*], dá um incentivo aos criadores de conteúdo para que carreguem vídeos adicionais que corroborem a conspiração. Por sua vez, esses vídeos adicionais aumentam as retenções de estatísticas da conspiração. A seguir, a conspiração é ainda mais recomendada<sup>78 79</sup>.

A título de exemplificação: ao se pesquisar se a terra é plana ou redonda, as recomendações do próprio YouTube serão de vídeos que afirmam que a terra é plana. O mesmo acontecerá com os casos “Pizzagate”, a realidade do aquecimento global e o verdadeiro sexo de Michele Obama por exemplo.

A partir desse sistema de recomendação de vídeos e o chamado “*watch time*”, muitos começaram a chamar de *Rabbit hole*<sup>80</sup> (toca do coelho) esse efeito de ficar preso ou se perder nas incessantes recomendações de vídeo do site. Com base na coleta dos dados de seus usuários, o YouTube recomenda o que ele mais procura ou assiste, o que transparece na realidade de cada um de seus usuários cadastrados. Aliado a isso, em 2016 a plataforma criou

---

74 “The measure of success for the YouTube algorithm is convincing the user to watch an additional video after the end of the first video has finished. The default behavior of the YouTube player is to immediately play the suggested video, an issue in itself with consent. The algorithm improves through machine learning which means every time it has a successful interaction, and a user allows one of the suggested videos to be played, the algorithm learns that there is a relationship between the video watched and the video suggested”.

75 Guillaume Chaslot foi um dos engenheiros/programadores que ajudaram a criar o algoritmo e a inteligência artificial do *YouTube*, também criador do site [algotransparency.org](http://algotransparency.org). Ele desenvolveu um software de código aberto para explorar as recomendações mais frequentes de algum assunto no YouTube, que pode ser visto aqui: <https://github.com/pnbt/youtube-explore>.

76 CHASLOT, 2017.; CHASLOT, G. How Algorithms Can Learn to Discredit “the Media”. *Em*: . . . MEDIUM. 2018. Disponível em: <https://guillaumechaslot.medium.com/how-algorithms-can-learn-to-discredit-the-media-d1360157c4fa>

77 “Snowball effect that boosts conspiracies”.

78 CHASLOT, 2017. Grifo meu

79 “Once a conspiracy video is favored by the A.I., it gives an incentive to content creators to upload additional videos corroborating the conspiracy. In turn, those additional videos increase the retention statistics of the conspiracy. Next, the conspiracy gets recommended further”.

80 Para saber mais: <https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html>  
Acesso: 29/09/2019.

uma inteligência artificial<sup>81</sup> poderosa "que aprendeu com o comportamento do utilizador e juntou vídeos com recomendações para outros"<sup>82 83</sup>.

Outro exemplo relevante das pesquisas de Chaslot<sup>84</sup> é o fato de que o YT valoriza conteúdos polarizadores. Por exemplo, nas eleições de 2016 nos Estados Unidos, o candidato mais agressivo perante a mídia tradicional era quatro vezes mais recomendado no YT do que seu oponente<sup>85</sup>. Sobre isso iremos aprofundar mais no próximo capítulo no qual analisaremos as consequências da direita no YT.

A partir de 2019, o YouTube começou a tentar controlar melhor seu algoritmo, para que conteúdos duvidosos e recheados de discurso de ódio não fossem recomendados pela plataforma de maneira pragmática. Segundo eles,

Trabalhamos muito para proteger os usuários contra conteúdo extremista. Gerenciamos o conteúdo extremista removendo vídeos que violam nossa política contra discurso de ódio e a política contra organizações criminosas violentas. Nossos sistemas de recomendação limitam de modo significativo o alcance do conteúdo duvidoso e da desinformação nociva que quase vão de encontro às políticas, mas não são considerados violações<sup>86</sup>.

Apesar disso, não podemos negar o fato de que o YT teve papel ativo na repercussão de diversos discursos da direita durante anos. Para Bryant:

Com o presidente Donald Trump apoiando grupos como a alt-right, muitos grupos de ódio se fortaleceram e se tornaram mais ativos durante a presidência de Trump. Grupos on-line que podem ter sido de nicho, ocultos ou remotos encontraram pontos de apoio em políticas frouxas de discurso de ódio, como as do Twitter e, até recentemente, do YouTube. Esses grupos criaram câmaras de eco onde é difícil ouvir qualquer coisa fora de suas próprias vozes, defendendo seu discurso de ódio no fórum público, anônimo e livre de riscos que a internet forneceu. Em um agrupamento de dados puros retirados do YouTube [...] conseguimos identificar uma bolha de filtro de direita criada pelo YouTube, [...] o algoritmo do YouTube os conecta visivelmente por meio das recomendações<sup>87 88</sup>.

---

81 Para saber mais: <https://research.google/pubs/pub45530/> Acesso: 29/09/2019.

82 FISHER, M.; TAUB, A. How YouTube Radicalized Brazil. **The New York Times**, 12 ago. 2019. World. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html>. Acesso em: 7 mar. 2022.

83 "that learned from user behavior and paired videos with recommendations for others".

84 CHASLOT, 2017.

85 CHASLOT, 2018.

86 YOUTUBE. **Como o YouTube impede a radicalização** - Como o YouTube funciona, 2019. blog. Disponível em: <https://www.youtube.com/howyoutubeworks/our-commitments/curbing-extremist-content/>.

87 BRYANT, 2020, p. 89.

88 "With President Donald Trump supporting groups like the alt-right, many hate groups have grown emboldened and more active during Trump's presidency. Groups online that may have been niche,

A socióloga turca Zynep Tufekci<sup>89</sup> acredita o algoritmo não é naturalmente racista, tendo em vista que, “apesar de toda a sua retórica altiva, o Google é um corretor de publicidade, vendendo nossa atenção para empresas que pagarão por isso. Quanto mais tempo as pessoas permanecem no YT, mais dinheiro o Google ganha”<sup>90</sup>. Bryant<sup>91</sup> já leva em consideração que:

Um banco de dados de vídeo executado a partir do usuário sem moderação é perigoso por si só, mas não era exatamente isso que estava acontecendo aqui; o algoritmo estava interferindo nas preferências das pessoas e parecia empurrar a propaganda racista e da *alt-right* para a superfície<sup>92 93</sup>.

Acredito não ser possível afirmar que o algoritmo em si foi criado ou não a partir de noções racistas e/ou voltadas ao discurso de ódio, porém, é inegável a ligação intrínseca que podemos realizar entre elas. Tarcízio Silva<sup>94</sup> percebeu o racismo no algoritmo de reconhecimento de imagens da própria Google a partir da análise de duas imagens que demonstravam a utilização de um termômetro eletrônico. Em uma, aparecia uma pessoa asiática tendo sua temperatura medida, constando “tecnologia” e “aparelho eletrônico” como os principais termos que poderiam estar associados à imagem em questão. Já na segunda, em que um homem negro segura o termômetro em direção à outra pessoa, os termos são “arma”, “fotografia” e “arma de fogo”.

Segundo Silva:

Esse tipo de erro é causado por um acúmulo de fatores, que vai da base de dados de péssima qualidade, lógica relacional do aprendizado de máquina,

---

hidden, and remote have found footholds in lax hate speech policies such as Twitter’s and until recently, YouTube’s. These groups have created echo chambers where it is difficult to hear anything outside their own voices, espousing their hate speech in the anonymous, risk-free, public forum that the internet has provided. In a grouping of pure data taken from YouTube, [...] we were able to identify a YouTube- created right-wing filter bubble. [...]YouTube’s algorithm connects them visibly via recommendations”.

89 TUFEKCI, Z. Opinion | YouTube, the Great Radicalizer. **The New York Times**, 10 mar. 2018. Opinion. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/10/opinion/sunday/youtube-politics-radical.html>. Acesso em: 24 fev. 2022.

90 Ibid., sp

91 BRYANT, 2020.

92 Ibid., p. 88.

93 “A user-run video database without moderation is dangerous on its own, but that is not exactly what was happening here; the algorithm was interfering with peoples’ preferences and seemed to be pushing racist and alt-right propaganda to the surface”.

94 SILVA, T. **Google acha que ferramenta em mão negra é uma arma**. 2020. Disponível em: <https://tarciziosilva.com.br/blog/google-acha-que-ferramenta-em-mao-negra-e-uma-arma/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

falta de diversidade no campo e ao technochauvinismo dos profissionais da área que não criam ou reforçam mecanismos de representação adequada<sup>95</sup>.

Portanto, devemos levar em consideração que os algoritmos e as inteligências artificiais são criações humanas, podendo sofrer mudanças e aprimoramentos quando necessário. Por terem um propósito definido, a parcela de culpa deve ser definida tendo como base a empresa, que é o sustentáculo e a incentivadora/investidora de sua criação.

### 1.5 – Pesquisar na Web 2.0: questões metodológicas

Ainda não existe um consenso sobre as melhores fórmulas de análise da *web*, apesar de diversos pesquisadores pelo mundo já terem se aventurado a pesquisá-la. Procuramos, portanto, realizar uma adaptação de diversas metodologias de pesquisa com e na internet que se adequassem e atendessem melhor ao nosso objeto de estudo.

O critério de seleção dos vídeos analisados se baseia principalmente em pesquisa analógica<sup>96</sup>, direta no próprio site, a partir de termos como “ditadura”, “democracia”, “intervenção militar”, “golpe de 1964”, “revolução de 1964”, “contragolpe militar”, etc. Estabelecemos um filtro por vídeos com mais de vinte mil (20.000) visualizações, de canais com mais de quinze mil (15.000) inscritos, que necessariamente são autodeclarados de direita. As buscas também são feitas diretamente nos canais conhecidos da nova direita no YouTube, sendo buscados os mesmos termos citados acima. No total, chegamos a um número de 39 vídeos<sup>97</sup> a serem analisados e mais de cento e cinquenta mil (150.000) comentários. A análise dos comentários foi realizada da seguinte maneira: em cada vídeo, daremos mais atenção aos vinte (20) primeiros comentários, tidos pelo próprio YouTube como os mais relevantes.

---

95 Ibid.

96 Existe a possibilidade de uma pesquisa automática com a utilização da ferramenta *YouTube Data Tools*, criada pelo pesquisador alemão Bernhard Rieder (2015), mas optamos pela coleta analógica pelo fato de não ser possível determinar a orientação política dos canais com a ferramenta em questão. A ferramenta pode ser encontrada e utilizada aqui: <https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/>

97 Em anexo (1), encontram-se todos os canais e vídeos analisados. Com a data da coleta da fonte, o número de visualizações, comentários, curtidas e descurtidas de cada vídeo selecionado. Interessante notar que a partir de 2022 o YouTube passou a não disponibilizar mais o número de descurtidas dos vídeos, não sendo possível saber se essa possibilidade será revisada. No anexo (2) encontram-se pequenos resumos de cada vídeo aqui analisado.

Outra importante ferramenta utilizada é a própria internet enquanto meio de pesquisa para informações adicionais sobre os canais estudados. Na busca de contextualização de suas falas, pretendemos verificar outras redes sociais, vídeos menos recentes e sites em que possamos traçar seu conteúdo de volta para o YouTube, complexificando a análise. Por exemplo, considerar os vídeos de perfis ideológicos<sup>98</sup> diferentes daqueles que estamos analisando (principalmente os que fazem referência direta aos canais aqui analisados). Esse cruzamento de dados é extremamente necessário, uma vez que, segundo Fábio Chang Almeida:

Outro procedimento especial a ser adotado na análise das fontes oriundas da Internet deve estar relacionado à preocupação com o cruzamento de dados. Tais fontes podem ser altamente ideológicas, sendo necessária a crítica cuidadosa de suas informações. Uma forma de fazer isso é cruzar seus dados com outras fontes disponíveis<sup>99</sup>.

Pesquisar a, com e a partir da internet ainda é um grande desafio, uma vez que sua virtualidade emaranhada é extremamente fluida e repleta de inconsistências, o que se configura numa dificuldade para a criação de uma metodologia de análise de fontes. As fontes da internet são abundantes, mas, ao mesmo tempo, temporárias e solúveis. O que está hoje na internet, amanhã pode não estar mais (*Error 404 not found* – HTTP 404). Desde que comecei a estudar o tema, em 2018, alguns vídeos cabíveis de análise já foram retirados do ar, seja pelos seus criadores seja pelo próprio site, não sendo possível recuperá-los para análises posteriores

Por exemplo, o vídeo do canal “Paula Marisa”, intitulado “A ditadura militar do canal Nostalgia”, de junho de 2016, foi retirado do ar pela própria autora, e não há mais informações a respeito, somente uma publicação<sup>100</sup> em seu Facebook confirmando que o vídeo existiu. Outro caso é um vídeo do canal “eGuinorante” (o canal foi retirado do ar em dezembro de 2018 por conta de problemas com direitos autorais, mas foi recriado dias depois

---

98 Por exemplo canais como: “Meteoro Brasil”, “Henry Bugalho”, “Normose”, “Felipe Neto”, “Cauê Moura”, “Tese Onze”, “Jones Manoel”, “Saia da Matrix”, dentre outros.

99 ALMEIDA, 2011, p. 22.

100 O *print screen* (.png) de jul. de 2020 (feito por meio do Navegador Opera) pode ser visualizado aqui no arquivo digital [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes) ou na página salva pelo site archive.org em:

<https://web.archive.org/web/20220710192008/https://www.facebook.com/profepaulamarisa/posts/1738869486400963/>

Também em seu *hiperlink* original disponível em: <https://www.facebook.com/profepaulamarisa/posts/1738869486400963/> Acesso: 16/01/2020.

com o mesmo nome), intitulado “Ditadura? Meu pai te conta como foi”<sup>101</sup>, de setembro de 2017. O vídeo foi recolocado depois do canal ser retirado do ar, porém, pelo fato de ser um novo *upload*, perdeu-se seus antigos comentários e suas visualizações. Ambos já foram analisados<sup>102</sup>.

Por isso, destacamos a importância do arquivamento das fontes aqui utilizadas, assim como de alguns sites de arquivos digitais disponíveis na própria rede, como é o caso do site de origem privada *archive.org*, que armazena diariamente milhares de páginas, imagens, vídeos, etc.

Para o desenrolar desta pesquisa foi criado um arquivo digital<sup>103</sup>, a fim de que toda a informação virtual utilizada possa ser acessada e analisada posteriormente. Vídeos, gráficos, comentários, páginas, sites, documentos, áudios, imagens, dentre outros, foram armazenados na nuvem<sup>104</sup>, nos próprios sites<sup>105</sup> de arquivos digitais (destinado ao acesso para comprovação) e em hardwares físicos para seu não desaparecimento. Portanto, queremos deixar claro que essas fontes são legítimas e, por conseguinte, cabíveis de comprovação posterior.

Para o arquivamento seguro dos comentários de cada vídeo, utilizamos quatro formas distintas<sup>106</sup>: (1) um arquivo (*Word*) *.docx* com todos os comentários retirados do site *youtubextras.com*; (2) uma imagem (*Print Screen*) *.png* feita pelo navegador Opera – infelizmente não contém todos os comentários; (3) um arquivo *.json* (*JavaScript Object*

101 Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes)

Ou em seu hiperlink original (segunda postagem do vídeo): <https://www.youtube.com/watch?v=vYhnhSL1aRg> (já não mais disponível) – Terceira postagem do vídeo 5 de fev. de 2021: <https://www.youtube.com/watch?v=N1wtmoWkwvk>

102 COUTO NETO, G. H. A “nova direita” no YouTube: conservadorismo e negacionismo histórico sobre a Ditadura Militar brasileira. **Revista Ágora (Vitória)**, n. 29, p. 83–103, 2019a; COUTO NETO, G. H. O conservadorismo no YouTube e a Ditadura Militar Brasileira. **Anais - VIII Encontro de Pesquisa em História da UFMG**, p. 2163–2171, 2019b.

103 Para acessá-las integralmente na nuvem: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes/](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes/) ou enviando um e-mail (contendo nome completo, CPF e link do currículo Lattes ou Orcid) para: [geraldohomero@ich.ufjf.br](mailto:geraldohomero@ich.ufjf.br) (ou para [geraldohomero@proton.me](mailto:geraldohomero@proton.me)) com o assunto “acesso ao arquivo”.

104 Todas as fontes digitais aqui utilizados estão disponíveis em uma pasta compartilhada do Google Drive, em um e-mail cedido pela UFJF, assim como, caso necessário, em seus respectivos *hiperlinks* digitais originais, ou salvaguardados pelo site “archive.org”.

105 [archive.org](https://archive.org) e <https://archive.today>.

106 Essa parte da pesquisa vem sendo uma das mais trabalhosas, pelo fato do YouTube ter muitas restrições no que diz respeito à aquisição de comentários por terceiros. Por isso a utilização de ferramentas diferentes para o arquivamento dessas fontes. Felizmente, foi possível arquivar os comentários em sua totalidade com a ajuda de programadores que trabalham com a linguagem *JavaScript* no site [github.com](https://github.com), os quais fizeram um excelente trabalho em criar programas de forma participativa e conjunta e *open source* na internet.

*Notation*)<sup>107</sup>, contendo todos os comentários de cada vídeo analisado; (4) um arquivo *.tab* (*tabular*)<sup>108 109</sup> também com todos os comentários.

Para as notícias de jornais e revistas, foi criada uma impressão por *.pdf*, com o navegador *Opera* e um arquivo *.html* feito com o programa *SingleFile*<sup>110</sup> (Extensão para os navegadores *Firefox*, *Chrome* e *Edge*). Para o arquivamento dos vídeos foi feito o *download* no formato *.mp4* e em resolução de 360p, 480p e/ou 720p, através do site “[savefrom.net](http://savefrom.net)” e do programa *Download Helper*<sup>111</sup> (Extensão para os navegadores *Firefox* e *Chrome*). Já os gráficos utilizados são imagens (*.jpeg*, *.png* e/ou *.pdf*) retiradas dos próprios provedores (*Google Trends*, *World Internet Stats*, *Alexa* ou CGI – Comitê Gestor da Internet no Brasil).

As novas tecnologias de informação acabaram por impactar significativamente a vida de pesquisadores das Ciências Humanas em geral, por isso a importância desses estudos. Mas é preciso, também, cautela. As infinitas possibilidades de análise e a grande quantidade de fontes podem ser um empecilho a mais para as análises da História do tempo presente e passado recente, o que não deve ser motivo de desânimo, tendo em vista que “ela necessita, sem dúvida, de uma metodologia particular, porém fundamentada nos princípios básicos já consagrados da pesquisa historiográfica, apenas adaptados ao formato digital”<sup>112</sup>.

A partir disso que surge a perspectiva da História Digital enquanto um campo historiográfico que busca novas maneiras de se relacionar e analisar fontes digitais, sejam elas digitalizadas ou nascidas digitais, como é o caso desta pesquisa. Para Zaagsman<sup>113</sup>, o rótulo empregado à história digital é nada mais do que uma forma de se afirmar enquanto possibilidade de um novo campo de pesquisa, e não transformar todos os historiadores em historiadores digitais. Para ele, o que vem ocorrendo é uma forma de *hibridismo* entre

---

107 Para visualizá-lo, recomenda-se a utilização de programas específicos (como *Notepad++*), mas para facilitar o acesso e a compreensão, utilizamos o site [jsonviewer.stack.hu](http://jsonviewer.stack.hu).

108 Esse tipo de arquivo foi feito com a ferramenta *YouTube Data Tools*, contendo, além do comentário, a data em que o mesmo foi feito na plataforma. O arquivo *.tab* pode ser aberto em qualquer programa de edição de texto (*MS Office*, *Libre Office*, *Notepad*, Bloco de Notas) ou planilha (*MS Excel*, *Libre Calc*), o que facilita a visualização e análise. Por ter utilizado esta ferramenta posteriormente à coleta com as outras, os arquivos conseguidos por ela não estarão presentes em todos os vídeos analisados, pelo fato de alguns terem sido removidos da plataforma ou restritos à visualização de seus comentários pelos próprios canais.

109 RIEDER, B. Introducing the YouTube Data Tools. *Em*: THE POLITICS OF SYSTEMS. 2015. Disponível em: <http://thepoliticsofsystems.net/2015/05/exploring-youtube/>

110 Código fonte disponível em: <https://github.com/gildas-lormeau/SingleFile>.

111 Para saber mais: <https://www.downloadhelper.net/>

112 ALMEIDA, 2011, p. 25.

113 ZAAGSMAN, G. On Digital History. *bmgm - Low Countries Historical Review*, v. 128–4, 2013.

pesquisas historiográficas tidas como tradicionais/analógicas e as novas práticas digitais, pelo fato de que utilizar fontes digitais todo o tempo – em revistas, jornais digitalizados, fontes fotografadas no arquivo, sites, etc. – é praticamente inevitável. Portanto:

O desafio atual da disciplina histórica não é criar conjuntos de dados cada vez maiores e desenvolver novas ferramentas, por mais importantes que sejam. O verdadeiro desafio é ser conscientemente híbrido e integrar abordagens “tradicionais” e “digitais” em uma nova prática de fazer história. [...] Como Kirsten Sword afirmou com razão e como deveria estar claro agora: ‘as novas mídias estão mudando profundamente a maneira como a maioria dos historiadores trabalha, quer estejamos ou não conscientes de como estamos nos tornando digitais’<sup>114 115</sup>.

Com a rápida digitalização de fontes nas últimas décadas, devemos levar em consideração um fator importante para pensarmos nas possibilidades de uma historiografia digital, não existe neutralidade na digitalização de fontes por parte dos arquivos de bibliotecas, museus, etc. Existem escolhas institucionais feitas nas seleções do que será disponibilizado online e do que será excluído<sup>116</sup>. Zaagsman alerta:

Se a disponibilidade online começar a ditar o que está sendo pesquisado, temos a responsabilidade de garantir que o que é oferecido online represente o mais amplo espectro possível de fontes históricas, para não excluir a possibilidade de que o marginal se torne ainda mais marginal na era digital<sup>117</sup>  
<sup>118</sup>.

Uma importante pergunta feita por Zaagsman<sup>119</sup> é: como a pesquisa histórica pode mudar a partir do momento que os historiadores começam a utilizar fontes digitais em suas análises? Para ele, o “*big data*” é uma ótima fonte para que novas questões possam aparecer aos olhos de historiadores e historiadoras e, ao mesmo tempo, serem respondidas. Contudo, Zaagsman<sup>120</sup> frisa que os objetivos de uma análise voltada ao “*big data*” não são a retirada

---

114 Ibid., p. 17.

115 “The current challenge facing the discipline of history is not in creating ever bigger sets of data and developing new tools, important as these are. The real challenge is to be consciously hybrid and to integrate ‘traditional’ and ‘digital’ approaches in a new practice of doing history. [...] As Kirsten Sword rightly stated and as should be clear by now: ‘the new media are profoundly changing the ways most historians work, whether or not we are self-conscious about how we are becoming digital’”

116 ZAAGSMAN, 2013.

117 Ibid., p. 23.

118 “If online availability starts dictating what is being researched we have a responsibility to ensure that what is offered online represents the broadest possible spectrum of historical sources, lest we exclude the possibility that the marginal becomes even more marginal in the digital age”.

119 ZAAGSMAN, 2013.

120 Ibid.

completa da análise e da hermenêutica do historiador, mas sim uma confluência entre as duas formas de análise desses “grandes dados”. Conforme pontua Zaagsman<sup>121</sup>:

Essa é exatamente a visão híbrida conscientemente articulada para a pesquisa histórica necessária na era digital. [...] O desafio é aplicar nossas capacidades críticas aos recursos digitais, como estamos acostumados a fazer quando lidamos com materiais arquivísticos ‘tradicionais’, estarmos cientes das maneiras pelas quais eles diferem e como afetam a análise histórica<sup>122</sup>.

---

121 Ibid., p. 24–25.

122 “This is exactly the consciously articulated hybrid vision for historical research that is necessary in the digital age. [...] The challenge is to apply our critical faculties to digital resources, as we are used to do when dealing with ‘traditional’ archival materials, be aware of the ways in which they differ and in which they affect historical analysis”.

## CAPÍTULO 2 – NOVA DIREITA NO YOUTUBE

Enquanto invólucro de uma diversidade de pensamentos, a direita passa a intervir mais nitidamente no espaço público digital a partir do final das jornadas de junho de 2013, mais especificamente nas eleições de 2014, em que Dilma Rousseff ganha o cargo de presidenta da República, vencendo o candidato Aécio Neves. Isso não quer dizer que a nova direita tenha surgido nesse período, pelo contrário. A reinvenção dessa nova direita data desde meados da década de 1980<sup>123</sup>, principalmente com o processo da Nova Constituinte pós-ditadura militar no país.

Devemos levar em conta que esse movimento de reinvenção das direitas não é algo que está circunscrito especificamente ao cenário brasileiro. Internacionalmente, é possível perceber diversos movimentos de ascensão das direitas, seja à esfera pública seja ao poder. Nos Estados Unidos, por exemplo, a eleição de Trump em 2016 deixou evidente a capacidade das mídias digitais no enfraquecimento da democracia liberal norte-americana e sua extrema competência na disseminação das chamadas *Fake News*, termo esse que ganha destaque naquela época.

Documentários como *Privacidade Hackeada* (Jehane Noujaim e Karim Amer, 2019) e *O Dilema das Redes* (Jeff Orlowski, 2020) ambos da *Netflix*, demonstraram bem a forma como a internet e as redes sociais são utilizadas por agentes ao redor do mundo na radicalização de setores da sociedade a fim de angariar benefícios políticos e econômicos.

Giuliano da Empoli<sup>124</sup>, escritor do livro *Engenheiros do Caos*, também chega à conclusão de que a Web vem sendo usada massivamente para a persuasão política, principalmente na disseminação do populismo extremado de direita. O autor mostra como Steve Bannon<sup>125</sup>, Arthur Finkelstein e Milo Yannopoulos estão diretamente ligados à ascensão

---

123 CASIMIRO, F. H. C. **A nova direita:** aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

124 EMPOLI, G. da. **Os engenheiros do caos:** Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Editora Vestígio, 2020.

125 O documentário de curta metragem dirigido por Thomas Huchon intitulado “Driblando a Democracia”, também é relevante a ser mencionado, uma vez que aborda de maneira sistemática os métodos usados por Bannon nas eleições dos Estados Unidos. O documentário está disponível em: <https://vimeo.com/295576715> Acesso: 12/06/2021.

de alguns políticos pelo mundo, por exemplo, Donald Trump nos Estados Unidos e Viktor Orban na Hungria.

Autores como Manuel Castells<sup>126</sup>, Adam Przeworski<sup>127</sup>, David Runciman<sup>128</sup> e Yascha Mounk<sup>129</sup> já se dispuseram a analisar as intrincadas relações entre as crises democráticas no mundo e o papel da internet e das redes sociais nesses processos de desestabilização política. De maneira geral, para eles, nosso desconhecimento perante o potencial da web, seja ele negativo ou positivo, acaba por tornar-se uma empecilho para a democracia liberal.

## 2.1 – Redemocratização e a reinvenção das direitas

O processo de redemocratização no Brasil ainda guarda sérias feridas abertas no tempo presente, muitas delas referentes à Lei da Anistia que, sem dúvida, foi limitada no que diz respeito à memória dos desaparecidos políticos no contexto da ditadura no país<sup>130</sup>. Por ainda conservar resquícios inequívocos da ditadura, a Constituição de 1988 guarda consigo as relações inerentes entre as forças políticas e militares no país, que vieram a se fortalecer principalmente a partir da Anistia. Processo este que, além de uma tentativa de “reconciliação” entre sociedade civil e os militares, ainda pecou seriamente no que diz respeito às memórias da repressão<sup>131</sup>.

Uma diversidade de autores já se debruçou sobre o tema das direitas brasileiras e internacionais. Cabe, então, ressaltar aspectos importantes dessas pesquisas que nos ajudam a compreender melhor nosso recorte, aprimorando-o.

Primeiramente, devemos considerar o contexto de reinvenção das direitas na esfera pública do país, principalmente pós-constituente. Como bem pontua Casimiro<sup>132</sup>, essa nova direita não é algo novo, mas vem se construindo com o tempo, se aprimorando e se

---

126 CASTELLS, M. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. São Paulo: Zahar, 2018.

127 PRZEWORSKI, A. **Crise da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

128 RUNCIMAN, D. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

129 MOUNK, Y. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

130 ALBERTI, V. **O professor de história e o ensino de questões sensíveis e controversas**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014. ; TELES, E.; QUINALHA, R. **Espectros da ditadura: da Comissão da Verdade ao bolsonarismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

131 TELES; QUINALHA, 2020.

132 CASIMIRO, 2018.

modificando. Devemos levar em conta, segundo o autor, dois aspectos importantes de readequação das direitas no país. O primeiro deles é o fato de a transição democrática não ter representado uma ruptura com as antigas forças dominantes do país. Segundo o autor:

Diante da necessidade de adequação ao quadro do capitalismo internacional e de pressões pelo novo arranjo democrático, foram operados ajustes nos quais a solução para as crises não incorporou, de fato, os interesses subalternos, mas caracterizou-se pela permanência (reestruturada e atualizada) das estruturas dominantes através de estratégias pactuadas pelo alto. Assim operou-se ajustes conjunturais para se evitar transformações concretas<sup>133</sup>.

Em segundo lugar, essa estratégia de atualização não terminaria no final dos anos de 1980, uma vez que, após a Constituinte, houve uma investida mais evidente por parte da classe dominante, em um *modus operandi* voltado para a multiplicação de aparelhos de difusão dos pressupostos de mercado e das visões conservadoras/reacionárias. Ganha-se, assim, “capilaridade e penetração nos mais distintos meios, adquirindo ressonância em diferentes espaços da vida social, estruturando o que se convencionou chamar de nova direita no Brasil”<sup>134</sup>.

Essa investida se caracteriza principalmente pela criação de Institutos voltados ao empresariado de grandes cidades no país, que serviriam principalmente como aparelhos de difusão de ideias liberais, conservadoras e reacionárias, como a União Brasileira de Empresários (UB), o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), o Instituto Liberal (IL), o Instituto de Estudos Empresariais<sup>135</sup> (IEE), o Instituto Von Mises Brasil (IMB), o Estudantes pela Liberdade (EPL) e muitos outros. Esses aparelhos privados de hegemonia da burguesia brasileira visam, além da ampliação de seus ideais pelo território nacional, o treinamento e a formação de intelectuais focados na difusão das ideologias da classe dominante e em sua disseminação a partir de canais diversos, como a criação e elaboração de projetos, eventos, jornais, revistas, colunas, programas televisivos, mercado editorial e, principalmente, redes sociais<sup>136</sup>. Da mesma forma:

---

133 Ibid., p. 26.

134 Ibid., p. 27.

135 Criador do principal evento de agenda liberal do Brasil: o Fórum da Liberdade. Mais à frente esse fórum terá importância significativa de análise, pelo fato de ter dado o pontapé inicial na criação do Estudantes pela Liberdade, do MBL e do canal de documentários “Brasil Paralelo” no YouTube. Para isso utilizaremos a dissertação de Mayara Balestro (2021) e Casimiro (2018) a fim de entendermos melhor as relações do *aparelho privado de hegemonia* Brasil Paralelo e o próprio Fórum da Liberdade.

136 CASIMIRO, 2018.

Essa atuação política e ideológica, *foi conscientemente organizada e executada a partir dos anos de 1980, por empresários e seus aparelhos difusores do liberalismo, investindo capital material e simbólico na defesa e atualização de sua posição no conjunto das lutas de classe. [...] nesse processo, a atuação doutrinária desses intelectuais coletivos da burguesia brasileira, em seu objetivo de produção do consenso e naturalização dos pressupostos do capital, formando/educando novos quadros de intelectuais orgânicos, costurando ou mediando conflitos interburgueses, assim como ampliando e capilarizando a difusão de seus valores para outros espaços estratégicos para além de seu próprio alcance institucional*<sup>137</sup>.

Jorge Chaloub e Fernando Perlatto<sup>138</sup> elencam seis grandes hipóteses sobre o destaque que os intelectuais dessa nova direita vêm ganhando atualmente<sup>139</sup>, que podem ajudar a compreender o que Casimiro<sup>140</sup> postulou. Resumidamente: 1) o movimento internacional das direitas, 2) distanciamento temporal da ditadura militar brasileira (identificada no imaginário social como sendo de direita), 3) abertura de espaço para esses intelectuais na indústria cultural, editorial e jornalística, 4) vinculação e articulação dos intelectuais com os institutos surgidos nas últimas décadas, 5) sucessos e fracassos dos governos de esquerda (gerando polarização política e “escoadouro” para esses discursos), 6) crise partidária e ceticismo em relação à política, principalmente os partidos políticos (vistos como “corruptos”)<sup>141</sup>.

### 2.1.1 – Nas ruas

Centro-esquerda e esquerda, desde meados de 1980, foram os grupos majoritários que ocuparam as ruas em protestos, passeatas e manifestações de rua. Em 2013, contudo, isso se transforma<sup>142</sup>. Com o aumento da tarifa do transporte na capital de São Paulo houve protestos organizados pelo Movimento Passe Livre<sup>143</sup> (MPL), movido principalmente por estudantes universitários e secundaristas da cidade.

---

137 Ibid., p. 259–260. Grifo meu

138 CHALOUB, J.; PERLATTO, F. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight - Inteligência**, 2016.

139 Ibid.

140 CASIMIRO, 2018.

141 CHALOUB; PERLATTO, 2016.

142 PINTO, 2017.

143 Devemos deixar claro que o Movimento Passe Livre não é um movimento de direita, mas sim com viés próximo à centro-esquerda e à esquerda política, com agendas voltadas às classes populares e aos estudantes e trabalhadores de grandes centros urbanos.

O MPL não é um movimento nascido em 2013. Sua criação remonta a janeiro de 2005, espelhada principalmente pelos movimentos descentralizados da Revolta do Buzu em Salvador (2003) e a Revolta da Catraca em Florianópolis (2004)<sup>144</sup>. Segundo o MPL-SP, a vitória na capital catarinense deu origem ao MPL-Brasil<sup>145</sup>:

Surge então um movimento social de transporte autônomo, horizontal e apartidário, cujos coletivos locais, federados, não se submetem a qualquer organização central. Sua política é deliberada de baixo, por todos, em espaços que não possuem dirigentes, nem respondem a qualquer instância externa superior<sup>146</sup>.

Foi em 2013 que sua agenda ganhou visibilidade significativa no debate público brasileiro, principalmente nos dias anteriores às mobilizações com maior número nas cidades e capitais brasileiras.

Os primeiros dias de protesto ocorreram em São Paulo no começo do mês de junho, mas foi a partir do aumento da repressão vinda do governo da cidade (na época tinha Fernando Haddad/PT como prefeito) e do estado (Governador Geraldo Alckmin/PSDB) que as manifestações ganharam os olhares da grande mídia, principalmente pelo fato de diversos jornalistas terem sido brutalmente feridos e reprimidos.

É importante notar o papel central que a grande mídia teve no avanço do número de manifestantes na cidade de São Paulo e no país de modo geral. As narrativas predominantes viriam das grandes emissoras nacionais. Alegavam a passividade dos protestos, mas repudiavam a “depredação” e a “violência” perpetrada pelos “vândalos” no meio das manifestações. Muitas matérias ainda falavam da técnica dos “*black blocs*” de se “infiltrar” nas manifestações, o que seria a causa da brutalidade policial perante os protestos pacíficos.

Em 13 de junho, as manifestações em São Paulo tiveram aproximadamente de 5 a 10 mil pessoas, mas a repressão policial criou uma espécie de solidariedade aos manifestantes, fazendo com que no dia 17 de junho o número de manifestantes chegasse a aproximadamente 250 mil, segundo o Brasil de Fato. Para Lincoln Secco<sup>147</sup>:

---

144 MOVIMENTO, P. L. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. *Em: CIDADES REBELDES: PASSE LIVRE E AS MANIFESTAÇÕES QUE TOMARAM AS RUAS DO BRASIL*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

145 O Movimento Passe Livre foi criado em fevereiro de 2005 no V Fórum Social Mundial na cidade de Porto Alegre em Santa Catarina (MOVIMENTO, 2013).

146 MOVIMENTO, 2013, p. 15.

147 SECCO, L. As jornadas de junho. *Em: MARICATO, E. et al. (org.). Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

Na dinâmica dos protestos de junho a maior alteração registrada [17 de junho] resultou da ação da policial. O ataque a jornalistas e a um movimento com aparente *composição social de “classe média”* pode ter *facilitado a solidariedade ao movimento*. Acompanhando seu mercado, a *direita midiática* se viu forçada a apoiar os manifestantes - mas com a *própria pauta*. *Por isso, o decisivo não foi a violência, tão natural contra trabalhadores organizados, e sim sua apropriação pela imprensa*<sup>148</sup>.

Portanto, fica evidente que a apropriação da imprensa molda o rumo e até mesmo o discurso das manifestações pelo país. A luta pela diminuição do preço do transporte coletivo se transforma em uma luta generalizada e mais ampla pela saúde e educação e contra a corrupção. O *slogan* “não é só por 20 centavos” é um exemplo dessa mudança. Ao analisar os protestos de junho de 2013, podemos perceber, em seus momentos finais e de maior adesão popular, que houve uma disputa de memória significativa naqueles espaços de revolta generalizada. Skinheads, neonazistas, supremacistas raciais, comunistas, democratas, liberais, conservadores, trabalhistas, progressistas, dentre outros, estavam disputando os caminhos das manifestações. Entre gritos simultâneos de “sem fascismo” e “sem partido”, bandeiras vermelhas eram queimadas e bandeiras do Brasil eram pisoteadas e cuspidas. Para Casimiro<sup>149</sup>, a presença de grupúsculos extremados no interior das manifestações de 2013 já era evidente, mas acabou tendo suas relações apagadas pela imprensa, principalmente pela ênfase superdimensionada nos *black blocs*.

Em seu ápice de adeptos, foi-se a rua por motivos diversos, difusos e até mesmo antagônicos. Em seu fim, e nos anos posteriores, foi-se a rua com objetivos bem delimitados. A direita, até então reprimida de sair às ruas, viu-se fortalecida, combativa e celebrada, entendendo que havia espaço para radicalização de seu discurso<sup>150</sup>. Não houve pudor de alguns seguimentos em invadir uma “oficina de siririca” na Universidade de São Paulo, fantasiado de órgão genital feminino com uma câmera e perguntas ardilosas (posteriormente postado no YouTube<sup>151</sup>), nem mesmo houve pudor de sair às ruas pedindo “intervenção militar” e a volta dos “anos gloriosos” da ditadura.

---

148 Ibid., p. 74. Grifo meu

149 CASIMIRO, 2018, p. 468.

150 MIGUEL, L. F. A reemergência da direita brasileira. Em: GALLEGO, E. S. (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. p. 19.

151 O vídeo em questão é do canal no YouTube chamado Mamaefalei do atual deputado estadual de São Paulo, Arthur do Val (também militante do Movimento Brasil Livre) eleito em 2018. O vídeo foi removido em 2018 pelo próprio YouTube por desrespeitar as diretrizes da plataforma. Disponível na nuvem em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes)

Um ponto importante que deve ser destacado sobre a participação das direitas em manifestações públicas é que, como bem esclarecido pela pesquisa da cientista política Luciana Tatagiba<sup>152</sup>, ocorreram no país – durante o período de janeiro de 2011 e dezembro de 2016 – 143 protestos à direita. Como podemos ver na tabela 1, 2013 concentra 18,2% dos protestos à direita no período analisado por Tatagiba<sup>153</sup>.

*Tabela 1 - Protestos à direita por ano (2011-2016)*

<b>Ano</b>	<b>%</b>
<b>2011</b>	6,3
<b>2012</b>	9,8
<b>2013</b>	18,2
<b>2014</b>	7,0
<b>2015</b>	28,7
<b>2016</b>	30,1

*Fonte: TATAGIBA, 2018, p. 99; Banco de Dados de Protestos no Brasil (Nepac/Cemarx)*

Segundo Tatagiba<sup>154</sup>, “os protestos à direita representam 10,5% do total de protestos realizados entre 2011 e 2016”. E ainda frisa que:

*Não é no número de eventos convocados que reside a expressão de força das direitas nas ruas, mas na natureza massiva dos protestos. A campanha pelo impeachment se capilarizou pelo território nacional, com protestos sendo realizados em todos os estados da Federação e mais o Distrito Federal, com número de participantes equivalente ou superior a ciclos de mobilizações*

152 TATAGIBA, L. Os protestos e a crise brasileira. Um inventário inicial das direitas em movimento (2011-2016). *Em*: ALMEIDA, R. D.; TONIOL, R. (org.). **Conservadorismos, Fascismos e Fundamentalismo**: análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

153 Ibid.

154 Ibid., p. 99.

anteriores como as Diretas Já e o Fora Collor. Por exemplo, o maior protesto pelo impeachment e pela prisão de Lula, realizado em 13 de março de 2016, levou três milhões de pessoas às ruas em todo o país <sup>155</sup>.

Podemos afirmar que os protestos à direita tiveram como objetivos principais o combate à corrupção, a crítica ao Partido dos Trabalhadores (PT) – principalmente voltada à figura do Lula – e o impeachment de Dilma Rousseff. Para Tatagiba<sup>156</sup>, o principal motor das manifestações ocorridas naquele período seria o antipetismo. Apesar desses grandes temas de protesto, alguns temas marginais saltam aos olhos, uma vez que giraram em torno

da defesa dos valores da família – principalmente contra políticas orientadas pela defesa dos direitos sexuais e reprodutivos -, da defesa da ditadura e do desagravo a gerais mencionados pela Comissão da Verdade, criada em 2012. Ou seja, as diretas foram às ruas para defender políticas relacionadas ao funcionamento do governo, majoritariamente, seguidas das questões relativas à moral e à ordem, âmbas associadas a uma expectativa de fortalecimento da autoridade <sup>157</sup>.

De acordo com Tatagiba<sup>158</sup>, o eixo temático de “defesa da autoridade” corresponde a 30% do total de manifestações à direita no período analisado (2011-2016), podendo ser divididos em 2 subeixos temáticos: *defesa da família* (9 ocorrências) e *defesa da ordem* (14 ocorrências). A *defesa da família* é um subeixo que teve como principais alvos a luta contra o aborto, a união civil entre pessoas do mesmo sexo e a descriminalização das drogas. Além disso, contam com recursos infraestruturais advindos majoritariamente de organizações religiosas<sup>159</sup>. Já o subeixo referente à *defesa da ordem* teve como principais temáticas de protesto “a defesa da ditadura e seus agentes (com nove ocorrências), pela redução da maioria penal, contra a descriminalização das drogas e contra greves e ocupações de escola”<sup>160</sup>.

Meses antes da implementação da Comissão Nacional da Verdade (CNV) houve, entre os dias 29 e 31 de março, 3 protestos<sup>161</sup> em defesa do golpe de 1964 nas cidades do Rio de

155 Ibid., p. 100. Grifo meu

156 TATAGIBA, 2018.

157 Ibid., p. 102.

158 TATAGIBA, 2018.

159 Ibid.

160 Ibid., p. 110.

161 Esses dados foram retirados diretamente do Banco de Dados Protestos no Brasil (2011-2016) e estão disponíveis na íntegra em: <https://www.nepac.ifch.unicamp.br/banco-de-dados>. Sobre o banco de dados: “o banco é resultado do projeto de pesquisa *O confronto político da ascensão à crise dos governos petistas (2003-2016)*, desenvolvido em parceria do NEPAC com o Centro de Estudos Marxistas (CEMARX/UNICAMP). O projeto foi coordenado pelas Profa. Dra. Luciana Tatagiba e Profa. Dra. Andréia Galvão, e contou com o suporte dos bolsistas Ana Clara Rocha, Leonardo da Silva, Larissa Melo, Gleisson Belotti e Larissa Vicentim. Agradecemos à Profa. Dra. Andrea Freitas

Janeiro e São Paulo, que contaram com a participação aproximada de 680 manifestantes nas duas capitais. De maneira geral, podemos dizer que “esses protestos não tiveram número grande de participantes e foram concentrados em São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, que abrigou o maior número de atos”<sup>162</sup>.

Nos anos posteriores, outros protestos à direita a favor da ditadura tiveram espaço nas ruas:

Um evento repleto de simbolismo foi a II Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada em 22/3/2014, que celebrou os 50 anos do golpe militar, levando 700 pessoas às ruas (segundo a PM) em São Paulo e 150 no Rio de Janeiro. Em 16/11/2016, já no contexto pós-impeachment, 50 manifestantes quebraram vidros e invadiram a Câmara dos Deputados em ato pró-intervenção militar no país e em defesa de Sérgio Moro e da Lava Jato<sup>163</sup>.

Como bem pontuado pela pesquisadora, devemos nos atentar ao fato de que essas manifestações a favor da ditadura e uma de possível intervenção militar estavam recheadas de controvérsias, chegando a haver rompimentos internos entre as organizações que convocavam as manifestações<sup>164</sup>. Segundo a autora: “a defesa da ditadura deve ser lida no interior de um caldo de cultura mais amplo que tem a ver com a defesa da autoridade repressiva do Estado”<sup>165</sup>. As manifestações organizadas pelo Movimento Brasil Livre (MBL) contrárias à ocupação estudantil de universidades e escolas, a favor da redução da maioria penal e da criminalização das drogas, “mais do que o retorno da ditadura, o que parece mover os participantes é a defesa de uma democracia controlada, a partir da ampliação da capacidade repressiva do Estado”<sup>166</sup>. Nos protestos a favor do impeachment de Dilma Rousseff fica evidente, para Tatagiba<sup>167</sup>, o fascínio pelo poderio militar, com manifestantes tirando fotos com policiais militar e ao lado de blindados.

---

pela consultoria técnica. O banco de dados foi desenvolvido utilizando a metodologia de análise de eventos de protesto (AEP) e a fonte de dados é o jornal de circulação nacional Folha de S. Paulo. O banco foi preenchido na plataforma Access, mas para maior acessibilidade estamos disponibilizando-o em formato de planilha no Excel. Nessa planilha apresentamos os registros das notícias de protestos, que contabilizam 2.548 entradas no banco (um mesmo evento de protesto pode ser objeto de várias reportagens)” (TATAGIBA; GALVÃO, 2019).

162 TATAGIBA, 2018, p. 111.

163 Ibid.

164 TATAGIBA, 2018.

165 Ibid., p. 111.

166 Ibid.

167 TATAGIBA, 2018.

Além disso, o então deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro, fez questão de “comemorar” o golpe de 1964 em diversas ocasiões<sup>168</sup>. Foquemos em duas em particular. Em 31 de março de 2014 e 1º de abril de 2015, Bolsonaro posou, junto de dois de seus filhos, com um cartaz contendo os dizeres “Parabéns militares - 31/mar/64. Graças a vocês o Brasil não é Cuba”. Ambas as ocasiões foram registradas e postadas em seu canal<sup>169</sup> oficial no YT, as quais analisaremos mais à frente neste trabalho.

Portanto, em consonância com Rodrigo Lima Ribeiro Gomes:

aquele emergir de massas populacionais às ruas, somado às insatisfações com a queda da qualidade de vida da população brasileira, ofereceu o caldo político-cultural para o surgimento de movimentos conservadores e/ou reacionários, com grande presença nas redes sociais virtuais, com capacidade de, ao menos em dado momento, convocar mobilizações massivas e força para eleger parlamentares e representantes no Poder Executivo, em diversos níveis. Por certo, o modo como grupos conservadores conseguiram tomar a dianteira das manifestações não foi espontâneo: ao contrário, foi fruto de grande investimento em articulação, inclusive com a participação de organizações estrangeiras<sup>170</sup>.

### 2.1.2 – Nas redes

Como já mencionado, 2013 não é a gênese do movimento da nova direita, seja na esfera pública ou esfera digital. Um exemplo referente ao próprio YouTube que pode ser visualizado de maneira mais clara é o da figura 2<sup>171</sup>, em que se evidencia o surgimento do

168 BOLSONARO, Jair. **31 de Março de 1964**. Em: YOUTUBE, 29 mar. 2012. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_o\\_Iqiy8R8o](https://www.youtube.com/watch?v=_o_Iqiy8R8o) Acesso em 20 out. 2021; BOLSONARO, Jair. **DEFESA COMEMORA O 31 DE MARÇO**. Em: YOUTUBE, 31 mar. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4b9ZpFeCASI> Acesso: em 20 out. 2021. BOLSONARO, Jair. **ESQUERDA NUNCA MAIS 31/MAR/64**. Em: YOUTUBE, 01 abr. 2014. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2I\\_0pT0SDwM](https://www.youtube.com/watch?v=2I_0pT0SDwM) Acesso em 20 out. 2021; BOLSONARO, Jair. **VIVA 31 DE MARÇO DE 64**. Em: YOUTUBE, 27 mar. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6q4KUxYLppQ> Acesso em 21 out. 2021.

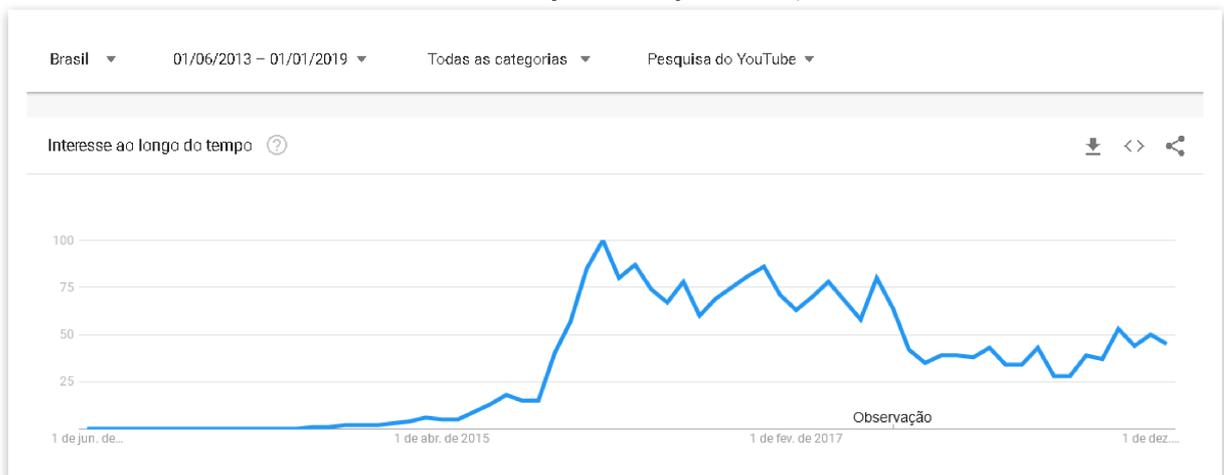
169 Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=4b9ZpFeCASI> e [https://www.youtube.com/watch?v=2I\\_0pT0SDwM](https://www.youtube.com/watch?v=2I_0pT0SDwM), assim como estão disponibilizados na nuvem:

170 GOMES, R. L. R. A questão do fascismo em Gramsci à luz de debates marxistas e da “onda conservadora” contemporânea. Em: REBUÁ, E. *et al.* (org.). **(Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. p. 148.

171 Segundo o próprio site <https://www.trends.google.com.br>, esses gráficos são referentes ao “interesse ao longo do tempo”, ou seja, “os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo”

canal “Nando Moura”<sup>172</sup> no YT, o qual, a partir de agosto de 2014, começa a ganhar gradativamente número de pesquisas na plataforma do YT e no buscador da Google. A partir de outubro de 2015, podemos perceber um grande pico (100) formar-se, muito pelo fato de naquele momento ocorrer um debate público muito acalorado referente ao *impeachment* da então Presidenta Dilma Rousseff – processo aceito em dezembro de 2015 pelo Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, e efetivado com o golpe no final agosto de 2016.

Figura 2 - Termo de pesquisa "Nando Moura" na plataforma Google Trends - pesquisas no YouTube (jun.2013-jan. 2019)



Fonte: *trends.google.com*

Interessante notar que essa nova direita que escolheu o YouTube enquanto forma de propagação de suas ideias, não surgiu de forma evidente com os “acontecimentos”<sup>173</sup> de junho de 2013. Como bem demonstra a figura 3<sup>174</sup>, o *Movimento Brasil Livre*, por exemplo, tem sim ligação inequívoca com junho daquele ano (tendo ele participado ativamente das manifestações), porém, fica evidente que o MBL obtém mais engajamento principalmente em

(GOOGLE, 2020).

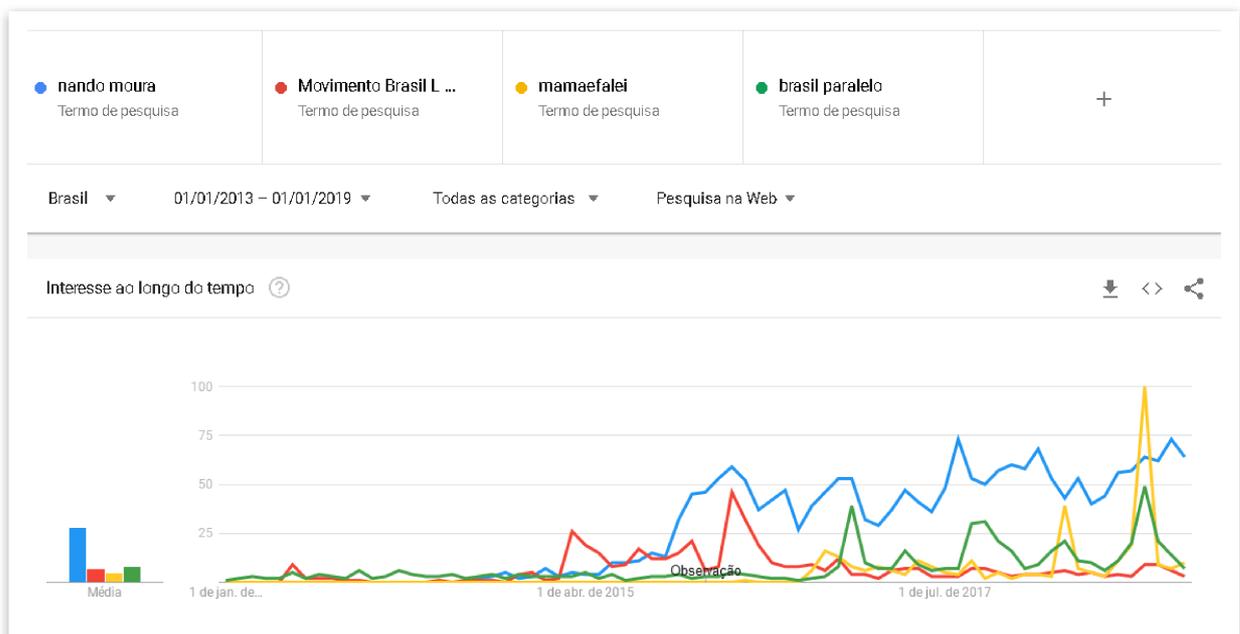
172 “Nando Moura” é um canal do *YouTube*, sendo o maior da “nova direita” brasileira na plataforma. Criado no final de 2011, era voltado principalmente à divulgação musical e aulas de guitarra, passando a crescer vertiginosamente a partir de 2015 (alternando suas temáticas entre música, jogos, religião e política). Em 17 de agosto de 2015, o canal contava com aproximadamente 88 mil inscritos. Em 21 de novembro de 2016, alcançava mais de 950 mil inscritos, chegando à marca de 3,2 milhões em maio de 2019. Informações retiradas exclusivamente da plataforma Social Blade (a partir do site [archive.org](https://socialblade.com/youtube/user/mrnandomoura101)). Disponível em: [https://web.archive.org/web/20190601000000\\*/https://socialblade.com/youtube/user/mrnandomoura101](https://web.archive.org/web/20190601000000*/https://socialblade.com/youtube/user/mrnandomoura101) Acesso: 21/02/2020.

173 Termo utilizado por André Singer (2013) para descrever junho de 2013.

174 Os termos de pesquisa utilizados neste gráfico foram escolhidos pelo critério de serem os canais com maior número de inscritos no *YouTube*.

março e abril de 2015, com as manifestações<sup>175</sup> a favor da abertura do processo de Impeachment contra Dilma Rousseff. A Revista Época chegou a considerar os protestos daquele mês como sendo a maior manifestação política que já ocorrida história do país<sup>176</sup>.

Figura 3 - Termo de pesquisa: "Nando Moura", "Movimento Brasil Livre", "mamaefalei" e "Brasil Paralelo" na plataforma Google Trends (pesquisas na Web) (jan. 2013 - jan. 2019)



Fonte: [trends.google.com](https://trends.google.com)

Apesar disso, junho de 2013 funciona muito mais como um ponto de inflexão para a análise do que como ponto de partida, muito pelo fato de que naquele momento houve uma mudança significativa na esfera pública brasileira: o centro e a centro-direita (e parcela da direita mais extremada) foram às ruas massivamente pela primeira vez desde a redemocratização<sup>177</sup>. Como veremos adiante, essa mudança teve efeitos significativos nas ações político-ideológicas das direitas no país, além de apontar para o ressurgimento público de uma parcela significativa dos grupos de extrema direita, que vinham se utilizando de

175 Para saber mais: <https://www.dw.com/pt-br/protestos-testam-for%C3%A7a-do-movimento-anti-dilma/a-18315439> Acesso em 19/01/2021.

176 Ver em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/03/bmanifestacao-anti-dilmab-entra-para-historia.html> Acesso em 22/01/2021.

177 PINTO, 2017.; TATAGIBA, 2018.

fóruns *on-line* – conhecidos como “*chans*” – como sua principal forma de comunicação e organização desde o fim do século XX e o começo do século XXI<sup>178</sup>.

Fica evidente que as manifestações públicas a favor do impeachment de Dilma Rousseff tiveram grande impacto na procura por “informação” no YT, fazendo com que uma grande parte de internautas acabasse por se deparar com os canais dessa nova direita. Por utilizarem esse espaço para a crítica ao governo e o apoio ao golpe de 2016, esses canais conseguiram visibilidade inédita e angariaram uma grande quantidade de seguidores a partir daquele momento de grande mobilização da direita.

Essa nova direita, “liberal na economia e conservadora nos costumes”<sup>179</sup>, tem um discurso veemente contra as pautas anti-opressão, como as pautas antirracistas por exemplo. Ela se vê acuada perante as conquistas dos outros, pelo fato de vê-los como preguiçosos e propagadores de discursos “vitimistas”. Ela recusa o outro, mas o recusa com ódio e violência. Um dos grandes expoentes da nova direita foi Olavo de Carvalho, com um discurso repleto de ofensas e teorias conspiratórias, conseguindo angariar um público fiel que perpetua sua voz em diversos canais de YouTube, como Nando Moura, Bernardo Küster, eGuinorante, Paula Marisa, Brasil Paralelo, Terça Livre, dentre muitos outros.

Para a nova direita, a honra da família seria um elemento fundamental para o fortalecimento da sociedade. As críticas ao movimento LGBTQIA+ e ao feminismo são sempre recorrentes nos canais abordados, pois eles vão de encontro aos conceitos que alicerçam a noção conservadora de família tradicional<sup>180</sup>.

Para Débora Messenberg<sup>181</sup>, a direita brasileira e sua cosmovisão pode ser entendida em três grandes campos semânticos de atuação nas redes sociais (sendo que, dependendo da vertente da direita, esses campos têm mais ou menos força). São eles: o antipetismo, que rotula o Partido dos Trabalhadores como a origem de todos os males do país até o momento (principalmente em relação à corrupção generalizada); o conservadorismo moral, que postula

---

178 MAYNARD, 2011.

179 SILVA, I. H. M. e. “Liberal na economia e conservador nos costumes” uma totalidade dialética. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/3610702/2021>. Acesso em: 9 mar. 2022.

180 MICHELS, R. de S. **O discurso conservador brasileiro nas novas mídias digitais e a honra da família**: uma leitura à luz de Wilhelm Reich. VI Jornada de Pesquisa em Psicologia - Psi-Unisc: [s. n.], 2017.

181 MESSEMBERG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Em*: AS DIREITAS NAS REDES E NAS RUAS: A CRISE POLÍTICA NO BRASIL. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

a criação de uma conspiração moral promovida pelas lutas anti-opressão (vistas como as principais deturpadoras da família); e os princípios neoliberais, que promovem o neoliberalismo enquanto o sistema “normativo que abarca discursos e práticas que expandem a lógica do capital a todas as esferas sociais”<sup>182</sup>.

Apesar de a nova direita tender a um discurso que visa a completa mudança e repaginação da política atual, ela acaba por acomodar-se historicamente à manutenção da ordem tradicional, como quando apoiam as bancadas evangélicas e do agronegócio, que são as maiores do congresso e ajudam a ditar a política nacional. Nesse sentido, ao mesmo tempo que dizem querer rupturas políticas, mantêm-se alinhadas aos elementos de dominação da política econômica internacional e nacional. Por isso, quase sempre, esses canais do YouTube reafirmam a exclusão dos setores populares da política, como é o caso de trabalhadores rurais, sem terra, sem teto, feministas, movimento negro, indígenas e movimentos de base popular.

## 2.2 – Disputas de memória no *YouTube*

Como afirma Michael Pollak<sup>183</sup>, “uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa de memória”. Com isso, a memória enquanto uma operação coletiva se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento social entre coletividades de tamanhos diferentes: grupos, partidos, famílias, nações, etc.

Pollak<sup>184</sup> evidencia esse caráter opressor e uniformizador da memória coletiva nacional ao abordar as memórias chamadas por ele de “subterrâneas”, advindas para a análise através da história oral. Essas memórias podem remeter às lembranças da sociedade civil (em oposição ao Estado nacional) ou às de grupos oprimidos, silenciadas pelo processo de construção de uma memória oficial. As memórias subterrâneas, dessa forma, funcionam como forma de resistência, uma vez que não morrem, mas também não são evocadas no espaço

---

182 Ibid., p. 206.

183 POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989. p. 5.

184 POLLAK, 1989.

público e, quando o são, geralmente é devido a algum momento político propício, ou, nas palavras do autor, a um “sopro de liberdade” no âmbito político-social.

O autor afirma, então, que a memória coletiva nacional convive com diversas memórias subterrâneas que circulam por outros espaços que não o público. As mesmas emergem a partir de circunstâncias específicas, como, por exemplo, a denúncia oficial dos crimes de Estado cometidos pelo governo de Stalin, a qual provocou a emergência no âmbito político de memórias silenciadas e ressentidas das vítimas desse período, que permaneciam, até então, apenas na cena íntima familiar. Tal fenômeno acarretou uma revisão autocrítica em relação ao passado por parte do governo e da sociedade. Outro exemplo disso, muito citado por autores como Tzvetan Todorov<sup>185</sup> e Andreas Huyssen<sup>186</sup>, é a politização de diversos grupos oprimidos historicamente, durante a década de 1960, em diversas partes do mundo, que suscitaram em reivindicações no presente que se justificavam pelas experiências silenciadas no passado.

Mas até que ponto a memória desses grupos conservadores provindos do YouTube pode ser considerada uma memória subterrânea aos moldes das afirmações de Pollak? Primeiramente, esses grupos se enxergam enquanto oprimidos pelo poder autoritário do chamado “marxismo cultural”. De acordo com eles mesmos, são vítimas desse sistema de dominação global em que a esquerda quer dominar o mundo a partir da implementação do chamado “globalismo”. Em segundo lugar, essa memória está presente desde a ditadura (e até mesmo bem antes), principalmente pelo fato de tomar forma no anticomunismo. Como diversos autores afirmam, setores da sociedade civil tiveram papel importante no golpe de 1964, assim como valores religiosos, de cunho moral fizeram parte desses momentos, e ainda se fazem presentes.

O ponto de virada aparente está na redemocratização nos anos 1980, em que os discursos favoráveis à ditadura perderam espaço na esfera pública e começaram a ganhar força a partir dos descontentamentos provindos dos acontecimentos de junho de 2013 e, mais especificamente, das manifestações contrárias à copa do mundo, em que o anticomunismo começou a ser confundido com o antipetismo. Além disso, a ditadura passou a ser abordada mais publicamente a partir do início das discussões em torno da Comissão Nacional da

---

185 TODOROV, T. **Los abusos de la memoria**. Buenos Aires: Paidós, 1993.

186 HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

Verdade no final de 2011 (mesma época em que o *Facebook* começou a superar o *Orkut* no Brasil<sup>187</sup>).

Como pontua Fernando Perlatto<sup>188</sup>, a grande mídia teve papel central nas disputas sobre os significados do passado ditatorial, desde a abertura dos processos da CNV até a publicação de seu relatório final em 2014. Ainda segundo o autor:

Essas controvérsias no tempo presente tiveram, na imprensa, um *locus* importante de manifestação, tendo esta se transformado em uma arena pública de debates fundamental em torno das memórias sobre esse passado. A grande imprensa, especialmente, se conformou como um ator importante nessas disputas sobre o passado, vocalizando ideias, defendendo pontos de vista e buscando “enquadrar” a forma como o debate sobre o passado transcorreu na esfera pública<sup>189</sup>.

Creio que seja importante destacar o papel que os trabalhos da CNV tiveram no reavivamento dos debates públicos sobre a ditadura militar brasileira, uma vez que, a partir de 2014, começamos a perceber diversas formas de disputas em torno da temática, principalmente as provenientes dos canais aqui analisados, que se utilizam de um discurso de descrédito e negação à historiografia acadêmica.

Estaríamos, então, vivendo em uma era de esquecimento? Podemos dizer que a memória, em si, já é um fenômeno suscetível ao esquecimento, como destacam Pollak<sup>190</sup> e Todorov<sup>191</sup>. Michael Pollak, por exemplo, afirma que a memória é submetida a enquadramentos, os quais realizam seleções e exclusões. A forma como a memória será enquadrada, portanto, determinará o que será lembrado e o que será silenciado (e, de certa forma, esquecido) e isso será determinante, por exemplo, na construção de identidades de certos grupos. Podemos perceber esses enquadramentos mais nitidamente na forma materializada, como através dos museus, monumentos e nomes de ruas.

Enquanto Pollak<sup>192</sup> pontua que o esquecimento é inerente à construção de uma memória, Todorov<sup>193</sup> nos atenta ao papel de quem estabelece o esquecimento e a rememoração. De acordo com ele, nem sempre lembrar é o mais positivo, devido à linha

---

187 Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-supera-orkut-no-brasil-pela-primeira-vez-diz-ibope.html> Acesso: 21/05/2020.

188 PERLATTO, F. Variações do mesmo tema sem sair do tom: imprensa, Comissão Nacional da Verdade e a Lei da Anistia. **Revista Tempo e Argumento**, v. 11, n. 27, p. 78–100, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2175180311272019078>

189 Ibid., p. 81.

190 POLLAK, 1989.

191 TODOROV, 1993.

192 POLLAK, 1989.

193 TODOROV, 1993.

tênue que separa a necessidade de memória e seu excesso, que acaba causando seu esvaziamento. Seria preciso, nesse sentido, estar atento aos usos feitos do passado pelo presente, assim como de seu enquadramento, para evitar o que ele chama de “abusos da memória”, isto é, quando o passado dita o presente, e não o auxilia.

Andreas Huyssen<sup>194</sup>, por sua vez, trata da memória e do esquecimento no âmbito da “era” midiática e tecnológica. Ele afirma que, desde a década de 1970, houve no ocidente um *boom* da comercialização em massa de nostalgia, não restando dúvidas de que o mundo estaria sendo “musealizado”. Tal enfoque na memória, segundo alguns críticos, destaca uma falta de vontade de lembrar, no sentido de que um excesso de memória acaba causando sua banalização. Para Huyssen<sup>195</sup>, a mídia, a internet e a televisão disponibilizam a memória cada vez mais rápido, além disso, a comercialização em massa dessas memórias é imaginada, sendo esquecidas com mais facilidade do que as memórias vividas. Para ele, memória e esquecimento não devem ser considerados como opostos irreconciliáveis, além de não podermos privilegiar a memória em relação ao esquecimento.

Tal ânsia pela memória pode ser observada pelo medo do esquecimento, que, para Huyssen<sup>196</sup>, estaria ligado ao Holocausto e aos momentos traumáticos de países que sofreram com ditaduras e apartheids, uma vez que tais memórias traumáticas carecem de espaços de rememoração, colocando-nos em uma distinção entre os passados usáveis e os disponíveis. No caso latino-americano, o fim das ditaduras e suas transições para a democracia geram a tentativa de lidar com esse passado traumático em um primeiro momento, ou seja, a emergência da memória nesses casos estaria vinculada à tentativa de entender esse passado.

Segundo Huyssen<sup>197</sup>, essa volta/*boom* ao/do passado é decorrente da mudança acarretada pelas novas tecnologias, que provocaram uma mudança na temporalidade da vida, ou seja, a velocidade crescente das inovações tecnológicas gera produtos que já nascem obsoletos. Dessa forma, é imprescindível analisar a memória hoje a partir das novas tecnologias. Ainda segundo ele, esse mal-estar perante o esquecimento vem de um fluxo de informações muito grande agregado a uma aceleração da cultura, com os quais não estamos aptos a lidar. Nesse futuro cada vez mais incerto e caminhando tão rapidamente, a atenção se voltaria para o passado, uma vez que ele seria lugar de confiança, de conforto.

---

194 HUYSSSEN, 2000.

195 Ibid.

196 Ibid.

197 Ibid.

Essa demanda por história acaba, em alguns casos, por banalizá-la, como vemos ocorrer nos dias atuais. Esses canais de YT estão se apoiando massivamente na negação e esquecimento seletivo da história. Ao se basearem na ideia do Escola sem Partido, em que se deve mostrar um outro lado, no caso, o lado da extrema-direita conservadora, eles inevitavelmente reivindicam um lado “verdadeiro” da história, que, segundo eles, nunca foi contado para a população do país.

Eles enxergam a história como lados opostos, caindo na armadilha das dualidades, mocinhos e vilões, certo e errado, esquecendo-se de que, segundo Primo Levi<sup>198</sup>, existe uma “zona cinzenta” na história, que muitas vezes nos ajuda a compreendê-la de forma mais enriquecedora e complexificada.

### 2.3 – Ideologia e ação doutrinária da direita no *YouTube*

Podemos tecer algumas características pertinentes à forma como essa nova direita vem agindo na internet, principalmente no que diz respeito à disseminação e ressonância de seu conteúdo. O primeiro ponto interessante a ser destacado é a questão da “polarização” política. Para Ruud Koopmans e Susan Olzak<sup>199</sup>, conteúdos questionáveis normalmente tendem a gerar debates públicos acalorados, sendo assim, disseminados mais facilmente. Para ele, existem três principais elementos que afetam a difusão de discursos controversos: visibilidade, ressonância e legitimidade. Assim, a visibilidade (*visibility*) diz respeito a como uma mensagem é apropriada pelos meios de comunicação – cabe aqui adicionar: dominantes. A ressonância<sup>200</sup> (*resonance*) seria como essa mensagem é recebida. Já a consonância (*consonance*) se refere às assimilações favoráveis dessa mensagem. Nas palavras do autor:

*A visibilidade é uma condição necessária para uma mensagem influenciar o discurso público e [...] a quantidade de visibilidade que os gatekeepers [guardiões] atribuem a uma mensagem aumenta seu potencial para se*

---

198 LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

199 KOOPMANS, R.; OLZAK, S. Discursive Opportunities and the Evolution of Right-Wing Violence in Germany. **American Journal of Sociology**, v. 110, n. 1, p. 198–230, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/386271>

200 Cabe ressaltar que Koopmans e Olzak (2004) não retiram a importância da ressonância negativa, que seria a “dissonância”, para a difusão de mensagens.

difundir ainda mais na esfera pública [...] mensagens que *ressoam* viajam mais. Por meio das reações de outros atores, a mensagem do locutor original é pelo menos parcialmente reproduzida e pode atingir novos públicos [...] A *consonância* geralmente assume a forma de declarações verbais favoráveis, mas inclui, em princípio, qualquer ação pública que indique apoio, endosso, ou incentivo ao ator, suas ações ou seus objetivos<sup>201 202</sup>.

A partir do que foi elaborado por Koopmans e Olzak<sup>203</sup>, podemos perceber como a nova direita se aproveita dessa ressonância para difundir sua ideologia a partir de uma ação doutrinária. Os canais aqui analisados se utilizam da polarização e de assuntos controversos para espalhar seu conteúdo nos mais diversos tipos de grupos sociais, sendo eles os que concordam, os que discordam e os indecisos. Pelo fato de esse tipo de assunto gerar engajamento, seja positivo ou negativo, ele alcança um número grande de pessoas. Segundo Mayara Balestro<sup>204</sup>, “no mundo contemporâneo, os meios de comunicação e as redes digitais têm, assim, um papel fundamental para construir produção/consenso e disseminar informações, sejam elas reais ou *Fake News* (mais ainda em tempos de pandemia)”.

Por exemplo, não é difícil encontrar alguns vídeos dessa nova direita nos “em alta” do YouTube, que define os que estão ganhando mais números no dia (seja de visualizações, curtidas ou comentários). Com isso, aparecem em destaque na plataforma, levando às pessoas a verem pela primeira vez esse tipo de conteúdo. Os principais a chegarem nesse ranking são os mais apelativos, como quando Nando Moura e Arthur do Val (canal Mamaefalei) fizeram um debate juntos em 2018 sobre as eleições<sup>205</sup>. Outro vídeo que chegou a essa marca foi o intitulado “Agenda 2030: João Amoedo apoia globalismo da ONU”, do canal de Bernardo Küster, também em 2018. Além disso, muitos desses canais se valem de comentar sobre acontecimentos muito falados do momento, o que gera engajamento de forma rápida. Por

---

201 KOOPMANS; OLZAK, 2004.

202 “Visibility is a necessary condition for a message to influence the public discourse, and, other things being equal, the amount of visibility that gatekeepers allocate to a message increases its potential to diffuse further in the public sphere [...] messages that resonate travel farther. Through the reactions of other actors, the message of the original speaker is at least partially reproduced and may reach new audiences [...] Consonance often takes the form of favorable verbal statements, but includes in principle any public action that signals support, endorsement, or encouragement of the actor, his actions, or his aims”.

203 KOOPMANS; OLZAK, 2004.

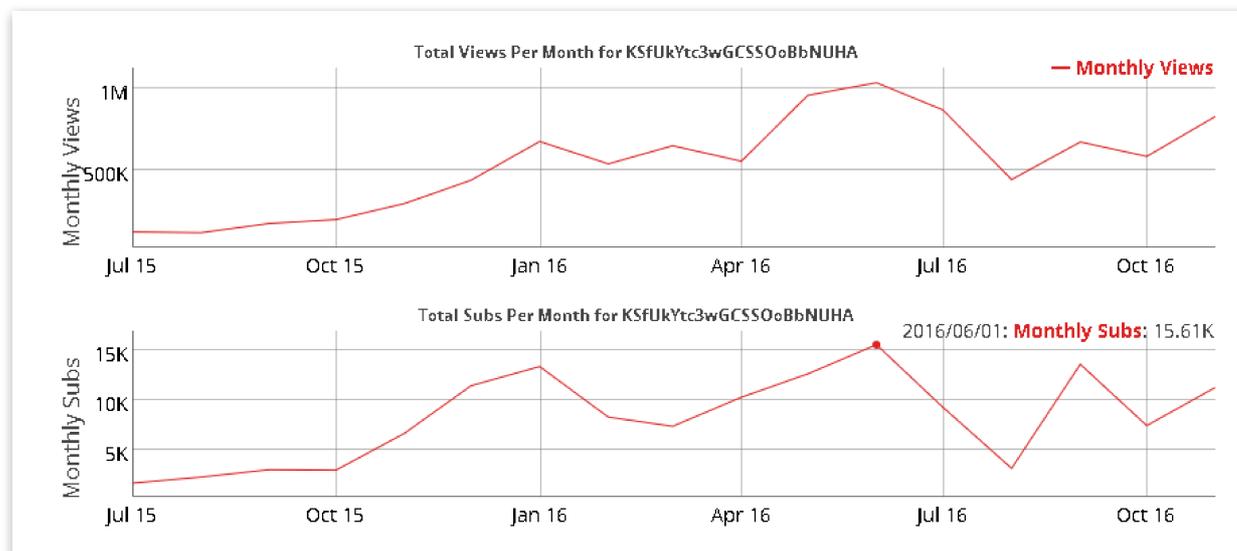
204 BALESTRO, M. A. M. S. **Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e Guerra Cultural: Brasil Paralelo e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020)**. 2021. - Dissertação (Mestrado Acadêmico), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2021. p. 112.

205 Interessante notar que Nando Moura chegou a entrevistar Jair Bolsonaro duas vezes, uma em 2016 e outra em 2018 (para a eleição presidencial). O último chegou ao “em alta” da plataforma, além de ter ultrapassado a marca de 1 milhão de visualizações em menos de uma semana.

exemplo, quando Nando Moura teceu comentários em vídeo sobre o caso do youtuber Júlio Cocielo - acusado de racismo referente à piada com o jogador francês de futebol Kylian Mbappé.

Outro ponto referente ao tipo de procedimento utilizado por esses canais é o de apoio mútuo, ou seja, eles citam uns aos outros nos vídeos, além de colocarem *links* para os canais que são referidos. Um caso foi o do canal *Nando Moura*<sup>206</sup> que, em um vídeo<sup>207</sup> publicado no dia 30 de maio de 2016, cita o nome de *Maro Schweder* como um “grande historiador” e entendedor do período da ditadura brasileira. A partir disso, podemos perceber uma grande massa de novos inscritos (figura 4)<sup>208</sup> no canal de Maro, principalmente nos primeiros dias do mês de junho. No mês posterior à citação de *Nando Moura*, pode-se notar um aumento de mais de 15,6 mil inscritos, o mais alto alcançado pelo canal. Nesse mesmo mês, o número de visualizações também foi o maior, chegando a ter mais de um milhão.

Figura 4 - Progresso de Maro Schweder (inscritos mensais e visualizações mensais) - 18/07/2019.



Fonte: socialblade.com e archive.org

206 O canal de Nando Moura é significativo por ser o maior canal conservador-liberal do Brasil, com quase três milhões de inscritos (Anexo 1).

207 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hMga8k50FRk> Acesso: 01/11/2018. Ou na nuvem: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes)

208 Figura 4 retirada integralmente do site archive.org. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20161231154642/https://socialblade.com/youtube/channel/UCKSfUKYtc3wGCSSOoBbNUHA> Acesso: 01/11/2018.

Além disso, esses atores utilizam-se de outras redes sociais para gerarem engajamento, o que refletirá diretamente em seus números no YT. A utilização de títulos provocativos também é bem comum: “a verdade” é um termo muito usado por eles.

Como dito anteriormente, eles se beneficiam dos acontecimentos recentes para a criação de vídeos. Assuntos que estão sendo mais falados na mídia e nas redes sociais tendem a ter vídeos de comentários. Como visto na figura 3, existem certos picos de busca que se relacionam diretamente com acontecimentos públicos. Por exemplo, as movimentações para o pedido de impeachment de Dilma Rousseff, o processo de prisão do ex-presidente Lula e a eleição de Jair Bolsonaro. Interessante notar que esses canais se valem da quantidade de vídeos postados semanalmente. Alguns, como o Terça Livre, colocavam de 2 a 3 vídeos por dia na plataforma. Essa fórmula de consistência semanal e diária acaba por angariar um engajamento alto e um público ativo.

Segundo Ghedin<sup>209</sup>, cinco dos dez canais que explodiram no ranking do YouTube durante as eleições de 2018 foram canais da extrema-direita. O que evidencia que foi dito anteriormente sobre o algoritmo do YT:

O algoritmo não é neutro. Objetivos bem definidos moldam sua construção e, embora eventualmente ele tenha consequências não previstas, no geral ele entrega o que foi feito para fazer.

No YouTube, a explosão de vídeos apelativos decorre de um objetivo bem definido. Em 2014, a direção da empresa estabeleceu como meta que os usuários assistissem a um bilhão de horas por dia na plataforma. O desafio dos engenheiros foi, então, criar um algoritmo eficiente para prender ao máximo a atenção dos usuários. Na época, funcionários alertaram sobre a ascensão de canais extremistas e a viralização de informações falsas, mas foram ignorados. Em 2016, o YouTube atingiu sua meta<sup>210</sup>.

Referente à eleição de 2018, podemos afirmar que o algoritmo do YouTube, a partir da mudança feita em 2016, fez com que os vídeos apoiando Bolsonaro e compactuando com suas teorias conspiratórias fossem os mais vistos e os mais recomendados<sup>211</sup>. Isso confirma o dito por Chaslot<sup>212</sup>, ao afirmar que o algoritmo do YT seria uma “bola de neve impulsionadora de teorias conspiratórias”. Além disso, segundo Fisher e Taub<sup>213</sup>, o YT não estaria simplesmente

---

209 GHEDIN, R. Cinco dos dez canais que explodiram no ranking do YouTube durante as eleições são de extrema direita. *Em*: THE INTERCEPT. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/>

210 Ibid.

211 FISHER; TAUB, 2019.

212 CHASLOT, 2018.

213 FISHER; TAUB, 2019.

mostrando as tendências políticas, mas o algoritmo transformaria essas tendências, o que acabou por favorecer a direita, uma vez que ela esteve presente massivamente na plataforma, angariando seguidores fiéis, postando vídeos diariamente, gerando engajamento e polarização política – que, como afirmaram Koopmans e Olzak<sup>214</sup>, é uma das formas de se gerar debate público mais eficiente.

Esse engajamento consegue atrair uma diversidade de pessoas, chegando ao ponto de o próprio Jair Bolsonaro indicar (figura 5) alguns canais dessa nova direita no YT em suas redes sociais oficiais (*Instagram* e *Twitter*), alegando serem “excelentes opções de canal de informação no YT”<sup>215</sup>. Nando Moura e alguns outros *youtubers* de direita também foram convidados para a posse<sup>216</sup> à presidência de Jair Bolsonaro em 2019.

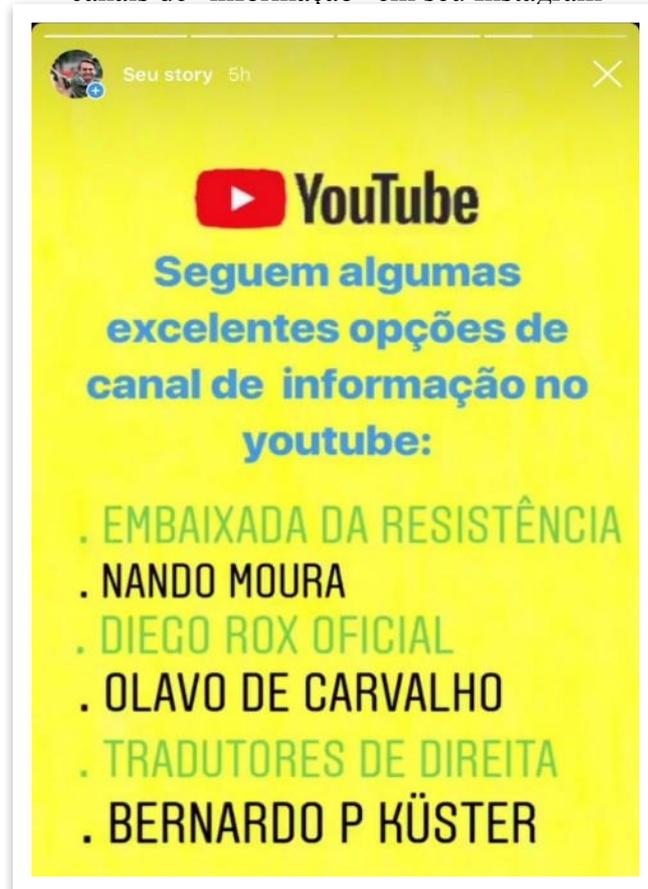
---

214 KOOPMANS; OLZAK, 2004.

215 Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896/photo/1> ou em: <https://web.archive.org/web/20181201002839/https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896>

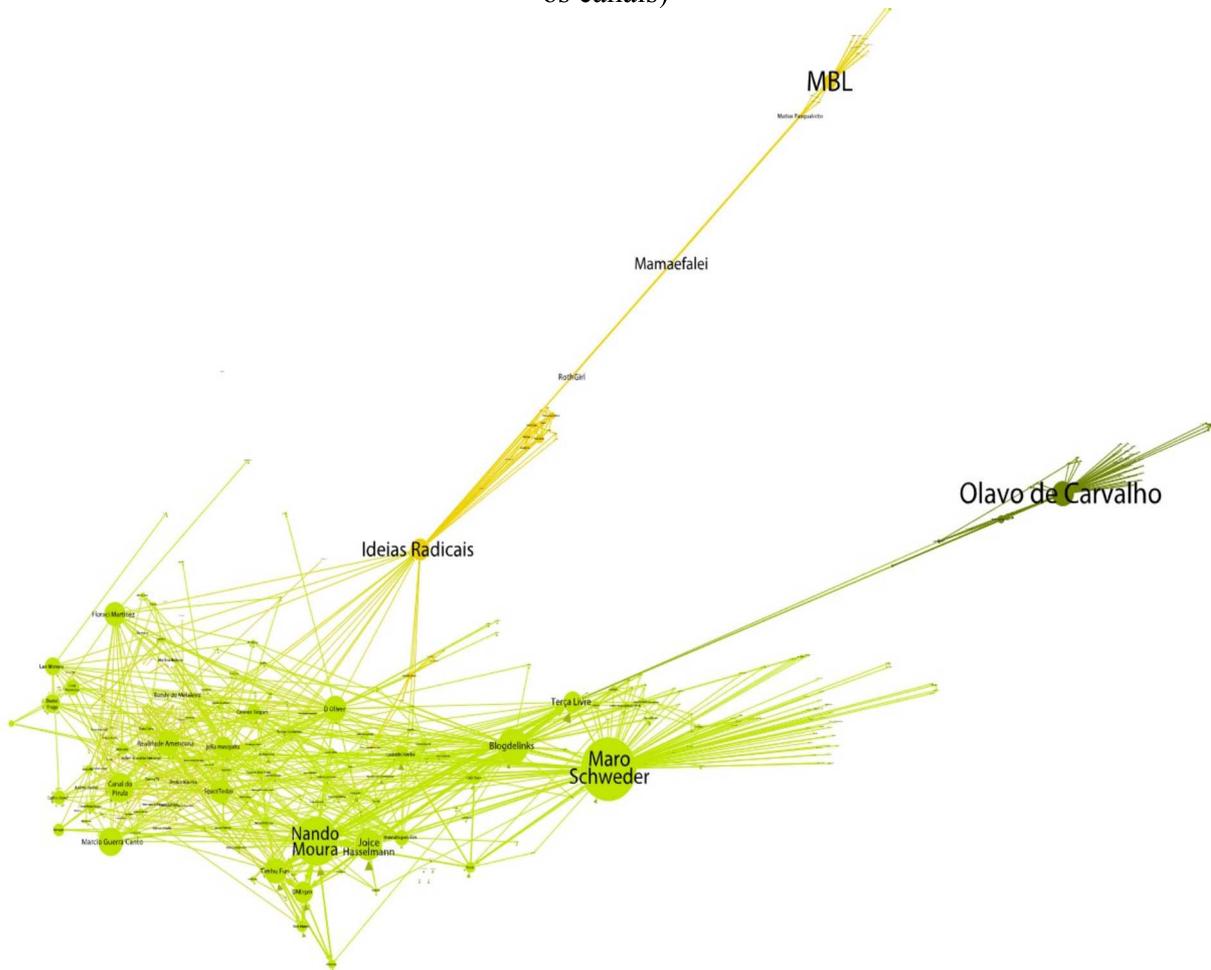
216 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hziieeqyqx5Q> ou em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes)

Figura 5 - Bolsonaro compartilha alguns canais de "informação" em seu Instagram



*Fonte: foto reproduzida da conta do Twitter de Jair Bolsonaro. 12 de nov. 2018.*

Figura 6 - Mapa de interações entre os canais da direita no YouTube (Rede de grau 1 com todos os canais)



Fonte: SILVA, 2018, p. 107

Como demonstrado no mapa (figura 6), podemos perceber uma grande massa verde clara de canais da nova direita, em que suas vozes dominantes são Maro Schweder, Nando Moura, Joice Hasselmann e Terça Livre. Desse grupo conservador e cristão derivam duas principais vertentes, segundo Silva<sup>217</sup>, “uma centrada na figura de Olavo de Carvalho e outra com o Ideias Radicais como encadeador de um ponto de chegada no Mamaefalei e MBL”. Segundo Rodrigo Oliveira Silva:

A direita no YouTube do Brasil, está configurada desta forma [figura 6]. Na sua pluralidade, centra em figuras conservadoras cristãs e discriminatórias –

217 SILVA, R. O. **Um mapa da <<direita>> no YouTube do Brasil através de métodos digitais**. 2018. Mestrado em Ciência da Comunicação - Cultura contemporânea e novas tecnologias) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2018. p. 107.

características da extrema-direita – e que apoiam publicamente um candidato presidencial – Jair Bolsonaro. Em outras palavras, embora nenhum destes canais se autodefine como extrema-direita, são nos detalhes indiretos, nas contradições e nas inferências que estes canais estão unidos. Não apenas ideologicamente, mas nas relações que estes possuem entre si<sup>218</sup>.

A nova direita tem se beneficiado do algoritmo de forma crescente na tentativa de produzir consenso para a visão hegemônica do capitalismo de mercado e do neoliberalismo. Desde 2014, seus números estão em alta, principalmente a partir de meios alternativos de difusão de conteúdo, como é o caso da internet e das redes sociais. Desse modo, a nova direita vem se tornando uma “verdadeira arma simbólica de produção de significados”, na medida que “essa estratégia de difusão de conteúdos e informações rasas têm sido sistematizada e estruturada cada vez mais profissionalmente, em uma espécie de produção industrial”<sup>219</sup>. De acordo com Casimiro:

Esses novos espaços de sociabilização do século XXI, por um lado, trouxeram conquistas muito importantes, na medida em que facilitam e ampliam vertiginosamente o acesso a todo o tipo de conteúdo e representaram um avanço significativo no enfrentamento e na relativização do poder dos grupos midiáticos tradicionais no Brasil, principalmente da televisão aberta. Por outro lado, possibilitaram uma disseminação de conteúdos com pouca profundidade e com apelo sensacionalista, que passam a ideia de acesso à informação, mas que na verdade privilegiam a superficialidade, inviabilizando análises mais complexa e o contraponto de ideias. Esse processo abriu um campo de estratégias de produção em massa de conteúdos e de informações (imagens, memes, vídeos etc.), no qual, distorções, descontextualizações e notícias falsas circulam nessas redes juntos com reportagens jornalísticas e estudos científicos, o que dificulta verificação e a confirmação de informações<sup>220</sup>.

Nota-se que há na sociedade uma luta contínua pela hegemonia (em termos gramscianos), que leva em consideração, não só a utilização da violência, como também um “universo intersubjetivo de crenças e valores”<sup>221</sup>. Ou seja, a hegemonia necessita utilizar de persuasão e criação de consensos sobre as relações de mercado e o domínio de classe. Conforme pontua Casimiro<sup>222</sup>, a burguesia moderna avança com a dominação a partir de operações de hegemonia, utilizando-se de uma ampla ação estrutural e local com organizações

---

218 Ibid., p. 108.

219 CASIMIRO, F. H. C. **A tragédia e a farsa: A ascensão das direitas no Brasil contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020. p. 25.

220 Ibid., p. 81–82.

221 Ibid., p. 23.

222 Ibid.

culturais, meios midiáticos, instituições de educação, movimentos políticos, além das próprias redes sociais, difundindo e naturalizando sua concepção de mundo e seus valores.

Além disso, essa produção de consenso visando à hegemonia acarreta no esvaziamento do “debate político de sua profundidade em função da reprodução automática e irrefletida de determinados discursos”<sup>223</sup>, principalmente com a atuação dos chamados intelectuais coletivos nos mais diversos espaços de socialização da sociedade, em especial (acrescentamos) nas redes sociais.

Segundo Casimiro<sup>224</sup>, a “memetização” da realidade é uma eficiente forma de luta simbólica perpetrada por setores da burguesia brasileira, diminuindo o espaço da defesa de ideias em um modo superficial através de mensagens curtas e cômicas nas redes sociais. Ou seja, os “memes” acabam “viralizando” informações sem base científica e fora de seu contexto, assim como as *fake news*. Os temas em disputa, mobilizantes de um debate social, acabam sofrendo com um imenso volume de informações memetizadas nas redes, transformando-se em “uma verdadeira arma simbólica de produção de significados”<sup>225</sup>.

Veremos no próximo capítulo como isso é feito, principalmente no que diz respeito ao negacionismo histórico sobre a ditadura militar brasileira. Os canais e vídeos (anexo 1) aqui analisados se utilizam das formas de disseminação descritas acima, mas a partir do enfoque na ditadura poderemos vislumbrar um modo mais refinado de disseminação a partir de vídeos chamativos e mal-intencionados. Tendo como ponto de partida o documentário do Brasil Paralelo, “1964: Brasil entre armas e livros”, lançado em abril de 2019 (porém programado para ser lançado antes da eleição presidencial de 2018), veremos como o discurso da nova direita se baseia veementemente na tentativa de comprovação de seus argumentos a partir de uma falsa aparência de compromisso com a história acadêmica.

---

223 Ibid., p. 25.

224 CASIMIRO, 2020.

225 Ibid., p. 25.

### CAPÍTULO 3 – NEGACIONISMO HISTÓRICO E A DITADURA MILITAR

A Ditadura Militar no Brasil é uma história traumática e, em termos, recente. As políticas posteriores de memória e reparação certamente são ainda mais próximas temporalmente de nós e surtiram efeitos positivos e negativos na sociedade brasileira. Como abordaremos, as tentativas de reparação histórica para as famílias de desaparecidos políticos e dos assassinados pela ditadura ainda ressoam no tempo presente, como é o caso da Comissão Nacional da Verdade (CNV), uma vez que esta acarretou um acalorado debate público sobre a história da Ditadura em cadeia nacional<sup>226</sup>.

Junto às tentativas de reparações históricas, vieram as críticas à CNV, principalmente as propagadas por setores mais extremados politicamente, como é o caso da nova direita. Com argumentos de negação da história da ditadura, essa direita extremada acaba por retomar o debate, ganhando cada vez mais popularidade em certas camadas da sociedade. Contudo, este não é um movimento de negação que se origina nos debates públicos em torno da Comissão Nacional da Verdade. Logo com o fim “lento, gradual e seguro” do regime militar, vieram à tona discursos que versavam sobre a não existência de uma ditadura, muitos deles baseados na Doutrina de Segurança Nacional do próprio exército ditatorial brasileiro<sup>227</sup>. Além disso, esse processo de negação da ditadura esteve presente como política de Estado da própria cúpula militar no período ditatorial<sup>228</sup>, servindo de base para os discursos negacionistas que circulam na esfera pública brasileira até os dias atuais.

Conforme pontuam Ribeiro e Bertol:

em meio a tantos debates, a memória da ditadura militar brasileira entrou em processo de ebulição. O período militar assumiu, assim, o centro de uma grande disputa de sentidos. Estamos presenciando a uma verdadeira batalha política sobre o significado do passado. O que se vê é uma luta de memória. Ou melhor, a memória no centro da luta política<sup>229</sup>.

226 TELES, E.; QUINALHA, R. **Espectros da ditadura**: da Comissão da Verdade ao bolsonarismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

227 BALESTRO, 2021.; MELO, D. O bolsonarismo como fascismo do século XXI. *Em*: REBUÁ, E. *et al.* (org.). **(Neo)fascismos e educação**: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. p. 12–46.

228 CARDOSO, L. C. Os discursos de celebração da “Revolução de 1964”. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 62, p. 117–140, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-01882011000200008>; **Criações de memória**: defensores e Críticos da Ditadura (1964-1985). Cruz das Almas/BA: Editora UFRB, 2012.

### 3.1 – Discursos de negação: “verdade não contada pela esquerda”

Para os pesquisadores Fernando Perlatto e Odilon Caldeira Neto:

A historiografia e a sociedade brasileira se veem diante do difícil desafio de lidar com a proliferação de discursos negacionistas de experiências históricas como o Holocausto e a ditadura de 1964, atualmente potencializados pelas redes sociais e por lideranças políticas da extrema direita. Não restam dúvidas que de que os conhecimentos sobre esses “passados sensíveis” devem passar por processos contínuos de revisão, em diálogo com novas fontes e com a bibliografia já produzida sobre essas temáticas. Porém, este processo de revisionismo – inerente ao campo historiográfico – não deve ser confundido com o negacionismo<sup>230</sup>.

O negacionismo histórico da ditadura brasileira vem atrelado a um anticomunismo extremamente bem delimitado e estudado nos dias atuais. Nomes da nova direita brasileira, como Olavo de Carvalho, certamente estão no panteão ideológico de uma parcela significativa de intelectuais orgânicos da direita no país, inclusive com um discurso que adentra fortemente a formação da elite militar. Segundo o historiador Demian Melo:

[Olavo de] Carvalho certamente não inaugurou a paranoia anticomunista no Brasil, mas *cumpriu o papel de reciclar as velhas narrativas anticomunistas segundo as quais “os vermelhos” estavam apostando no “caminho pacífico para o poder”, como diziam os golpistas em 1964*. Tal noção é um dos muitos delírios paranoicos presentes na Doutrina de Segurança Nacional, ideologia central da ditadura militar que continua a informar o pensamento militar atualizado com novas tendências do pensamento anticomunista importadas do Atlântico Norte.

A partir da publicação de textos como o livro *A nova era e a revolução cultural* (1994), Olavo de Carvalho penetrou nos meios conservadores elegendo Antonio Gramsci como o grande demônio do comunismo capaz de sobreviver à própria dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No meio militar, esse anti-gramscismo penetrou através da própria presença de Carvalho nos espaços de formação da elite militar e também de membros desta, que ajudaram a disseminar tal teoria da conspiração do “marxismo cultural”/“revolução gramscista”. Ajudaram nessa circulação periódicos como *Ombro a Ombro* e livros como *A revolução gramscista no Ocidente* (2002), do general Sergio Coutinho. Isso

---

229 RIBEIRO, A. P. G.; BERTOL, R. Mídia e memória da ditadura brasileira: a história e os usos políticos do passado. **RuMoRes**, v. 15, n. 29, p. 16–37, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2021.181756p.29>.

230 PERLATTO, F.; CALDEIRA NETO, O. Negacionismos: a negação da história do Holocausto e da ditadura brasileira de 1964. *Em*: BRUCK, M.; OLIVEIRA, M. C.; SANTOS, M. V. (org.). **Dossiê contra o negacionismo da ciência: A importância do conhecimento científico**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2022. p. 1246.

abre caminho para uma importante particularidade da tradução brasileira de tal teoria da conspiração, que é a centralidade do revisionismo e mesmo negacionismo histórico em relação à ditadura militar na ideologia bolsonarista<sup>231</sup>.

Além de tender à um discurso “revisionista” e até mesmo de “negação” da existência de uma ditadura no país, essa nova direita tem como característica mais evidente o anticomunismo. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta<sup>232</sup>, o anticomunismo tem suas matrizes no catolicismo, nacionalismo e liberalismo, o que poderia explicar a defesa incessante dessa nova direita no tripé “Deus, Pátria e Família”<sup>233</sup>, que se configura na salvaguarda do Deus cristão e de valores familiares tradicionalistas, como a heteronormatividade e o binarismo de gênero, além de um patriotismo mesclado com liberalismo econômico. Segundo Casimiro:

A aposta no discurso ultraliberal na economia e conservador nos costumes parece ter sido a junção conjuntural que melhor se apropriou e explorou as nuances do crescente sentimento de antipetismo na sociedade brasileira e do discurso “anticorrupção”. Esse sentimento foi fortemente funcionalizado, por um lado, diante da conjuntura de crise econômica e seus efeitos sociais [...] A própria direita tradicional e setores de centro-direita, inclusive considerados progressistas – como setores midiáticos, a exemplo da própria rede Globo – contribuíram substancialmente para o fortalecimento dessas concepções<sup>234</sup>.

Contudo, devemos levar em consideração que o anticomunismo não é uma característica brasileira, e sim mundial, que tem suas principais origens no começo do processo revolucionário russo em 1917. Apesar disso, aqui no Brasil o anticomunismo começa a tomar forma com os governos de Getúlio Vargas no século XX, como bem pontuado por Motta<sup>235</sup>.

Devemos, ainda, considerar o poder de pertencimento de grupos apoiadores da candidatura à presidência de Jair Bolsonaro em 2018. Em especial por ter sido marcada fortemente pela utilização da internet enquanto meio de divulgação e propagação de suas ideologias. Redes sociais como *WhatsApp*, *Facebook*, *YouTube*, *Instagram*, *Twitter*, *Reddit* e *Telegram* tiveram papel importante na eleição de Bolsonaro. Além disso, Bolsonaro é um conhecido apoiador da ditadura militar no país, sendo ele responsável pela fala de apoio ao

---

231 MELO, 2020, p. 30–31. Grifo meu

232 MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o perigo vermelho**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

233 Lema da Ação Integralista Brasileira (AIB), organização conservadora existente no Brasil de 1932 a 1937, e que continua a ser lema da Frente Integralista Brasileira (FIB), criada em 2005.

234 CASIMIRO, F. H. C. **A tragédia e a farsa: A ascensão das direitas no Brasil contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020. p. 154.

235 MOTTA, 2002.

general Carlos Alberto Brilhante Ustra em seu discurso de voto pelo *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016. Enquanto presidente, em março de 2019:

Bolsonaro determinou que as Forças Armadas comemorassem o aniversário do golpe de 1964. A reação foi imediata e o presidente voltou atrás. Mas várias foram suas declarações e de membros do seu governo em defesa do regime militar. Em junho, depois de zombar do pai do presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Bolsonaro disse que eram “balela” os documentos oficiais que provam o desaparecimento de Fernando Souza Cruz após ser preso pelo DOI-Codi. Disse ele ao jornalista: “Você acredita em Comissão da Verdade? Qual foi a composição da Comissão da Verdade? Foram sete pessoas indicadas por quem? Pela Dilma”<sup>236</sup>.

Depois dessa em 2019, vários youtubers da nova direita fizeram vídeos a respeito do tema, inflando a plataforma com conteúdo referente à ditadura militar. Nando Moura<sup>237</sup> disse: “comemorar 1964 não pode, mas quando a esquerda comemora a Revolução Russa pode? Na Rússia morreram 100 milhões!”. LiloVLOG<sup>238</sup> comentou: “devemos sim! [comemorar o golpe]. *Infelizmente* isso é algo que não vai voltar, pode ficar tranquilo, e com certeza o Brasil não será como foi na época nos anos 70, 80”. Para ele viver no regime militar era - em termos de segurança pública - muito melhor do que no Brasil de hoje, pois, naquela época poderíamos sair na rua à noite sem medo de sermos assaltados, o que hoje não seria possível, e por isso o Brasil estaria do jeito que está. Para Bernardo P. Küster<sup>239</sup>, Bolsonaro “voltou a comer bife” pelo fato de ter comentado sobre Fernando Santa Cruz de uma forma mais combativa com a esquerda, “Bolsonaro o confrontou. É o estilo Bolsonaro de ser, como era na campanha de 2018”.

Pode-se perceber de maneira mais clara como a busca por polarização política acaba por acarretar em debate público acalorado, levando determinado assunto a ter uma grande *visibilidade*, seja na mídia ou na internet. Quando Bolsonaro proferiu seu voto pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, virou manchete em vários jornais e, de certo, permaneceu por quase um mês sendo uma temática bastante comentada na esfera pública. Nos gráficos 1 e 2, podemos notar como esse comentário teve um aumento significativo nas buscas sobre o tema e, principalmente, uma maior visibilidade pública da própria figura de Jair Bolsonaro

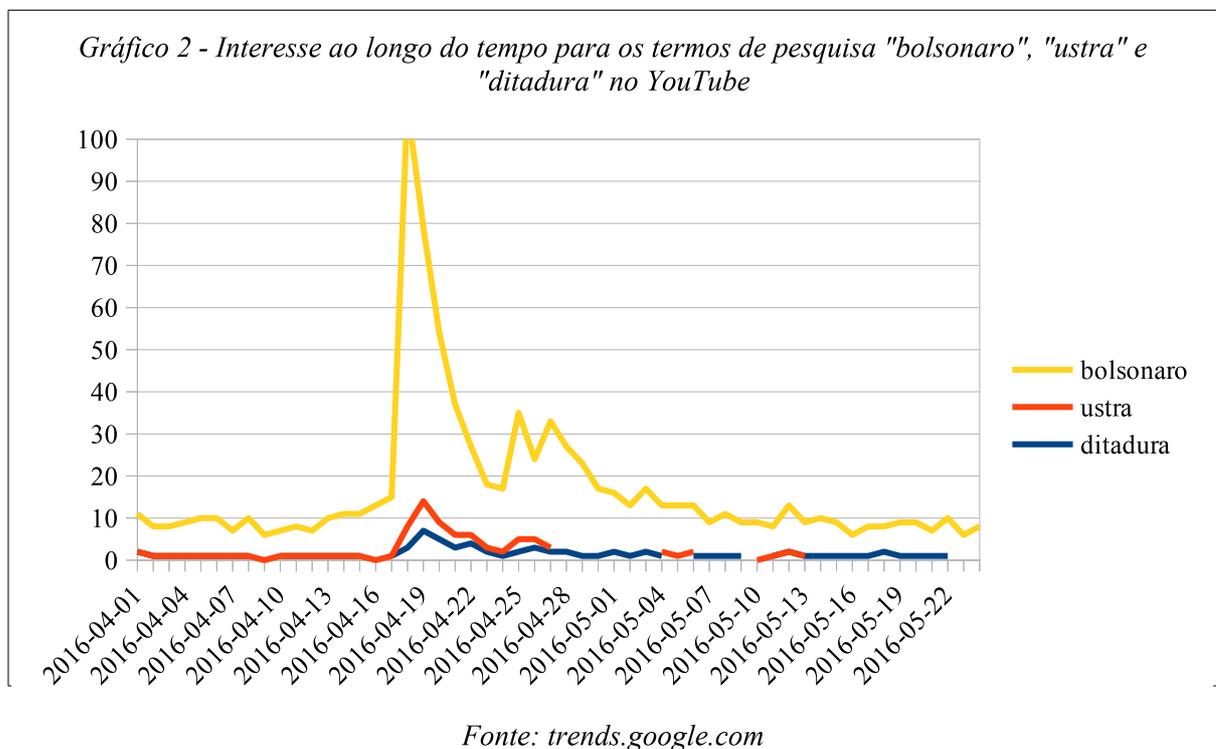
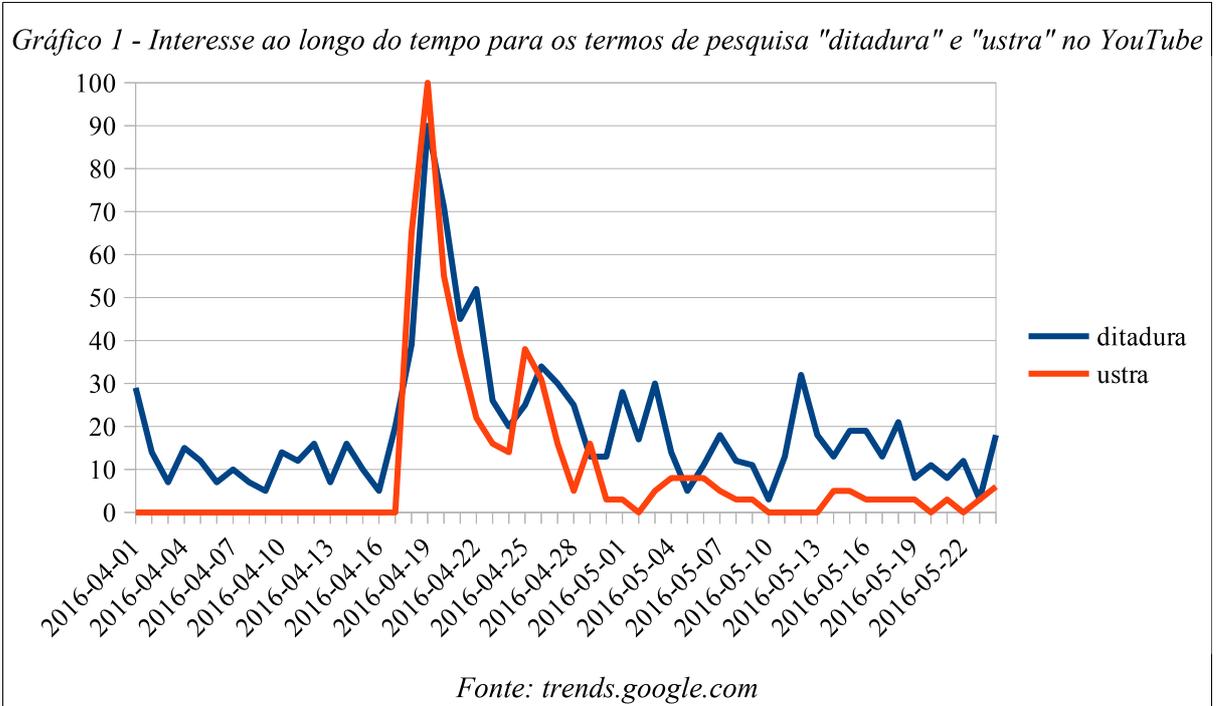
236 RIBEIRO; BERTOL, 2021, p. 28–29.

237 MOURA, Nando. #GloboLixo - 1964, Ursos e FRANCESES! Em: YOUTUBE. 30 mar. 2019c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OSLkfMOfcs>. Acesso em: 10 jul. 2020.

238 LILOVLOG. Comemorando 64. Em: YOUTUBE. 1 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HSuJUowvLFY>. Acesso em: 24 out. 2019. Adição e grifo meu.

239 KÜSTER, Bernardo. LOUCURA – Bolsonaro, Caio, Edgar e uma aula de história. Em: YOUTUBE. 31 jul. 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mz1m3dhiz0w>. Acesso em: 13 jul. 2020.

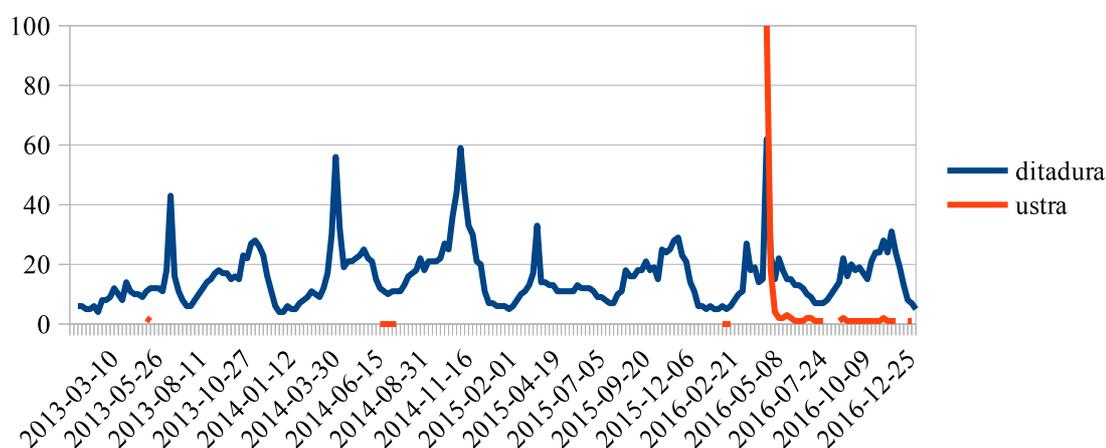
(em contraposição à figura de Jean Wyllys, até então do PSOL, pelo incidente<sup>240</sup> envolvendo os dois durante as votações pelo *impeachment* de Dilma) e de Carlos Alberto Ustra.



240 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2016/04/17/jean-wyllys-cospe-em-bolsonaro-durante-votacao-do-impeachment.htm>. Acesso em: 23/04/2017.

Percebe-se (gráfico 2) que a figura de Jair Bolsonaro recebe um impulso significativo com a votação pelo impeachment em abril de 2016. Tanto a ressonância quanto a dissonância geram visibilidade para determinados discursos<sup>241</sup>. No caso de Bolsonaro, ambas agiram para alavancar sua figura, positiva e negativamente, durante os dias e semanas do processo de impeachment.

Gráfico 3 - Interesse ao longo do tempo para os termos de pesquisa "ditadura" e "ustrá" no YouTube (2013-2017)



Fonte: trends.google.com

No gráfico 3<sup>242</sup>, podemos notar que em abril de 2016 as buscas sobre ditadura na plataforma *Google* foram as maiores desde 2013 (43 pontos em junho), chegando a alcançar 62 pontos, ultrapassando a marca de 59 pontos em novembro de 2014, a qual foi marcada principalmente pelo fim dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (2011-2014)

241 KOOPMANS, R.; OLZAK, S. Discursive Opportunities and the Evolution of Right-Wing Violence in Germany. *American Journal of Sociology*, v. 110, n. 1, p. 198–230, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/386271>

242 Optei por não colocar os dados até o ano de 2018, pois ocorreria uma grande mudança no cenário, uma vez que foi o ano eleitoral e as buscas pelos termos supracitados seriam descompassadas, atrapalhando a análise aqui proposta neste momento da pesquisa. Mais à frente veremos como o ano de 2018 foi determinante para a aceleração da disseminação de uma determinada “história” da ditadura.

Tabela 2 - Termos “em ascensão” referentes às buscas de “ditadura” na plataforma Google (2013-2017)

progresso nacional	aumento repentino	dilma ditadura	350,00%
coronel ustra	aumento repentino	quantos anos durou a ditadura militar	300,00%
50 anos do golpe militar	3100,00%	dilma na ditadura	250,00%
50 anos da ditadura militar	1350,00%	comissão nacional da verdade	250,00%
bolsonaro	1250,00%	ultimo presidente da ditadura	190,00%
miriam leitão ditadura	1200,00%	ditadura significado	160,00%
50 anos da ditadura	900,00%	ano da ditadura	140,00%
50 anos de ditadura	750,00%	o que foi a ditadura militar	140,00%
jair bolsonaro	700,00%	golpe militar	130,00%
50 anos de ditadura militar	700,00%	o que é ditadura militar	110,00%
intervenção militar	550,00%	o que foi ditadura militar	70,00%
mosca na sopa	400,00%	o que foi a ditadura	60,00%

Fonte: trends.google.com

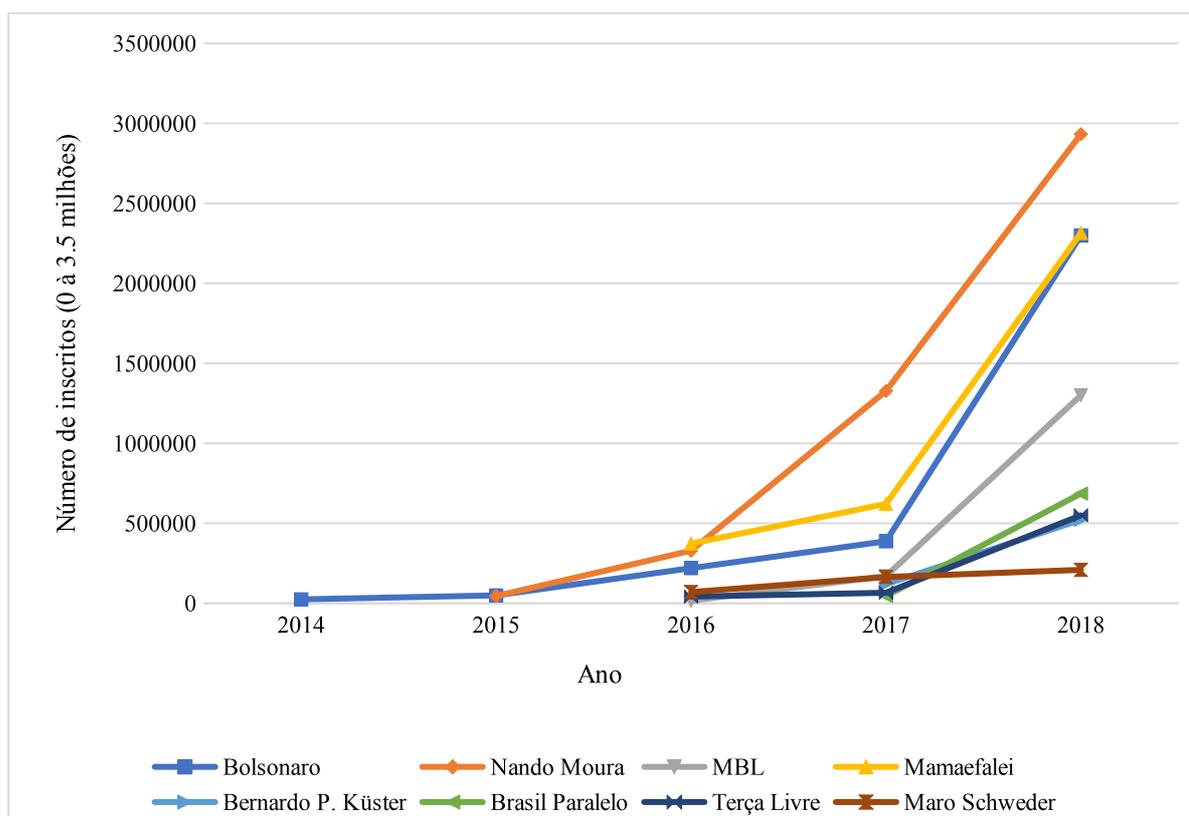
Canais de YouTube da nova direita tiveram papel central na divulgação dos ideais reciclados anticomunistas bolsonaristas de viés militar para milhões de usuários. Diversos dos canais aqui analisados abertamente divulgaram seus votos em Jair Bolsonaro em 2018 e compactuaram com suas ideologias em menor ou em maior grau. Além disso, Bolsonaro tem seu próprio canal no YT, com mais de 3 milhões de inscritos no começo do ano de 2022 (em 16 de junho de 2019, seu canal contava com aproximadamente 2.5 milhões<sup>243</sup> de seguidores).

243 Disponível em: <https://web.archive.org/web/20190616191601/https://socialblade.com/youtube/user/jbolsonaro> Acesso em: 21/07/2021.

Um ponto interessante de se notar sobre o canal no YouTube de Jair Bolsonaro é que, em março de 2014, seu canal contava com um número perto de 25.000 inscritos, saltando para quase 220.000 em agosto de 2016, aproximadamente 388.000 em maio de 2017, chegando, no fim da campanha presidencial em 2018, à marca de 2.3 milhões de inscritos em dezembro daquele ano<sup>244</sup>.

No gráfico 4 podemos notar como foi a ascensão (em número de inscritos) dos maiores canais da nova direita no YouTube. Um ponto significativo de crescimento está no ano de 2016 em que alguns canais passaram a angariar quinhentos mil seguidores, e nos anos seguintes conseguiram chegar à faixa de 1 milhão de inscritos ou mais. Os canais “Jair Bolsonaro”, “MBL”, “Nando Moura” e “Mamaefalei” são os principais expoentes nesse quesito.

Gráfico 4 - Número de inscritos em 8 canais (2014-2018)

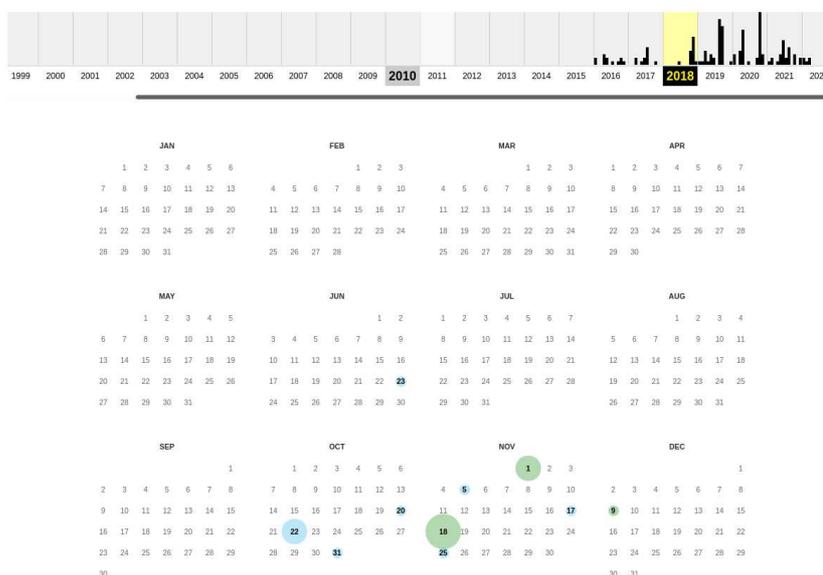


Fonte: YouTube, SocialBlade e wayback.archive.org

244 Todos esses dados foram retirados inteiramente do site web.archive.org, em específico quando se busca o hiperlink do canal de Bolsonaro na ferramenta “Wayback Machine”. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20140306044256/http://www.youtube.com/channel/UC8hGUtfEgvvnp6IaHSAg1OQ> Acesso em 24/08/2021.

A título de informação, esse gráfico<sup>245</sup> foi feito através da utilização da ferramenta “Wayback Machine”, disponível no site <https://archive.org>. Como grande parte desses números<sup>246</sup> não estão disponíveis no YT, fizemos uma busca analógica no site <https://wayback.archive.org> a partir dos *hyperlinks* dos canais e de suas respectivas páginas no site <https://socialblade.com>. Por meio desses *links* pudemos averiguar as suas versões antigas salvas pelo próprio archive.org (figura 7) ou pela comunidade que retroalimenta esse repositório.

Figura 7 - Ocorrências para o canal "Nando Moura" (em 2018) no site archive.org



Fonte: *archive.org*

Pode-se perceber que no gráfico em questão não há determinadas informações de alguns canais em certos anos, pelo fato de não terem sido salvas no site, ou porque os canais foram criados somente a partir de determinado ano. Vejamos três exemplos: 1) o canal de YT do “MBL” foi criado em 2014, mas só foi possível adquirir os números de inscritos a partir de 2016. 2) “Bernardo P. Küster” fundou seu canal em 2005, mas foi possível reaver seus números apenas a partir do ano de 2016. 2) Já o “Brasil Paralelo” foi criado somente em 2016, por isso não há os números dos anos anteriores à sua criação.

<sup>245</sup> Utilizando o *MS Word* ou o *LibreOffice Writer*, ao clicar com o botão direito do mouse, indo em “dados” ou “tabela de dados” é possível ter acesso aos números postos no gráfico. Outra forma é acessar o link da nuvem disponível em [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes)

<sup>246</sup> Além disso, os números em questão são aproximações, e tentou-se agrupá-los em uma certa lógica: sempre buscando datas próximas aos 3 últimos meses do ano, portanto, esses números fazem referência à outubro, novembro ou dezembro de cada ano.

\*\*\*

Como recurso analítico dos processos de disseminação de noções negacionistas sobre a história da ditadura militar, utilizaremos como aporte teórico a *análise de discurso crítica* (ADC), ajudando-nos a compreender o papel político e social do discurso de negação da história propagado no YT e na internet de modo geral.

Dessa firma, entendemos *discurso* enquanto um instrumento social de resistência e, simultaneamente, de poder. Isto é, o *discurso* integra o processo social material da sociedade e irredutivelmente a semiose faz-se presente nesse processo. A semiose inclui

todas as formas de construção de sentidos – imagens, linguagem corporal e a própria língua. Vemos a vida social como uma rede interconectada de práticas sociais de diversos tipos (econômicas, políticas, culturais, entre outras), todas com um elemento semiótico<sup>247</sup>.

Por isso, a ADC tem ligação dialética entre semiose e outros elementos da prática social, preocupando-se principalmente com as mudanças radicais da vida social na contemporaneidade, que incluem o papel do *discurso* dentro dos processos de transformação nessas relações.

Por conseguinte traremos à tona o conceito de *hegemonia*, uma vez que é útil ao se tratar de ordens discursivas. Como bem pontua Fairclough:

Uma determinada estruturação social da diversidade semiótica pode ser hegemônica, tornar-se parte do senso comum legitimador que sustenta as relações de dominação. Mas a hegemonia, em seus períodos de crise, será sempre contestada em maior ou menor proporção. Uma ordem de discurso não é um sistema fechado ou rígido, é, na verdade, um sistema aberto posto em risco pelo que acontece em interações reais<sup>248</sup>.

Outro ponto importante que nos ajudará nesta análise é o entendimento de que os discursos de revisão e negação da ditadura brasileira começaram com a própria ditadura na década de 1960, a partir do alto escalão militar como forma de procurar legitimar o regime tendo como base nos chamados anseios da população e o medo de uma suposta ameaça

---

247 FAIRCLOUGH, N. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D'Água**, v. 25, n. 2, p. 307, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329p>. 308.

248 Ibid., p. 311.

comunista<sup>249</sup>. Com isso, a pesquisa de Lucileide Costa Cardoso<sup>250</sup> sobre os discursos de celebração (advindos do próprio núcleo golpista/militar) do golpe de 1964 possui importância significativa em nossa pesquisa.

Mencionamos acima que esses canais fazem usos de diversos tipos de táticas comunicativas para angariar seguidores fiéis. Veremos agora como isso ocorre de maneira mais prática. De certo, não conseguiremos abarcar de forma completa tudo que é dito por eles em seus vídeos. Abordaremos aqui os discursos mais comuns e recorrentes para que possamos compreender como esses agentes distorcem os fatos históricos a fim de subvertê-los a partir de favorecimento de suas ideologias políticas. Além disso, criaremos pontes de análise entre o que é dito por eles e o que diziam os próprios militares golpistas sobre o regime militar.

Perceber como esses discursos de outrora são apropriados no tempo presente é uma forma de compreendermos as feridas ainda abertas do passado sobre o presente. Como bem pontuado por Escosteguy Filho<sup>251</sup>, a política conservadora tem como principal forma de ação “isolar permanentemente do presente o passado que não quer ser apenas passado”.

\*\*\*

Todos os vídeos aqui analisados trazem implícitos a si um discurso que busca trazer à tona uma narrativa tida por eles como negligenciada e esquecida propositalmente pelos pesquisadores do período da ditadura militar. No geral, podemos estar mais familiarizados com esse argumento partir da chamada “Escola sem Partido”. Para eles, os professores e historiadores (tido como “esquerdistas”, “comunistas”, “marxistas” e “petistas”) não contam “toda” a história do período, mostrando somente um dos lados, o qual seria o da esquerda, da resistência à ditadura, etc.

Apesar de este discurso estar presente em todos os vídeos, há de se levar em consideração que existem alguns graus, ou seja, o discurso está presente, isso é inegável, mas em maior ou em menor medida dependendo de quem fez o vídeo ou do assunto abordado nele. Isso posto, tal discurso/pressuposto dualista, típico dessas alegações, serve como base

---

249 CARDOSO, 2011.

250 Ibid.; CARDOSO, 2012.

251 ESCOSTEGUY FILHO, J. C. Batalhas públicas pela história nas redes sociais: articulações para uma educação histórica em direitos humanos. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, p. 39–65, 2019. p. 53.

para todos os argumentos desses canais, sendo de importância significativa para as análises feitas neste trabalho.

A linha de raciocínio conspiratória por eles posta pode ser entendida a partir da seguinte lógica: se os historiadores são “esquerdistas”, e a esquerda é uma vertente política ruim, mentirosa e mortal, logo, os trabalhos feitos pelos historiadores são errados e não devem ser tidos como pesquisas sérias e estudos corretos.

“Nem tudo que a sua professora socialzinha de História te contou é verdade”<sup>252</sup>. “É o lado da história que o seu professor provavelmente nunca vai passar nem perto e desmistificar muita coisa sobre a época, sobre a data”<sup>253</sup>. “A única coisa que os livros do MEC e o seu professor de história não contam é que quando as forças armadas tomaram o poder a população deu graças a Deus, pois não aguentava mais essa gente comunista assaltando os cofres públicos”<sup>254</sup>. “Qualquer ditadura não é bem-vinda, mas os professores mentiram para vocês nas escolas, uma vez que há dois lados da narrativa”<sup>255</sup>. “As coisas estão mudando. Eu vejo os instrumentos na nossa frente: Escola sem partido, para poder acabar com essa invasão que os comunistas fizeram nas escolas”<sup>256</sup>.

Uma frase que sintetiza esse tipo de pensamento pode ser encontrada em um vídeo de 2016 do canal “Maro Schweder”:

Os esquerdistas escrevem a sua visão da história, a sua versão, e impõem isso como uma verdade para a sociedade, mas cada vez mais essa visão esquerdistas vem sendo desconstruída, porque a sociedade brasileira está vendo nos políticos de esquerda de hoje, a verdadeira face da esquerda brasileira, que em 1964 se levantou contra a democracia e tentou realmente dar um golpe<sup>257</sup>.

Alusões como essas<sup>258</sup> são comuns em todos os vídeos estudados. Eles colocam, portanto, a figura de professores e historiadores enquanto um dos grandes males da sociedade

252 CONSERVADOR, Lobo. **O regime militar foi uma ditadura?** Em: YOUTUBE. 30 jun. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y2NGwlpESHs>. Acesso em: 26 out. 2019.

253 EGUINORANTE. Em: MOURA, Nando. **1964 - Filme COMPLETO para assistir AGORA.** Em: YOUTUBE. 2 abr. 2019a. Disponível em: Acesso em: 8 out. 2019.

254 MARISA, Paula. **Bolsonaro, Ustra e Marighella.** Em: YOUTUBE. 29 abr. 2016. Disponível em: Acesso em: 24 out. 2019.

255 DIDEUS, Felipe. **Sua escola MENTIU sobre a DITADURA no BRASIL.** Em: YOUTUBE. 16 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jy32k7YvRa8>. Acesso em: 15 jul. 2020.

256 JONSSSEN, Bruno. **O erro do regime militar.** Em: YOUTUBE. 10 abr. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GfpxiMOtltA>. Acesso em: 26 out. 2019.

257 SCHWEDER, Maro. **Quem são os verdadeiros TORTURADORES.** Em: YOUTUBE. 21 abr. 2016b. Disponível em: Acesso em: 3 nov. 2021.

258 Ver o Anexo 2, com a disponibilização de um resumo de cada vídeo aqui analisado.

que eles gostariam que fosse construída: uma sociedade voltada ao entendimento de um tipo específico de família, de moral e de “bons costumes”.

Para muitos desses canais, existe uma conspiração global da esquerda para tomar todas as esferas de poder e implantar a visão comunista a partir da cultura e da narrativa. Olavo de Carvalho<sup>259</sup> afirma que “A historiografia brasileira sobre o golpe de 64 é maciçamente, não digo propaganda comunista, não digo propaganda esquerdista, é operação de desinformação da KGB”. Segundo ele, os professores e historiadores foram cooptados pelo discurso da KGB aqui no Brasil desde antes do golpe militar de 1964. Para o canal Terça Livre TV:

A esquerda revanchista começou a ter a retórica, a narrativa. Assim redesenhar a história como bem entendiam. E eles fizeram isso de maneira capciosa: invertendo, deturpando e até mesmo alterando fatos, fazendo achincalhamento público das forças armadas. Sim! Aqueles que deram a sua vida cumprindo o dever para proteger a nação brasileira. Passou a dominar, então, a versão dos derrotados [...] Com o gramscismo, a esquerda aprendeu a reescrever a história, a mudar fatos<sup>260</sup>.

Vemos esse tipo de argumentação também no canal LiloVLOG em vídeo de 2016:

Queria deixar claro aqui porque que o seu professor ele simplesmente acredita que o comunismo funciona: porque ele é petista. A esquerda tem uma arma maravilhosa: usa da mentira. E aonde a mentira pode ser usada? Onde a mentira é mais forte? Eles podem adentrar nas escolas, nas universidades e começar a usar esse tipo de artimanha para usar os jovens e moldar a sociedade como eles querem<sup>261</sup>.

Para “Bruno Jonssen”<sup>262</sup>, o problema do Brasil é cultural, tendo sido nesse ponto que o “regime militar” errou. Segundo ele, “enquanto o militar estava caçando comunista no meio do mato, o comunista estava na sala de aula, nas escolas, corrompendo a mente do estudante”. E continua: “o erro no regime militar foi não criminalizar o comunismo no Brasil, a doutrinação no ensino”.

O foco desse discurso está em desqualificar as produções historiográficas e os professores de história, criando teorias conspiratórias a partir de pressupostos reducionistas.

---

259 CARVALHO, Olavo de. 1964: **50 ANOS DO CONTRA-GOLPE**. Em: YOUTUBE. 2 abr. 2014. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=qKquKjm\\_PJE](https://www.youtube.com/watch?v=qKquKjm_PJE). Acesso em: 8 out. 2019.

260 TERÇA LIVRE. **A verdade sufocada - o brasil no regime militar**. Em: YOUTUBE. 4 nov. 2018. Disponível em: Acesso em: 26 out. 2019.

261 LILOVLOG. **O “golpe” de 1964**. Em: YOUTUBE. 21 abr. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VO\\_DqLLGng](https://www.youtube.com/watch?v=VO_DqLLGng). Acesso em: 24 out. 2019.

262 JONSEN, 2018.

Esse movimento da nova direita ganha progressivamente mais força com o advento das redes sociais. Suas ideias estão cada dia mais visíveis e disseminadas em uma grande quantidade de sites e fóruns por toda a internet.

Essa rede intrincada de colaboração e difusão de ideais liberais-conservadores tem como premissa disputar a narrativa histórica, colocando-se acima e metodologicamente mais correta do que as pesquisas acadêmicas. Enquanto receptáculos da verdade histórica, acabam por angariar fiéis seguidores que são cooptados por uma narrativa de fácil entendimento, mas sem viés científico que qualifique suas “análises”. Essa busca incessante pela “verdade” do que foi a ditadura militar é bastante comum. Nando Moura, comentando a estreia do filme “1964 – O Brasil entre armas e livros”, da produtora de vídeos documentários conservadores da nova direita, afirma:

Será que foi um golpe, ou será que foi uma contrarrevolução? São mais de 2 horas de filme e eu tenho certeza que você vai receber tanta informação que você nunca ouviu falar quando estava na escola, ou na sua faculdade. Principalmente com aquele seu ‘professorzinho’ de história, com aquele ‘professorzinho’ de sociologia da esquerda. Pois eles montaram a narrativa. Mas o que é que aconteceu de fato? Qual a verdade de fato? Essa busca pela verdade é o que nós vamos fazer agora<sup>263</sup>.

Outro argumento comum utilizado é o de que o conhecimento que eles estão passando para sua audiência não tem cunho ideológico nenhum, sendo, assim, uma tentativa “pura”, “alva” e “virtuosa” de desvendar a verdade histórica, renegada aos alunos pelos professores e historiadores “esquerdistas” brasileiros. Rodrigo Leone<sup>264</sup>, ao falar sobre a “verdade não contada” sobre o “regime” militar, diz: “Será que toda a verdade está sendo contada?”.

Ao instigar a mente de seus espectadores em direção a uma suposta conspiração, conseguem conquistar um grande e assíduo público. Como veremos nos comentários desses vídeos, a audiência vê-se enganada pela esquerda, que estaria infiltrada nas escolas, tendo o vídeo finalmente revelado a “verdade” a partir de uma nova forma de pensar a história do país. É uma tática que acaba tendo resultados a curto e médio prazo.

---

263 MOURA, 2019a.

264 LEONE, Rodrigo. Em: UNIVERSO. **Verdades não contadas pela esquerda da ditadura militar**. Em: YOUTUBE. 24 abr. 2016. Disponível em: Acesso em: 29 out. 2019.

### 3.1.1 – “Contragolpe”, “revolução” e a “ameaça vermelha”

Uma das grandes falsas contradições fornecidas pela nova direita sobre a ditadura é a contestação da própria existência de um golpe militar e/ou uma ditadura propriamente dita. A argumentação nos vídeos passa principalmente pela “ameaça comunista” que o país estaria vivenciando naquele período, ou seja, o perigo que o Brasil sofria de se tornar uma Cuba continental nas Américas, transformando-se em um polo da inteligência soviética. Nesse sentido, o golpe seria uma movimentação necessária para expurgar os comunistas do país.

Por isso, muitos dos canais falam principalmente sobre “contragolpe” militar, pois o país estaria enfrentando um inimigo muito poderoso interna e externamente. O “golpe” propriamente dito estaria por vir da esquerda, daí a necessidade de ação vinda dos militares, com o apoio dos civis. Em vídeo, “Paula Marisa” afirma que as forças armadas impediram o país de se tornar uma nova Cuba: “No Brasil os militares nos salvaram. Muito Obrigada às Forças Armadas!”<sup>265</sup>. Felipe Dideus<sup>266</sup> faz um paralelo com o regime cubano para trazer à tona o lado da guerrilha armada durante a ditadura. Para Dideus<sup>267</sup>, eles não queriam democracia, mas uma ditadura do proletariado. Se os militares não tivessem tomado o poder, continua, “quem tomaria seriam os comunistas brasileiros”. Rafael Nogueira<sup>268</sup>, em entrevista<sup>269</sup> a Nando Moura, aponta que “Se não houvesse ocorrido o regime militar, o país seria uma Cuba, ou uma Venezuela”.

Em vídeo do canal no YouTube do Movimento Brasil Livre, Kim Kataguirí afirma que “João Goulart não era nenhum santo, pelo contrário, era muito parecida com a esquerda brasileira de hoje: discursava em defesa dos pobres e defendia o interesse de empresários corruptos”<sup>270</sup>. Para Kataguirí, se a esquerda tivesse tomado o poder, com certeza muito mais gente morreria. Usando exemplos de porcentagens de mortos nos regimes de Cuba, China e Camboja, Kataguirí extrapola esses números para a população do Brasil (0.08% da população,

---

265 MARISA, 2016.

266 DIDEUS, 2018.

267 Ibid.

268 Rafael Nogueira é um conhecido participante das produções do Brasil Paralelo no YouTube. Nessa ocasião fez uma entrevista a Nando Moura no dia do lançamento do filme documentário sobre a ditadura do próprio BP.

269 MOURA, 2019a

270 Kataguirí, Kim. Em: LIVRE, Movimento Brasil. **A verdade sobre os guerrilheiros do regime militar**. Em: YOUTUBE. 19 jan. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JjyTqCqCU4>. Acesso em: 24 out. 2019.

segundo ele, foi executada em Cuba; no Brasil, essa porcentagem representaria 88,4 mil mortes).

Já o “Lobo Conservador”<sup>271</sup> afirma que o período militar não poderia ter sido uma ditadura, pois, segundo ele, “em que tipo de ditadura o poder é entregue de volta pro povo de forma tão suave e simples?”<sup>272</sup>.

Para o canal “Maro Schweder”, os militares se impuseram a salvaguardar a democracia no país.

Talvez muitos digam assim: ‘Ah, mas o regime militar foi um período de 21 anos onde não houve democracia’, *mas nós temos uma pálida democracia hoje, porque os militares correram com todos esses esquerdistas!* [...] Do contrário o Brasil teria se tornado uma república socialista em 1964 já, os planos do João Goulart se direcionavam justamente nessa direção para transformar o Brasil numa nova Cuba. Isso está colocado, a esquerda tenta negar isso historicamente, mas os fatos históricos estão aí, e o problema é que a maior parte dos historiadores brasileiros é de esquerda, e por isso que esses historiadores escrevem a história segundo os interesses da esquerda, e não segundo a verdade dos fatos<sup>273</sup>.

Antes disso, em 2015, Maro já dizia: “se os militares não tivessem aplicado o contragolpe em 1964, o Brasil teria virado uma república socialista e comunista como é Cuba hoje em dia. [...] 31 de março de 1964 sinalizou uma nova era na liberdade aqui no Brasil”<sup>274</sup>.

Segundo Nando Moura<sup>275</sup>, a partir de João Goulart iria surgir um golpe comunista no Brasil. Ele fala sobre as mortes do regime militar brasileiro (293 pessoas, segundo Moura), comparando que na China teriam sido quase 90 milhões e na Rússia 30 milhões de mortes. Para Nando Moura, o povo brasileiro estaria aterrorizado e não queria ver uma ditadura comunista. “O que é que você faria? Como é que você luta democraticamente com um terrorismo que acontecia desde a Coluna Prestes? Com o povo absolutamente subvertido, já instaurados [os comunista] em todas as esferas de poder?”<sup>276</sup>.

As narrativas encontradas nos vídeos supracitados vão ao encontro dos discursos de celebração da “revolução de 64”, construídos pelos próprios militares entre 1964 e 1999<sup>277</sup>, para levar a cabo a ideia de que o “contragolpe”/“revolução” militar seria uma medida

271 CONSERVADOR, 2017.

272 Ibid.

273 SCHWEDER, 2016b. Grifo meu.

274 SCHWEDER, Maro. **1964 e a versão que a esquerda escreveu da História**. Em: YOUTUBE. 7 abr. 2015a. Disponível em: Acesso em: 24 out. 2019.

275 MOURA, Nando. **Canal Nostalgia e a DITADURA!!** Em: YOUTUBE. 30 maio 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hMga8k50FRk>. Acesso em: 8 out. 2019

276 MOURA, 2016. [adição minha].

277 CARDOSO, 2011.

necessária para a liberdade do país em frente a uma forte “ameaça vermelha”. Em artigo<sup>278</sup> de 1964, reeditado em 1978 (no 14<sup>a</sup> aniversário da “revolução”), trazia-se:

Raramente uma grande nação esteve mais perto do desastre e se recuperou do que o Brasil em seu triunfo sobre a subversão vermelha. Os elementos da campanha comunista para a dominação – propaganda, infiltração, terror – estavam em plena ação.

A rendição total parecia iminente... e então o povo disse: Não!

...Nos calendários dos chefes vermelhos do Brasil – assim como nos de Moscou, Havana e Pequim – as etapas para a conquista do poder estavam marcadas com um círculo vermelho: primeiro, o caos; depois, a guerra civil; por fim, domínio comunista total<sup>279</sup>

Para Cardoso<sup>280</sup>, o texto analisado por ela tinha como principal premissa a de minimizar o papel da cúpula militar na “revolução de 64”, tendo em vista que os militares “somente tinham ouvido os apelos da sociedade. Conforme destaca a autora:

Das reuniões dos articuladores do golpe surgiu o Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (Ipes), destinado a descobrir o que se passava no campo político e intervir quando necessário. Outras associações já existentes, como o Conselho Superior das Classes Produtoras (Conclap), o Grupo de Ação Política (GAP), o Centro Industrial e a Associação Comercial também se mobilizaram em atividades de combate ao comunismo. Contudo, o papel mais importante coube ao Ipes, formando o seu próprio Serviço de Informações, ‘uma força-tarefa de investigadores’ para coletar informes dentro e fora do governo sobre a infiltração comunista. Desse modo, nota-se que houve preparação de longo prazo para o golpe, fomentada principalmente nos meios civis, e que a vitória da ‘contrarrevolução’ só foi possível com a participação da classe média, principal agente revolucionária<sup>281</sup>

Segundo um vídeo de divulgação (lançado em 2018) do documentário do Brasil Paralelo (lançado somente em abril de 2019) sobre o período da ditadura, o grupo no poder na época teria simpatia pelo projeto soviético, tendo começado a produzir reformas que estariam levando o Brasil nessa direção. Para eles, a sociedade civil em sua grande parte era contrária a esses projetos, então os militares entraram em cena para impedir uma revolução comunista no país<sup>282</sup>.

---

278 “O artigo encontrado no opúsculo intitulado ‘A Nação que se salvou a si mesma. 31 de Março: 1964-1978’, separata de Seleções do Reader’s Digest, pode ser considerado o marco fundador nos diversos escritos memorialísticos de militares publicados a posteriori” (CARDOSO, 2011, p. 118).

279 CARDOSO, 2011, p. 118.

280 Ibid., p. 119.

281 Ibid.

Para Maro Schweder<sup>283</sup>, Carlos Alberto Brilhante Ustra foi injustiçado, já que ele combateria o crime e o “terrorismo” de esquerda. Cita Bolsonaro (pela frase em apoio a Ustra em seu voto pelo impeachment da então presidente Dilma Rousseff), dizendo que “precisa ser feita justiça a história brasileira e notadamente a história do regime militar”. Para ele, podem ter ocorrido alguns excessos nos governos militares, “mas qual o regime de governo perfeito? Ainda mais numa situação como os militares enfrentaram a partir de 1964”<sup>284</sup>. Os militares, para Maro, defenderam a nação brasileira. Afirma que, se os militares cometeram alguns excessos, as pessoas reprimidas teriam feito por merecer, pois a “esquerda estava matando, sequestrando, torturando, explodindo bombas, assaltando bancos”<sup>285</sup>.

Em 2015, Maro Schweder<sup>286</sup> afirma que “morreram apenas 400 vagabundos durante o regime militar, que estavam atuando contra a nação brasileira”. A esquerda brasileira, para ele, estaria fundada em um ódio profundo, sem o qual ela não existiria. “Ódio à burguesia, aos ricos, à elite branca”. Esse ódio, segundo ele, estaria também na exaltação da memória da ditadura. “Quem são os torturadores? Ustra, Bolsonaro e os Militares? Ou essa esquerda que banca governos ditatoriais e governos torturadores de esquerda?”. Os esquerdistas seriam os verdadeiros torturadores, para Maro, “e isso não se discute”<sup>287</sup>.

Para Kim Kataguirí<sup>288</sup>, integrante do MBL, “Praticamente todo político esquerdista de hoje se vangloria de ter lutado contra a ditadura militar”. Em seu vídeo, aponta que os guerrilheiros não queriam democracia, mas uma ditadura socialista, do proletariado, buscando, assim, transformar o Brasil em uma grande Cuba. Os “esquerdistas”, segundo Kim, queriam tomar o poder para que eles mesmos pudessem torturar e perseguir.

Em vídeo posterior<sup>289</sup>, minimamente mais “comedido”, Renan Santos (também integrante do MBL) faz algumas afirmações que distanciam o ponto de vista anterior de Kataguirí, mas que ao mesmo tempo guarda certas ligações com uma visão revisionista do

---

282 PARALELO, Brasil. **Brasil, 1964: golpe ou contrarrevolução**. Em: YOUTUBE. 23 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dVjuS0JY-Pk>. Acesso em: 8 out. 2019.

283 SCHWEDER, 2016b.

284 Ibid.

285 Ibid.

286 SCHWEDER, Maro. **O Mito da Ditadura Militar**. Em: YOUTUBE. 2 nov. 2015b. Disponível em: Acesso em: 24 out. 2019.

287 SCHWEDER, Maro. **Leandro Karnal, ditadura militar e academicismo**. Em: YOUTUBE. 7 jun. 2016a. Disponível em: Acesso em: 24 out. 2019.

288 LIVRE, 2018.

289 SANTOS, Renan. Em: LIVRE, Movimento Brasil. **64: GOLPE OU REVOLUÇÃO?** | Por Renan Santos. Em: YOUTUBE. 1 abr. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_24xYV3RH\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=_24xYV3RH_0). Acesso em: 3 fev. 2021

período. Logo após o pedido de comemoração do golpe, feito por Bolsonaro em 2019, MBL lança um vídeo-comentário sobre o assunto. Renan Santos admite que houve um golpe em 1964 e diz que “talvez, de fato, não restassem outras opções”<sup>290</sup>. Além disso, coloca Jango como um afiliado às ideias da esquerda revolucionária do período, principalmente pelo lado brizolista do Partido Trabalhista Brasileiro, e tesse alguns comentários sobre os precedentes do golpe (como o investimento dos EUA em propaganda anticomunista e em candidaturas contrárias à esquerda).

“Que censura é essa que permite um best-seller de um comunista dominicano como Frei Beto ser publicado na década de 1970?”<sup>291</sup>. Küster cita uma série de outros livros que foram publicados no regime militar, principalmente os livros escritos sobre a teologia da libertação e temas afins.

que censura é essa que permite uma publicação tão extensa, tão massiva, e que teve tanta penetração na cultura brasileira? Ou seja, não houve censura, houve apenas o controle aqui e ali de alguns artigos que importavam, no meu entender, para tática de guerrilha, e um artigo muito subversivo muito obviamente comunistas, agora coisas como essa que eram muito mais deletérias e pretensiosas para a cultura nacional e para o fomento da revolução, elas foram completamente deixadas florescer completamente<sup>292</sup>.

Para o canal “Lobo Conservador”, o “regime militar” era “uma época onde a família era a base da sociedade, o cidadão de bem era respeitado e o bandido tinha medo da polícia”. O governo militar, segundo ele, foi um “mal necessário”:

Durante o regime o cidadão de bem se sentia protegido e o porte de armas era permitido” [...] “Tortura só era usada em casos extremos, e mesmo que não parece justificável, aqueles que dizem ter sido torturados, não foram por qualquer besteira, mas sim por atos terroristas<sup>293</sup>.

### 3.1.2 – “Quem viveu sabe”: as memórias da ditadura

Quem viveu sabe: foi uma das melhores épocas para se viver no Brasil. Eu não vivi, mas se você é jovem por exemplo, pergunte ao seu avô, se ele não foi guerrilheiro, comunista, pergunte ao seu avo como era viver no regime

290 Ibid.

291 KÜSTER, Bernardo P. **MENTIRA - Censura durante o Regime Militar**. Em: YOUTUBE. 7 fev. 2019c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nu-WELIANE4> . Acesso em: 8 out. 2019.

292 Ibid.

293 CONSERVADOR, 2017.

militar aqui no Brasil. Foi uma faze muito boa para o desenvolvimento do brasil até<sup>294</sup>

“Quem foi preso era bandido. Quem foi preso são pessoas que realmente não fizeram bem pro país”<sup>295</sup>. O erro dos militares, para o canal “LiloVLOG”, foi deixar de lado os comunistas que mudavam a mente das pessoas em escolas e universidades (“o tal do marxismo cultural”), fazendo com que as pessoas acreditassem que o regime militar foi algo grotesco e terrível.

Ainda bem que nós temos pessoas que viveram a época e falam, pelo menos as pessoas mais corretas que nunca foram presas, eles falam que foi um momento onde você poderia sair na rua, poderia ficar depois das dez com sua carteira de trabalho [...] não tinha nenhum tipo de repreender as pessoas...até os músicos que falam que foram perseguidos lançavam várias e várias músicas. Na verdade os militares foram muito bonzinhos tá? Se tivesse sido um pouco mais, perseguido realmente os bandidos que deveriam ser perseguidos e tivesse colocado eles pra fora do país não haveria o problema que há hoje [...] “Devemos sim [comemorar o golpe]. Infelizmente isso é algo que não vai voltar, pode ficar tranquilo, e com certeza o Brasil não será como foi na época nos anos 70, 80”<sup>296</sup>.

Quando falamos dos pedidos de “intervenção militar” no país, vindos da direita extremada, podemos perceber que ela se utiliza de argumentos, de certo, contraditórios. Para Maro Schweder<sup>297</sup>, comentando uma frase de Leandro Karnal sobre jovens que estão pedindo uma intervenção militar:

Na verdade ninguém está pedindo a volta dos militares aqui no Brasil, o que muitas pessoas estão pedindo é uma intervenção militar conforme o artigo 142 da constituição brasileira estabelece, onde diz que onde um dos três poderes está interferindo nos outros as forças armadas podem ser convocadas para promover uma limpeza nas esferas de poder. Então é isso que as pessoas estão pedindo, não a volta dos militares, um governo militar” [...] “E se alguns jovens pedem a volta dos militares é porque eles estão descontentes com o projeto de sociedade que hoje está aí, projeto esse que foi pensado por teóricos esquerdistas que abarrotam as universidades brasileiras. Esse renascer e esse despertar conservador que o Brasil está vivenciando hoje, inclusive na sua juventude, comprova que o povo brasileiro está farto deste academicismo e que o povo quer novas ideias, ideias que sejam úteis para a sociedade como um todo, e não para esses professores e os seus projetos acadêmicos que recebem verbas, mas que não permitem a universidade apresentar soluções para a sociedade.

---

294 JONSSSEN, 2018.

295 LILOVLOG, 2019.

296 Ibid.

297 SCHWEDER, 2016a.

Dois vídeos analisados tiveram como temática a memória de seus próprios pais sobre os anos da ditadura. O primeiro deles, do canal “eGuinorante” (2017), e o segundo, do canal “Diego Rox” (2018). Ambos têm a mesma forma, em que os filhos entrevistam os pais sobre o período. Os vídeos tiveram grande apego popular, o primeiro tendo mais de 2 milhões de visualizações e o segundo chegando a quase quinhentas mil.

Esse apelo pela memória de “quem realmente estava lá” é um ponto interessante de análise da capitalização desse tipo de conteúdo voltado à disseminação da História e da memória. Essa fala de “eGuinorante” é bem elucidativa nesse quesito:

Não dá para você confiar em qualquer pessoa que sai falando de ‘ditadura’ sem ter vivido, sem ter passado nessa época. Geralmente se você estava levando borrachada, cacetada e tudo mais é porque você não estava fazendo alguma coisa que presta, alguma coisa de errado você estava fazendo. Agora todo mundo é santo, depois que passa, todo mundo é santo [...] não confie tanto assim no seu professorzinho de história que está de iPhone e com a camiseta do Che Guevara<sup>298</sup>.

Tal discurso leva ao público a dúvida, uma vez que co-existem diversas memórias do período, e saber filtrá-las é um trabalho, de certo, complexo, que requer não só conhecimento teórico, como também prático de História Oral. Levar o público a acreditar que seus antepassados estão corretos e que a verdade Histórica está presente em suas memórias e vivências é, certamente, uma forma brutal de disseminação de desinformação. Diego Rox indaga no começo de seu vídeo:

Pergunta ai para os seus país, ou para seus avós (se ainda estiverem vivos) como é que foi esse período do regime militar. Pode ter certeza, se eles não tiverem sido guerrilheiros comunistas, se eles não tivessem sido baderneiros, eles passaram por esse período ‘de boa’, estudaram, trabalharam, sem nenhum problema. Teve gente que me mandou mensagem essa semana falando assim: ‘nossa, como que o Bolsonaro pode apoiar o Ustra? Eu vou até votar no Bolsonaro, mas sobre essa questão eu fico confuso’. Toda História tem os dois lados. A gente tá falando da contrarrevolução de 64. De um lado tinham os guerrilheiros, comunistas, os terroristas (assim que devem ser chamados) – terroristas que queriam implantar à força no Brasil uma ditadura comunista, queria fazer do Brasil uma Cuba. Do outro lado tinha o exercito, os militares, não só o exercito, mas a população que apoiava os militares. Esses militares tinham o papel de impedir os planos do outro lado. A função do exército é proteger o país, garantir a soberania do nosso país. Eles tinham sim que lutar contra esses guerrilheiros, contra esses terroristas que assaltavam bancos, que

---

298 EGUINORANTE. **Ditadura meu pai te conta como foi**. Em: YOUTUBE. 25 set. 2017. Disponível em: <https://> Acesso em: 1 nov. 2018.

faziam sequestros, que explodiam carros, faziam atentados a bomba. E o Ustra é um desses agentes, um desses militares que combatiam esses terroristas<sup>299</sup>

Como veremos adiante, a grande maioria dos comentários aos vídeos estudados passam pela crença de que nossos pais ou avós viveram em uma época extremamente tranquila e sem quaisquer resquícios autoritários.

Contudo, ainda devemos nos deter no principal produto audiovisual da nova direita sobre a ditadura: “1964: o Brasil entre Armas e Livros”<sup>300</sup>, filme documentário feito e produzido pelo canal “Brasil Paralelo”. É um dos produtos audiovisuais sobre a ditadura militar mais assistidos na plataforma do YT, com mais de 6.3 milhões de visualizações.

O filme trás consigo um grande resumo das ideias dos demais canais e vídeos aqui abordados. Como pontuado por Ítalo Lorenzon (canal “Terça Livre”), esse documentário serve “para você esfregar na cara do seu professor maconheiro. Basicamente é isso: você pegar um filme e falar assim: ‘Olha, tá aqui meu querido, já tem uma narrativa a respeito, profissionais a respeito falando sobre isso’”<sup>301</sup>.

O documentário, de modo geral, coloca o contexto de Guerra Fria enquanto momento fundador de uma grande ameaça comunista no mundo, relativizando esse temor como justificativa para a implementação do regime militar no país.

Segundo a pesquisadora Mayara Balestro:

Outro ponto importante para a pesquisa é a narrativa travada pelo B.P. em busca de revisar o passado ditatorial brasileiro, seguindo a linha discursiva de Olavo de Carvalho, onde o verdadeiro problema do regime militar teria sido, não ter travado devidamente a chamada “guerra cultural”, o que teria perdido a reorganização dos segmentos da esquerda como o processo de redemocratização<sup>302</sup>.

O Brasil Paralelo, para Balestro, representa:

a defesa de ideias autoritárias e de mudança de regras democráticas, procurando difundir-las no poder político. Acaba sendo curiosa a ideologia desta “nova direita”, pois, ao mesmo tempo que defende a liberdade de imprensa e de opinião, ao mesmo tempo em que se auto afirma como “libertária”, persegue e criminaliza movimentos e grupos de esquerda (especialmente, os marxistas), propagando matérias repletas de calúnias e

299 ROX, Diego. **Regime militar**. Em: YOUTUBE. 23 out. 2018. Disponível em: Acesso em: 8 out. 2019.

300 PARALELO, Brasil. **1964 – O Brasil entre armas e livros**. Em: YOUTUBE. 2 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: 17 ago. 2019.

301 LORENZON, Ítalo. Em: MOURA, 2019a.

302 BALESTRO, 2021, p. 126.

difamações; promove o discurso de ódio sobre minorias, mulheres, movimentos sociais e sindicatos; exalta o mercado como espaço de realização das liberdades; persegue professoras e professores e a liberdade de cátedra. Em torno dessa paradoxal mobilização midiática, parece-nos que o Brasil Paralelo procura aproveitar-se da atual conjuntura política (conservadora, reacionária, neoliberal) para fortalecer uma “guerra de posição” no mundo digital, com o objetivo de garantir a direção e o domínio moral, político e cultural do que deve (e não deve) “entrar” para a história que eles tentam disseminar<sup>303</sup>.

### 3.2 - “Do *fake* ao fato”: as disputas pela História

Como vimos, há várias maneiras de se mensurar a disseminação de um certo tipo de conteúdo pela Web. Uma delas poderemos observar com mais atenção neste subcapítulo: a recepção. A partir do número de visualizações, comentários e percentual de “likes”, podemos vislumbrar melhor como esse tipo de conteúdo é recebido e incorporado pelo público.

O que percebemos em todos os vídeos aqui analisados (ver anexo 1) é a sua grande quantidade de aceitação. Tendo de 4 a 10 vezes mais “curtidas” que “descurtidas”, nota-se que esse conteúdo, apesar de extremamente popular, pode ser entendido como uma “bolha” ideológica de direita, sendo consumida por pessoas com ideologias semelhantes. Apesar disso, não podemos esquecer do fato de que quanto mais visibilidade um vídeo ou canal possui, mais ele aparecerá enquanto recomendação para usuários que assistem a vídeos com temáticas parecidas, mesmo que não ideologicamente ligadas entre si. Esse funcionamento da plataforma acarreta na disseminação desse conteúdo, tornando-o não só um futuro consumo de um determinado “nicho” ideológico, como também a porta de entrada para uma politização à direita de uma nova audiência.

Um fator importante que não deve passar despercebido é a existência dos *bots* (robôs) que podem, de certa forma, manipular o número de curtidas, visualizações e/ou comentários dos vídeos. A Google é uma empresa que tem se destacado como uma forte combatente desse tipo de ação, criando diversas formas de separar humanos de máquinas a partir de ferramentas como o reCAPTCHA<sup>304</sup>, que se tornou praticamente o padrão utilizado no segmento. Outro fator a ser considerado é o de que a maioria dos *bots* no YouTube são voltados para o roubo

303 Ibid., p. 128.

304 Para saber mais: <https://arstechnica.com/gadgets/2017/03/googles-recaptcha-announces-invisible-background-captchas/> Acesso: 21/06/2022.

de informações<sup>305</sup> a partir de links maliciosos enviados por meio de comentários em vídeos de grandes canais, funcionando como uma espécie de *spam* de mensagens, que são facilmente detectados por conterem links duvidosos, policações para acessar contas (como *WhatsApp*, *Telegram*, etc.) e alegações de ganho de prêmios e promoções suspeitas.

Contudo, podemos afirmar que o problema envolvendo os *bots* não pode ser entendido como determinante para nossa análise, uma vez que, apesar de presente, é de preocupação da própria empresa a não existência deles na plataforma, principalmente porque sua maior forma de ganho de capital advém da venda de anúncios baseadas no tempo de visualização dos vídeos. Outro ponto importante é o de que o YT remunera os canais a partir dos mesmos princípios supracitados, não sendo de interesse da empresa a permanência significativa de robôs interferindo nos números dos canais, uma vez que os anunciantes não pretendem oferecer anúncios para possíveis máquinas.

Um vídeo ou um canal com milhares (ou até milhões) de inscritos passa a sensação de credibilidade para sua audiência, além do fato de serem canais com avaliações e comentários extremamente positivos, o que ajuda em sua divulgação e disseminação pela internet, como bem pontuado por Chaslot<sup>306</sup> sobre a “bola de neve que impulsiona fatos alternativos”. Ao mesmo tempo, a repercussão negativa<sup>307</sup> desses canais e vídeos também ajudam em sua propagação, o que faz esses conteúdos romperem a “bolha ideológica” que estavam inseridos.

Os comentários são outro fator que causa uma boa impressão para o canal, além de nos ajudarem a entender melhor as relações entre espectadores e conteúdo. “Muito bom, as verdade estão vindo à tona!”<sup>308</sup>. e “Foi um mal necessários, senão hoje seríamos uma imensa Cuba! Salve 64!”<sup>309</sup> são exemplos de comentários que possivelmente encontraremos em todos os vídeos presentes neste trabalho.

---

305 Disponível em: <https://lifehacker.com/how-to-stop-annoying-youtube-bots-from-spamming-everyon-1848924366> Acesso: 10/07/2022.

306 CHASLOT, 2017.

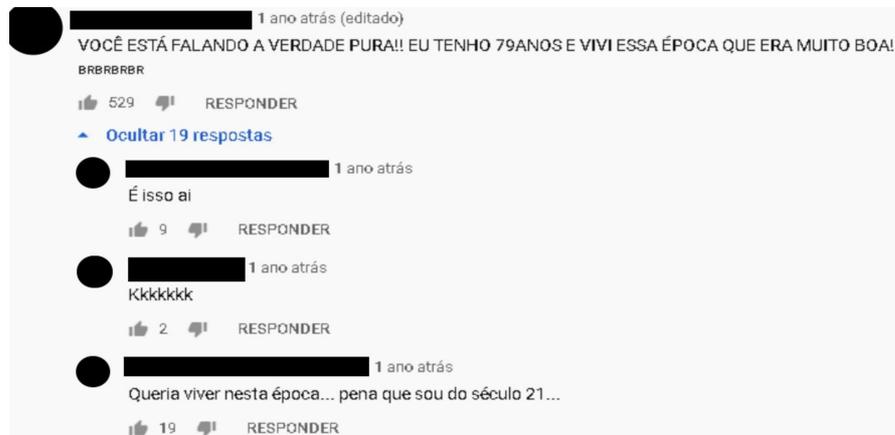
307 KOOPMANS; OLZAK, 2004.

308 LILOVLOG, 2016. Um dos primeiros 20 comentários.

309 Ibid. Um dos primeiros 20 comentários.

Um usuário indaga (em comentário com mais de 480 curtidas) em vídeo do canal “Nando Moura”: “Tenho 45 anos e vivi no final da ‘Ditadura’. Na minha adolescência tínhamos liberdade de ir e vir sem sermos mortos ou assaltados. Vocês não imaginam como aquela ‘ditadura’ era boa foi ruim apenas para psicopatas, que aliás hoje nos tutelam”<sup>310</sup>. “O conhecimento é a chave que abre o cadeado das correntes e liberta uma nação da escravidão moderna”, diz outro usuário em comentário (237 curtidas) ao mesmo vídeo.

Figura 9 - Comentários vídeo de DIDEUS, 2018



Fonte: Reprodução da aba comentários - YouTube

Figura 8 - Comentários vídeo de JONSSSEN, 2018



Fonte: Reprodução da aba comentários - YouTube

310 MOURA, 2017. Um dos primeiros 20 comentários.

Esse padrão se repete em todos os vídeos. Os comentários que primeiro aparecem ao rolarmos a página para baixo têm sempre conteúdos de memórias individuais e/ou de familiares que viveram na época, além de manifestações como “Parabéns, foi muito bom ter achado o seu canal”<sup>311</sup> e “Meu Deus do céu! Que vídeo é esse? É de um esclarecimento assustador e ensurdecador! Obra de Arte! Parabéns!!!”<sup>312</sup>. Já para outro usuário, a memória de sua mãe tem força: “minha mãe nem sabia que estava no regime militar, só militante de esquerda que ‘sofreu’ no regime”<sup>313</sup>.

Comentários (figura 9 e 8) como esses corroboram com a narrativa dos vídeos, assim como trazem consigo uma euforia contagiante sobre como teríamos sido “enganados” durante anos por nossos professores de história “esquerdistas”. Por exemplo, um usuário relata ter tido diversas dúvidas sobre o período da ditadura e, após conversar com seu pai, teve suas dúvidas sanadas. Para seu pai, não houve nenhum tipo de repressão. Para o filho, “contra fatos não há argumentos”<sup>314</sup>.

Em outro comentário (o segundo dos “mais relevantes”) do vídeo de Diego Rox notamos o mesmo tipo de argumentação voltada à memória de familiares que viveram no período: “Meu avô tem 84 anos e fala que essa época chamada ‘regime militar’ ele vivia com liberdade e não como hoje que ele tem medo de ir até na esquina e ser assaltado”<sup>315</sup>.

Os comentários do YT são uma das formas pelas quais podemos visualizar a maneira como algum tipo de conteúdo é recebido pelo público e, além disso, como algumas opiniões dos usuários são vistas por outros. Pelo fato de a plataforma não deixar claro como os comentários “mais relevantes” chegam ao topo de algum vídeo, podemos dizer que o número de “curtidas” em cada comentário bem como sua repercussão (respostas de outros usuários) são uma maneira sólida de lidarmos com essa característica do YT.

Como vimos na figura 8, o comentário “o erro dos militares foi ter deixado uns e outros vivos” obteve 734 “curtidas” de outros usuários e ao mesmo tempo obteve 79 respostas (que em sua maioria foram favoráveis ao comentário principal). Em resposta ao seu próprio comentário (86 curtidas), afirma-se que “Cornélia Pinto José Dirceu e outros radicais da

---

311 SHEWEDER, 2015. Um dos primeiros 20 comentários.

312 ROX, 2018. Um dos primeiros 20 comentários.

313 JONSSSEN, 2018. Um dos primeiros 20 comentários.

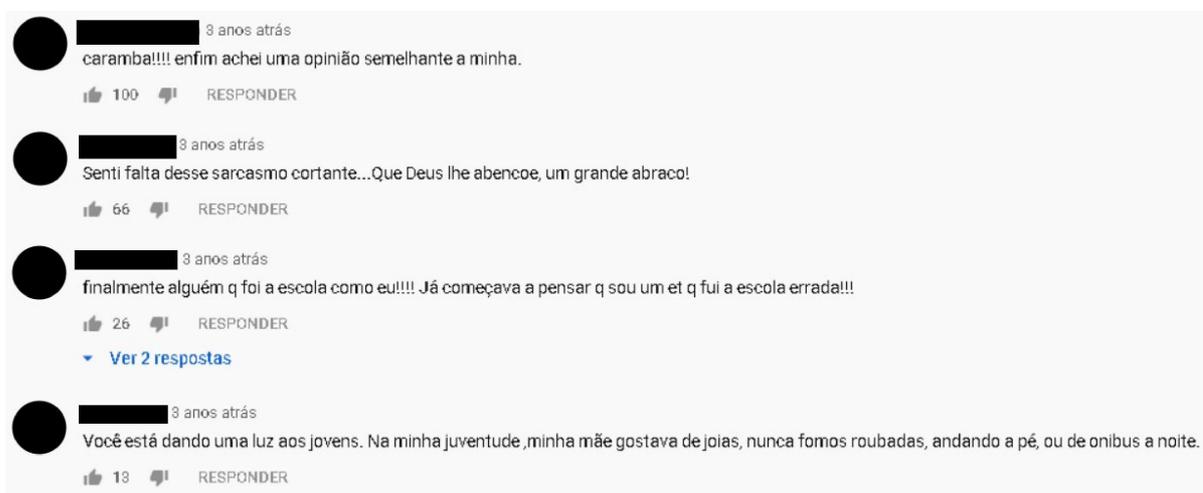
314 ROX, 2018. Um dos primeiros 20 comentários.

315 ROX, 2018. Um dos primeiros 20 comentários.

época foram treinados em Cuba. Eles também mataram muita gente. Guerra é guerra”<sup>316</sup>. Outro usuário responde (13 curtidas): “Foi dada a ordem pra matar zé Dirceu mais foi ignorada”.

Muitos comentários (figura 10) fazem referência ao sentimento de pertencimento que esses vídeos proporcionam. “Enfim achei uma opinião semelhante a minha”<sup>317</sup> é um ótimo exemplo dessa característica da nova direita de querer ser algo novo e que necessita de mais atenção por parte das pessoas.

Figura 10 - Comentários vídeo de MARISA, 2016



Fonte: Reprodução da aba comentários -YouTube

Descobrir que outras pessoas pensam semelhante é, de certo, gratificante para algumas pessoas, além de que esse sentimento de descoberta e aceitação é o que pretende criar grupos de pessoas, aparentemente, “excluídas” e/ou “marginalizadas” da sociedade. “Finalmente alguém que foi a escola como eu!”<sup>318</sup> é um outro exemplo do que pode aparecer pelos vídeos que nos dispomos a analisar nesta pesquisa.

Levando em consideração o que foi dito anteriormente, a forma como uma teoria conspiratória se espalha pela sociedade é realizada a partir da criação de uma falácia complexa, a fim de que sempre haja uma resposta, com “fontes” e “estudos” fora de contexto, para qualquer tipo de pergunta.

316 JONSSSEN, 2018. Comentário de resposta a um dos 20 primeiros comentários.

317 MARISA, 2016. Um dos primeiros 20 comentários.

318 MARISA, 2016. Um dos primeiros 20 comentários.

Uma falsificação com disfarce de verdade foi um dos principais problemas encontrados por especialistas<sup>319</sup> nas eleições para a presidência no ano de 2018 no Brasil (e em outros países, como foi o caso das eleições de 2016 nos EUA). As *fake news* tiveram papel significativo na disseminação de falsas verdades à sociedade brasileira. Por trás da fachada de um site/blog de notícias aparentemente sério, estava um divulgador de notícias falsas.

Ao longo dos últimos anos, ficaram cada vez mais famosos os sites de checagem de notícias, devido à enorme repercussão desse tipo de notícias nas redes sociais e em aplicativos como *Telegram* e *WhatsApp*. Essas notícias podem ajudar na geração de engajamento e sentimento de pertencimento a uma causa ou visão de mundo, pelo fato de que pessoas falando sobre determinados assuntos falsos que corroboram com a visão de certos grupos acaba gerando *dissonância/ressonância*<sup>320</sup> para este tipo de conteúdo, fazendo com que ele seja cada vez mais procurado nas plataformas de busca e comentado em veículos de notícias sérios ou não.

---

319 GRAHAM, R. Google and advertising: Digital capitalism in the context of Post-Fordism, the reification of language, and the rise of fake news. **Palgrave Communications**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41599-017-0021-4>; RECUERO, R.; GRUZD, A. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, ago. 2019. p. 31–47.

320 KOOPMANS; OLZAK, 2004.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias a favor da ditadura, até então sem vigor, continuam ganhando cada vez mais espaço na esfera pública, principalmente na mídia e nas redes sociais, visando a desqualificação da democracia. Uma pesquisa do DataFolha<sup>321</sup> aponta que a taxa de apoio à democracia recuou em 2017 (56%) em comparação aos anos de 2016 (62%) e 2014 (66%). Segundo Pereira<sup>322</sup>, há um elevado índice de pessoas que demonstram total desconhecimento sobre os eventos e processos do golpe de 1964, deixando patente a ausência de ressonância, na esfera pública, das violências ocorridas durante a ditadura militar brasileira. Tal fato leva a revisionismos e negacionismos desse passado traumático e impede a criação de uma justa memória sobre o período.

Nesse cenário, as reflexões sobre memória, mídia, internet e História pública nos permitem analisar o contexto no qual esses vídeos do *YouTube* se inserem e suas consequências sobre a formação de uma certa opinião pública, assim como a mesma gera, concomitantemente, mais demanda sobre certos tipos de conteúdo sobre o passado e, principalmente, sobre a ditadura.

Desse modo, podemos perceber o surgimento de uma certa “história” na esfera pública muito dissonante da história que é feita na academia. Esse fenômeno se constitui em um desafio para os historiadores, uma vez que os novos espaços públicos gerados pela Internet proporcionam um alcance social muito maior do que o da academia, que se encontra distante da sociedade. Logo, como Malerba<sup>323</sup> pontua, é imprescindível que os historiadores considerem a esfera pública um campo fundamental de atenção, reflexão, análise e, inclusive, de participação, uma vez que é de suma importância a entrada efetiva dos historiadores nos debates que são de interesse público.

É nítido e crescente o debate histórico travado em espaços não acadêmicos e por não profissionais de história sobre assuntos cruciais para a democracia hoje. Isso traz grandes consequências ao ofício do historiador, assim como da importância do mesmo, uma vez que,

---

321 Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2017/10/1923930-apoio-a-democracia-recua.shtml>

322 PEREIRA, M. H. de F. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). *Varia Historia*, v. 31, n. 57, p. 863–902, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-87752015000300008p.888>.

323 MALERBA, 2017.

como afirma Jurandir Malerba<sup>324</sup>, o debate que vem sendo feito na atual historiografia opera na problematização do papel social do historiador frente a um academicismo de seus pares, com uma escrita cada vez mais científica e menos anedótica, que o faz se afastar do grande público.

A análise desse fenômeno no âmbito do YT contribui para os estudos sobre a inserção da história acadêmica na esfera pública, muito pelo fato de possuir uma importância crucial no tempo presente no que concerne à formação de opinião e às disputas de memória. Um dado do Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>325</sup>, divulgado em 2017, demonstra que o grau estimado de propensão ao apoio a posições autoritárias no Brasil é de 8,1 (de 0 a 10). Além disso, o estudo evidencia que, apesar de a agenda dos direitos civis, sociais e humanos ter grande aceitação por parte da população brasileira (índice de 7,83), ela convive com a valorização de figuras de autoridade e oposição ao diferente. Esse fato nos leva a pensar como a característica autoritária do país reflete na grande mídia de entretenimento que o YT se tornou.

Nos últimos tempos, temos vivenciado no Brasil a maior crise democrática desde a redemocratização. Exemplo disso foi o *tweet* do General Villas Bôas, em abril de 2018, às vésperas do julgamento do *habeas corpus* do ex-presidente Lula, afirmando que o Exército Brasileiro compartilhava os anseios dos cidadãos de bem em repúdio à impunidade e estava atento às suas missões institucionais, reforçando uma índole moral e uma agenda anticorrupção, o que demonstra, assim, a volta dos militares à arena política<sup>326</sup>. Outro exemplo foi o pedido de “intervenção militar já!”<sup>327</sup> por alguns segmentos dos caminhoneiros grevistas, entre maio e junho de 2018, reafirmando ainda mais a instabilidade política vivenciada no país no decorrer destes cinco anos de crise da democracia liberal.

Assim posto, pode-se perceber que ainda há um amplo desconhecimento de certos setores da sociedade sobre a ditadura militar brasileira, muito por conta da falta de uma política de memória eficaz capaz de conseguir lembrar de forma significativa as diferentes faces desse período repressivo e contraditório<sup>328</sup>. Por isso, é um desafio ainda maior para o

---

324 Ibid.

325 MEDO da violência e o apoio ao autoritarismo no Brasil: índice de propensão ao apoio a posições autoritárias. Organizador: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

326 Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/02/politica/1522697550\\_276313.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/02/politica/1522697550_276313.html)

327 Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/28/politica/1527542536\\_679526.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/28/politica/1527542536_679526.html)

328 PERLATTO, F. História, literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 30, p. 721–740, 2017.

historiador levar os conhecimentos recentes ao grande público, pelo fato dos mesmos não estarem mais ligados à dualidade “mocinhos” e “vilões”, “repressores” e “reprimidos”, mas a uma complexificação da História, em que a oposição “preto e branco” deixa espaço para a formação de uma “zona cinzenta”<sup>329</sup>. Infelizmente, as contradições da ditadura militar brasileira levam os leigos a entendê-la a partir de um lado dos opostos, tornando-se imprescindível aos historiadores e estudiosos do período introduzir um conhecimento multifacetado referente ao tema.

Sendo assim, os historiadores têm de estar cientes que o espaço público está se tornando cada vez mais virtual, complexo e conectado. A democratização da informação e a ampliação das ferramentas de acesso ao mundo, se não forem bem utilizadas, podem nos levar à banalização do passado, como já mencionado. Essa tempestade de informação não pode nos fazer esquecer de interpretar e decompor esse conhecimento infinito sobre tudo e acessível para todos.

A análise realizada aqui, de certo, pode contribuir na forma como os profissionais de história encaram essa nova realidade midiática, uma vez que, como Hagemeyer<sup>330</sup> pontua, as potencialidades da utilização dos meios audiovisuais para a edificação do saber histórico possibilitam que os historiadores “não apenas teorizem a respeito da história dos meios de comunicação e seu papel social, ou tomem registros audiovisuais como fonte para sua análise escrita, mas que eles próprios se utilizem dessas linguagens como forma de expressão do conhecimento histórico”. Adicionemos, ainda, que nossa análise buscou fazer da utilização de fontes digitais não somente condutores de uma análise histórica, mas também como formas outras de entendimento referente à socialização em um mundo cada vez mais interconectado e suas diversas formas de interação com o mundo digitalizado.

---

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2178-14942017000300011>  
329 LEVI, 2016.

330 HAGEMeyer, R. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

## ANEXOS

### Anexo 1: Vídeos analisados e seus respectivos dados:

<b>Bernardo Küster (734 mil)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
CNBB e o golpe de 1964 (ZHf1RryI kB4) <sup>331</sup>	18/05/2018	08/10/2019	105.337	19 mil	170	1165
Eu te conto quem foi Carlos Marighella (v8iH676ni bo)	19/02/2019	13/07/2020	489.834	67 mil	3,3 mil	5567
INTERVENÇÃO MILITAR JÁ! (5Mu_Rcm 7G5k)	30/05/2018	08/10/2019	260.409	45 mil	1,4 mil	3376
LOUCUR A – Bolsonaro, Caio, Edgar e	31/07/2019	13/07/2020	332.809	71 mil	437	3468

331 Esses caracteres fazem referência ao código do vídeo presente no hiperlink de cada um, tornando-o o mais próximo que temos de de uma identificação exata de cada vídeo. Os que não possuem esses caracteres são os vídeos que foram removidos da plataforma.

uma aula de história (mz1m3dhi z0w)						
MENTIRA - Censura durante o Regime Militar (nu-WEL1AN E4)	07/02/2019	08/10/2019	152.535	30 mil	1 mil	1621
<b>Brasil Paralelo (1,07 milhões)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
1964 – O Brasil entre armas e livros (yTenWQ HRPIg)	02/04/2019	03/02/2020	6.724.055	556 mil	20 mil	69.804
		17/08/2019	6.372.226	547 mil	20 mil	69.675
Brasil, 1964: golpe ou contrarrevolução (dVjuS0JY -Pk)	23/10/2018	08/10/2019	112.880	21 mil	232	863
<b>Bruno Jonssen (315 mil)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
O erro do regime	10/04/2018	26/10/2019	130.927	13 mil	346	1168

militar (GfpxiMOt ItA)						
<b>Diego Rox (1,13 milhões)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
Regime militar	23/10/2018	08/10/2019	483.790	113 mil	715	10.550
<b>eGuinoran te (+/- 1 milhão)<sup>332</sup></b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
Ditadura meu pai te conta como foi	25/09/2017	01/11/2018	+ 2.000.000	+/- 200 mil	+/- 13 mil	20 mil
<b>Felipe Dideus (532 mil)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
Sua escola MENTIU sobre a DITADUR A no BRASIL (jy32k7Yv Ra8)	16/10/2018	15/07/2020	123.279	22 mil	669	1584
<b>Jair Bolsonaro (2.3 milhões)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
31 de	29/03/2012	04/05/2022	20.541	1,4 mil	Non <sup>333</sup>	135

<sup>332</sup> Dados extraídos de artigo posterior de minha autoria (COUTO NETO, 2019a).

Março de 1964						
Bolsonaro: Período militar não foi ditadura	29/10/2018	04/05/2022	46.526	2,4 mil	Non	634
DEFESA COMEMORAR O 31 DE MARÇO	31/03/2015	16/02/2022	66.525	4,8 mil	Non	444
ESQUERDA NUNCA MAIS - 31/MAR/64	01/04/2014	16/02/2022	206.265	19 mil	Non	3065
VIVA 31 DE MARÇO DE 64	27/03/2013	04/05/2022	44.597	1,9 mil	Non	589
<b>Intervenção Militar Ceará (58,4 mil)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
Quando um militar 'cabra macho' explica a Intervenção! (rf7jB-	03/10/2017	08/10/2019	131.757	6,5 mil	225	572

333 “Non” representa as fontes que foram salvaguardadas depois que YouTube passou a não mostrar mais o número de “descurtidas” em todos os vídeos de sua plataforma, não sendo possível reaver esses números.

kKrdA)						
<b>LiloVLOG (323 mil)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
Comemorando 64 (HSuJUowvLFY)	01/04/2019	24/10/2019	20.415	5,8 mil	93	352
O “golpe” de 1964 (VO_DqILGgng)	21/04/2016	24/10/2019	36.435	4 mil	172	459
<b>Lobo Conservador (158 mil)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
O regime militar foi uma ditadura? (Y2NGwlpESHs)	30/06/2017	26/10/2019	65.334	9,8 mil	339	812
<b>MamãeFalei (2,58 milhões)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
Ditadura Militar! (69PKe2rozqI)	05/11/2018	08/10/2019	411.424	57 mil	1,6 mil	3163
<b>Maro Schweder (225 mil)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
Quem são	21/04/2016	03/11/2021	24222	3117	Non	317

os verdadeiros TORTUR ADORES (iO4wdRC 1oDQ)						
Leandro Karnal, ditadura militar e academicis mo	07/06/2016	24/10/2019	27.731	2,0 mil	408	497
1964 e a versão que a esquerda escreveu da História	07/04/2015	24/10/2019	60.978	5,2 mil	315	761
O Mito da Ditadura Militar	02/11/2015	24/10/2019	28.800	2,7 mil	223	300
<b>Moviment o Brasil Livre (1,27 milhões)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
A verdade sobre os guerrilheir os do regime militar (JjyTqCq CU4)	19/01/2018	24/10/2019	456.841	33 mil	862	1.492
64:	01/04/2019	03/02/2021	43.129	4,5 mil	873	836

GOLPE OU REVOLU ÇÃO?   Por Renan Santos (_24xYV3 RH_0)						
<b>Nando Moura (3,34 milhões)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
#GloboLix o - 1964, Ursos e FRANCES ES! (OSLKfM Odfcs)	30/03/2019	10/07/2020	392.561	74 mil	1,8 mil	3248
1964 - Filme COMPLET O para assistir AGORA	02/04/2019	08/10/2019	305.204	61 mil	1,1 mil	3067
A verdade sobre a ditadura brasileira (mnrngVTk 9zA)	27/11/2017	24/10/2019	605.371	68 mil	3,6 mil	1870
Canal Nostalgia e	30/05/2016	08/10/2019	1.104.461	74 mil	27 mil	414

a DITADUR A!! (hMga8k50 FRk)						
CINEMAR K - O cinema COVARD E!!! (C6fwNLk O_Ws)	03/04/2019	10/07/2020	283.058	66 mil	1,1 mil	4806
E se 1964 fosse em 2015	05/05/2015	24/10/2019	117.478	8,2 mil	348	42
<b>Olavo de Carvalho</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
1964: 50 ANOS DO CONTRA- GOLPE (qKquKjm _PJE)	02/04/2014	08/10/2019	307.023	10 mil	484	1755
Qual a viabilidade de uma intervenção militar hoje (iodpnige1t w)	08/10/2017	07/10/2019	329.461	15 mil	472	994
<b>Paula Marisa (343 mil)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários

Bolsonaro, Ustra e Marighella	29/04/2016	24/10/2019	108.889	14 mil	841	676
<b>Terça Livre (627 mil)</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
A verdade sufocada - o brasil no regime militar	04/11/2018	26/10/2019	64.542	13 mil	103	526
O QUE ANTECED EU 1964	29/03/2019	10/07/2020	39,024	7,2 mil	57	187
<b>Universo</b>	Data do vídeo	Data da fonte	Visualizações	Curtidas	Descurtidas	Comentários
Verdades não contadas pela esquerda da ditadura militar	24/04/2016	29/10/2019	405.198	20 mil	730	543

**Anexo 2:** Resumos dos vídeos

<b>Bernardo Küster</b>	
CNBB e o golpe de 1964 (ZHf1RrylkB4)	Falando sobre a teologia da libertação, presidente lula e sua prisão antes das eleições de 2018. Marcelo Barros, Frei Beto e Leonardo Boff. Edição de vídeo muito lúdica e sarcástica. Barros (visitando lula na cadeia): “libertar deus da cadeia das religiões”. Lendo nota da CNBB em 64 em que se dizia que os militares estavam salvaguardando o país de uma revolução comunista. Bernardo: “A CNBB à época, 64, chamou a contrarrevolução, que as forças armadas fizeram contra os comunistas aqui no Brasil, de ‘proteção divina’”. Benardo: “Essa é a posição verdadeiramente católica! Vamos recuperar essa tradição dentro da igreja. CNBB escute a sua própria voz que ecoa na história trazida a tona a luz de novo neste momento”.
Eu te conto quem foi Carlos Marighella (v8iH676nibo)	Sobre o filme dirigido por Wagner Moura e protagonizado por Seu Jorge. Para ele as pessoas não estavam tão alertas sobre as questões do comunismo quando outros filmes sobre Marighella foram lançados antigamente. Sobre o lançamento do filme em Berlim:  “e teve até plaquinha da Marielle...plaquinha da Marielle tá rolando agora. O Carlos Marighella está sendo comparado a Marielle. Quer dizer o seguinte: será que eles estão dizendo que a Marielle também era uma terrorista comunista a favor da guerrilha? Essa é a sugestão que eles estão dando. Ou eles estão simplesmente querendo insinuar que ela foi morta porque ela lutava pela democracia? Tá estranha essa história aí viu”. Ator do filme fala sobre a censura que os professores estão sofrendo hoje no país, bernardo retruca dizendo que o escola sem partido acusando os professores a não discutirem toda a história.” é claro que ele foi morto, ele era um assassino, terrorista, pregava luta armada e você queria que o estado fizesse o que?”
INTERVENÇÃO O MILITAR JÁ!	Ele entende quem pede uma “intervenção militar”, mas ele não tem certeza se isso irá realmente beneficiar o país. “Será que eles (militares) vão conseguir dismantelar isso?” Falando a respeito dos servidores públicos pró um governo

<p>(5Mu_Rcm7G5 k)</p>	<p>‘petista-socialista’”. “Vamos imaginar, então, que os militares assumam. Se eles assumirem, sera que eles terão a capacidade de gerir o governo como fizeram em 64 e dar um boom econômico no país de novo? Ou o país pode quebrar na mão deles – não por culpa deles! - e ai todo o prestígio que as forças armadas gozam no Brasil se desmantela e a gente perde uma força importante de segurança nacional”.</p> <p>Segundo Bernardo, caso o PT ganhe as eleições de 2018, seria necessário que a direita, “mais que uma intervenção militar”, fizesse (assim como supostamente fez a esquerda) uma “intervenção cultural”, para mudar a sociedade a partir da cultura.</p>
<p>LOUCURA – Bolsonaro, Caio, Edgar e uma aula de história (mz1m3dhiz0w)</p>	<p>Ação Popular. Falando de Bolsonaro e da OAB. Fala de Bolsonaro sobre o filho “se quiser saber como seu pai morreu posso te contar. Comissão da verdade, Dilma terrorista, n ter ninguém da direita na CNV. “Eu acho que é sim preciso fazer uma revisão da história porque a maioria dos livros que temos sobre esse período são livros de esquerda”. Fernando Santa Cruz (OAB). Falando sobre atentados terroristas feitos pela Ação Popular e da ligação entre Fernando Santa Cruz (Bernardo fala da vida “revolucionária de Fernando, e de suas possíveis hipóteses sobre a morte do mesmo”. Para ele Bolsonaro voltou a “comer bife” pelo fato de ter comentado sobre o Fernando Santa Cruz de uma forma mais combativa com a esquerda. Bolsonaro o confrontou “é o estilo Bolsonaro de ser” como era na campanha de 2018.</p>
<p>MENTIRA - Censura durante o Regime Militar (nu- WEL1ANE4)</p>	<p>A narrativa de que houve censura no governo militar é uma baboseira, segundo ele, além disso ele trará “provas materiais”. ‘estamos sempre em busca da verdade’. Segundo Bernardo n havia uma censura expressiva na ditadura, uma vez que a esquerda teria florescido ‘princialmente na cultura naquele período. Ou seja, a hegemonia cultura da esquerda teria florescido no regime militar. Segundo ele, citando Frei Beto, a teologia da libertação teria espaço na ditadura pelo fato de os militares não terem dado tanta bola para ela, acreditando ser algo sem força. Segundo Bernardo, Frei Beto reconhece que a teologia da libertação é uma bomba mais explosiva do que o próprio conteúdo marxista puro. Para Bernardo, tudo da esquerda brasileira floresceu no período militar.</p> <p>“Que censura é essa que permite um best-seller de um comunista dominicano como frei beto ser publicado”na década de 1970. Bernardo vai citando uma série de outros livros que foram publicados no regime militar, principalmente dos livros escritos sobre a teologia da libertação e temas afins. “que censura é essa que</p>

permite uma publicação tão extensa, tão massiva, e que teve tanta penetração na cultura brasileira?. Ou seja, não houve censura, houve apenas o controle aqui e ali de alguns artigos que importavam, no meu entender, para tática de guerrilha, e um artigo muito subversivo muito obviamente comunistas, agora coisas como essa que eram muito mais deletérias e pretensiosas para a cultura nacional e para o fomento da revolução, elas foram completamente deixadas florescer completamente.

### **Brasil Paralelo**

1964 – O Brasil entre armas e livros (yTenWQHRPI g)

Resumo dos acontecimentos históricos da criação da URSS ao fim da Segunda Grande Guerra, com atenção especial aos acontecimentos da Guerra Fria.

Dualismo Bem (EUA e Inglaterra) contra o mau (URSS) – EUA: com o fim da guerra: “construíram uma democracia liberal, baseada na sociedade de mercado e dos valores cristãos” – armas nucleares “sendo a força imprescindível que derrotou os nazistas”. URSS: Gulags, Holodomor, terror vermelho e ditadura totalitária.

Depois, o documentário começa a falar sobre o serviço de inteligência da Tchecoslováquia (StB) e como ele teria atuado no Brasil enquanto instrumento de implementação dos ideais comunistas até mesmo antes dos acontecimentos de 1964.

Quase metade do documentário se passa na criação de uma narrativa de contextualização da Guerra Fria e os impactos da infiltração comunista no país.

Para eles (Principalmente Olavo de Carvalho) os historiadores não tem provas de que houve participação da CIA no golpe de 64.

AI-5 teria sido uma resposta ao “terrorismo” comunista da guerrilha rural e urbana, sendo necessária para a reorganização do país. Apesar de o documentário não dar razão ao AI-5, usa de artifícios para que se parecesse algo necessário.

Jovens enquanto massa de manobra no mundo...Maio de 68...Movimento hippie.

Gramsci, Marxismo cultural e o comunismo tomando todas as formas de poder, nas escolas, igrejas, universidades, mídia, etc.

Na ditadura, professores e historiadores, no documentário, são vistos como “marxistas” e “gramscistas” que foram se especializando na luta intelectual para a implementação do comunismo na mente das pessoas, não mais por meio da força

	<p>bélica,</p> <p>Sobre a constituinte: “Essa nova república , no fundo, é uma farsa, é uma burocracia tremenda e o povo tá fora. Então você tem essa burocracia tremenda querendo se proteger e pra se proteger eles precisam proteger o que? O mito fundador da república. Eles precisam insistir na tese de que esta nova república foi fundada para o cidadão e contra um ditador [aparece a imagem de Ustra] e qualquer pessoa que os contradizem é ditador”. “Partidos como o Pcdob que tem em sua essência o Maoísmo; que democracia é essa que debate com um Maoista?”</p>
<p>Brasil, 1964: Grupo no poder na época teria simpatia pelo projeto soviético e ele começou a produzir reformas que estavam levando o Brasil nesta direção. Para eles a sociedade civil em sua grande parte era contrária a esses projetos, então entram os militares em cena para que não houvesse uma revolução comunista no país.</p> <p>o (dVjuS0JY-Pk)</p>	<p>“A constituição de 67 tinha uma configuração muito mais pró mercado do que a constituição vigente até então”.</p>
<p><b>Bruno Jonssen</b></p>	
<p>O erro do regime militar (GfpxiMOtltA)</p>	<p>“Quem viveu sabe: foi uma das melhores épocas para se viver no Brasil. Eu não vivi, mas se você é jovem por exemplo, pergunte ao seu avo, se ele não foi guerrilheiro, comunista, pergunte ao seu avo como era viver no regime militar aqui no Brasil. Foi uma fase muito boa para o desenvolvimento do Brasil até”.</p> <p>Para ele pode até ser que uma intervenção militar resolva alguma coisa, mas deve-se levar em conta que os militares não são deuses e que são humanos como qualquer outro que estão no poder</p> <p>Para ele o problema do Brasil é um problema cultural e que foi aí que foi o erro do regime militar. Para ele, “enquanto o militar estava caçando comunista no meio do mato, o comunista estava na sala de aula, nas escolas corrompendo a mente do estudante”.</p> <p>“O erro no regime militar foi não criminalizar o comunismo no Brasil, a doutrinação o ensino”.</p> <p>“As coisas estão mudando. Eu vejo os instrumentos na nossa frente: escola sem partido, pra poder acabar com essa invasão que os comunistas fizeram nas escolas. Redes sociais, pra acabar com a manipulação da rede globo e dos seus braços e</p>

	pernas que ão as outras emissoras [aparece um logo da globo com um simbolo comunista]”.
<b>Diego Rox</b>	
Regime militar	<p>Pai dele falando de como era viver na Ditadura.</p> <p>“Pergunta ai para os seus país, ou para seus avós (se ainda estiverem vivos) como é que foi esse período do regime militar. Pode ter certeza, se eles não tiverem sido guerrilheiros comunistas, se eles não tivessem sido baderneiros, eles passaram por esse período ‘de boa’, estudaram, trabalharam, sem nenhum problema. Teve gente que me mandou mensagem essa semana falando assim: ‘nossa, como que o Bolsonaro pode apoiar o Ustra? Eu vou até votar no Bolsonaro, mas sobre essa questão eu fico confuso’. Toda História tem os dois lados. A gente tá falando da contrarrevolução de 64. De um lado tinham os guerrilheiros, comunistas, os terroristas (assim que devem ser chamados) – terroristas que queriam implantar à força no Brasil uma ditadura comunista, queria fazer do Brasil uma Cuba. Do outro lado tinha o exercito, os militares, não só o exercito, mas a população que apoiava os militares. Esses militares tinham o papel de impedir os planos do outro lado. A função do exército é proteger o país, garantir a soberania do nosso país. Eles tinham sim que lutar contra esses guerrilheiros, contra esses terroristas que assaltavam bancos, que faziam sequestros, que explodiam carros, faziam atentados a bomba. E o Ustra é um desses agentes, um desses militares que combatiam esses terroristas”.</p>
<b>eGuinorante</b>	
Ditadura meu pai te conta como foi	Pai dele falando de como era viver na Ditadura
<b>Felipe Dideus</b>	
Sua escola MENTIU sobre	Qualquer ditadura não é bem-vinda, mas os professores mentiram pra vocês nas escolas, uma vez que há dois lados da narrativa. Apesar dos males do regime

<p>a DITADURA no BRASIL (jy32k7YvRa8)</p>	<p>militar, houve coisas boas, e ele elenca algumas, como segurança, infraestrutura, criação de benefícios trabalhistas, boom econômico do governo. Dideus faz um paralelo com o regime cubano para trazer a tona o lado da guerrilha armada no país durante a ditadura, que eles não queria democracia, sim uma ditadura do proletariado. Se os militares não tivessem tomado o poder, quem tomaria seriam os comunistas brasileiros.</p>
<p><b>Intervenção Militar Ceará</b></p>	
<p>Quando um militar 'cabra macho' explica a Intervenção! (rf7jB-kKrdA)</p>	<p>Saudade da Ditadura. Comentários sobre uma possível intervenção militar e como foi feito pelos militares em 1964.</p>
<p><b>LiloVLOG</b></p>	
<p>Comemorando 64 (HSuJUowvLF Y)</p>	<p>Militares fizeram muitas coisas boas. Fala sobre o crescimento econômico. “Quem foi preso era bandido. Quem foi preso são Pessoas que realmente não fizeram bem pro país”. O erro dos militares, para ele, foi deixar de lado os comunistas que mudavam a mente das pessoas nas escolas e universidades (o tal do marxismo cultural). Que fez com que as pessoas acreditassem que o regime militar fosse algo grotesco e terrível posteriormente com o fim da ditadura.</p> <p>“Ainda bem que nós temos pessoas que viveram a época e falam, pelo menos as pessoas mais corretas que nunca foram presas, eles falam que foi um momento onde você poderia sair na rua, poderia ficar depois das dez com sua carteira de trabalho [...] não tinha nenhum tipo de repreender as pessoas...até os músicos que falam que foram perseguidos lançavam várias e várias músicas. Na verdade os militares foram muito bonzinhos militares fizeram muitas coisas boas. Fala sobre o crescimento econômico”.</p> <p>“Quem foi preso era bandido. Quem foi preso são Pessoas que realmente não fizeram bem pro país”. O erro dos militares, para ele, foi deixar de lado os comunistas que mudavam a mente das pessoas nas escolas e universidades (o tal do marxismo cultural). Que fez com que as pessoas acreditassem que o regime militar</p>

fosse algo grotesco e terrível posteriormente com o fim da ditadura. “Ainda bem que nós temos pessoas que viveram a época e falam, pelo menos as pessoas mais corretas que nunca foram presas, eles falam que foi um momento onde você poderia sair na rua, poderia ficar depois das dez com sua carteira de trabalho [...] não tinha nenhum tipo de repreender as pessoas...até os músicos que falam que foram perseguidos lançavam várias e várias músicas. Na verdade os militares foram muito bonzinhos tá? Se tivesse sido um pouco mais...perseguido realmente os bandidos que deveriam ser perseguidos e tivesse colocado eles pra fora do país não haveria o problema que há hoje”.

“Devemos sim [comemorar o golpe]. Infelizmente isso é algo que não vai voltar, pode ficar tranquilo, e com certeza o Brasil não será como foi na época nos anos 70, 80”. Para ele viver no regime militar era, em termos de segurança pública, muito melhor do que no Brasil de hoje, pois naquela época poderíamos sair a rua a noite sem medo de sermos assaltados, o que hoje não é possível, e por isso o Brasil está do jeito que está.

O “golpe” de 1964 (VO\_DqILGgng )

Faz um “react” a um vídeo documentário “A outra versão do golpe de 1964”. Fazendo brincadeiras com um entrevistado em específico o “gordinho do lanche de 50 centavos”. Invalidando tudo o que o mesmo diz. Faz comparações sobre os “presos” na ditadura, uma vez que se foram presos deveriam ter feito alguma coisa, e que inocente não seriam.

Para LiloVLOG a maioria das pessoas simplesmente engole o que a escola ensina e não pensa em indagar e procurar a “verdade” . Comentando sobre um vídeo do Telecurso: “Queria deixar claro aqui porque que o seu professor ele simplesmente acredita que o comunismo funciona, porque ele é petista...A esquerda tem uma arma maravilhosa: usa da mentira. E aonde a mentira pode ser usada? Onde a mentira é mais forte? Eles podem adentrar nas escolas, nas universidades e começar a usar esse tipo de artimanha para usar os jovens e moldar a sociedade como eles querem”. “os militares apareceram e interviram porque o povo clamou”. Pra ele PT é a mesma coisa q comunismo (PCB). O PT são os mesmos terroristas assassinos de antigamente.

**Lobo**  
**Conservador**

<p>O regime militar foi uma ditadura? (Y2NGwlpESH s)</p>	<p>Para ele: “Uma época onde a família era a base da sociedade, o cidadão de bem era respeitado e o bandido tinha medo da polícia”. Mídia esquerdista demoniza o regime militar. “Nem tudo que a sua professora socialstinha de História te contou é verdade”. “Jango tinha grandes aspirações comunistas”. Governo militar foi um “mal necessário”. “Durante o regime o cidadão de bem se sentia protegido e o porte de armas era permitido”. Tortura só era usada em casos extremos, e mesmo que não parece justificável, aqueles que dizem ter sido torturados, não foram por qualquer besteira, mas sim por atos terroristas”. (FOTO da Dilma), “Hoje em dia são políticos que a esquerda considera como salvadores da pátria”. “Em que tipo de ditadura o poder é entregue de volta pro povo de forma tão suave e simples?”.</p>
<p><b>MamãeFalei</b></p>	
<p>Ditadura Militar! (69PKe2rozqI)</p>	<p>Passou a infância e a adolescência inteira ouvindo uma só narrativa sobre a ditadura militar (no caso era da tia que era fotógrafa e viveu a época, segundo ele era de esquerda). Então foi “estudar” o outro lado. Se um fala uma coisa e outro fala outra, “deixa eu entender o que que foi esse período”. Uma forma que ele gosta muito de estudar é ouvindo gente que entende muito do assunto falar. Então, ele comenta sobre o Brasil Paralelo e o vídeo que eles iriam lançar em dezembro de 2018 que seria sobre o Período. Propaganda? Falando do Brasil Paralelo e do conteúdo que eles produzem, falando dos preços, link para cadastro gratuito, e receber regalias pelo link e e-book sobre o período da ditadura. “no link da DESCRIÇÃO DESSE VÍDEO!!!”</p>
<p><b>Maro Schweder</b></p>	
<p>Quem são os verdadeiros TORTURADOS RES</p>	<p>[[Barulho de descarga ao fundo do vídeo]] Maro: “A esquerda brasileira sofre de um verdadeiro recalque, uma frustração histórica que tem suas origens em 1964, quando a esquerda tentou dar o golpe e não conseguiu. Os militares deram o contragolpe e correram com toda essa gente”. Os Militares se impuseram para salvar a democracia no país” (segundo Maro).</p> <p>“Talvez muitos digam assim: ‘A, mas o regime militar foi um período de 21 anos onde não houve democracia’. Mas nós temos uma pálida democracia hoje porque os militares correram com todos esses esquerdistas” [...] “Do contrário o Brasil teria se tornado uma república socialista em 1964 já, os planos do João Goulart se</p>

direcionavam justamente nessa direção para transformar o Brasil numa nova cuba. Isso está colocado, a esquerda tenta negar isso historicamente, mas os fatos históricos estão aí, e o problema é que a maior parte dos historiadores brasileiros é de esquerda, e por isso que esses historiadores escrevem a história segundo os interesses da esquerda, e não segundo a verdade dos fatos”. “Os esquerdistas escrevem a sua visão da história, a sua versão, e impõem isso como uma verdade para a sociedade, mas cada vez mais essa visão esquerdistas vem sendo desconstruída, porque a sociedade brasileira está vendo nos políticos de esquerda de hoje, a verdadeira face da esquerda brasileira, que em 1964 se levantou contra a democracia e tentou realmente dar um golpe”.

Para ele foi um contragolpe, pois quem queria dar o golpe era a esquerda. Cita Ustra e fala que desde 1961 a esquerda mandava militantes para serem treinados em países como China, Cuba e URSS. Ustra, para Maro, foi injustiçado pela esquerda, sendo que ele combatia o crime e “terrorismo” de esquerda. Cita Bolsonaro e diz que Precisa ser feita justiça A história brasileira e notadamente a história do regime militar. Para ele, pode ter ocorrido alguns excessos nos governos militares, “mas qual o regime de governo perfeito? Ainda mais numa situação como os militares enfrentaram a partir de 1964”. Os militares, para Maro, defenderam a nação brasileira. Maro afirma que, se os militares cometeram alguns excessos as pessoas reprimidas deveriam ter feito por merecer, pois a “esquerda estava matando, sequestrando, torturando, explodindo bombas, assaltos a banco”.

Leandro Karnal, Fala de Leandro Karnal sobre como se sentiria fracassado enquanto professor de ditadura militar e academicismo história vendo jovens pedindo o retorno da ditadura. Para Maro, ele deveria se sentir fracassado olhando a situação em que o Brasil se encontra, com uma educação ruim e um alto índice de analfabetismo funcional. “Existe no Brasil uma visão parcial na História de tendência esquerdista. Onde os jovens são formatados dentro desta realidade, onde os jovens não conseguem fazer uma leitura adequada da realidade”.

Para ele está ocorrendo no país um despertar conservador, fazendo com que os jovens tenham uma visão mais aprofundada para compreender a realidade brasileira. Criticando a universidade e sua doutrinação, Maro diz que o povo está farto do teorismo academicista das universidades esquerdistas que só querem doutrinar as pessoas e não formar “livres pensadores”. “Tudo que os nossos

professores universitários conseguem é vomitar bibliografia de tendência esquerdista e não ideias que tenham conexão com a realidade”.

“Na verdade ninguém está pedindo a volta dos militares aqui no Brasil, o que muitas pessoas estão pedindo é uma intervenção militar conforme o artigo 142 da constituição brasileira estabelece, onde diz que onde um dos três poderes está interferindo nos outros as forças armadas podem ser convocadas para promover uma limpeza nas esferas de poder, então é isso que as pessoas estão pedindo, não a volta dos militares, um governo militar”. “E se alguns jovens pedem a volta dos militares é porque eles estão descontentes com o projeto de sociedade que hoje está aí, projeto esse que foi pensado por teóricos esquerdistas que abarrotam as universidades brasileiras. Esse renascer e esse despertar conservador que o Brasil está vivenciando hoje, inclusive na sua juventude, comprova que o povo brasileiro está farto deste academicismo e que o povo quer novas ideias, ideias que sejam úteis para a sociedade como um todo, e não para esses professores e os seus projetos acadêmicos que recebem verbas, mas que não permitem a universidade apresentar soluções para a sociedade”.

“Quem são os torturadores, Ustra, Bolsonaro e os Militares? Ou essa esquerda que banca governos ditatoriais e governos torturadores de esquerda?”. Os esquerdistas são os verdadeiros torturadores, para Maro, “e isso não se discute”.

1964 e a versão que a esquerda escreveu da História

PT sair do poder, para o país poder passar por uma reforma educacional. A história contada da ditadura está errada, pois foi escrita por historiadores da esquerda. Vinculados ideologicamente pelo PT. Tendenciosa sobre os acontecimentos. Militares como monstros, carrascos e torturados. Durante o regime militar o Brasil cresceu como nunca...várias construções. Petistas vistos como heróis e os militares, que recuperaram o país de uma ameaça comunista, são descritos como os monstros torturadores.

É claro que houve tortura, mas porque, eram pessoas que tinham documentos falsos e estavam fazendo o que não deviam. Visão ideológica da história produzida pela esquerda. Para ele os historiadores não estão fazendo história, sim propaganda política de esquerda (Petista). “A história precisa ser imparcial. Ela precisa fazer uma descrição do passado sobre os fatos em si mesmos, e não sobre o que uma ou outra ideologia política pensa sobre esses fatos”. “Se os militares não tivessem aplicado o contragolpe em 1964 o Brasil teria virado uma república socialista e

	<p>comunista como é Cuba hoje em dia”. “31 de março de 1964 sinalizou uma nova era na liberdade aqui no Brasil”</p> <p>Não chama de golpe e sim contragolpe, pois, para ele, quem queria dar o golpe eram os “esquerdistas”. “Os militares promoveram a libertação do Brasil em 1964”. “Foram obrigados a fazer o que fizeram”. Não teve outra saída. História precisa ser reescrita.</p>
<p>O Mito da Ditadura Militar</p>	<p>“A esquerda brasileira transformou a ditadura militar no seu mito formador, pois a todo instante os esquerdistas se referem a ditadura militar”.</p> <p>“Morreram apenas 400 vagabundos durante o regime militar, que estavam atuando contra a nação brasileira”. A esquerda brasileira para ele estaria fundada em um ódio profundo e sem ele ela não existiria. Ódio à burguesia, aos ricos, à elite branca. Esse ódio dualistas e dialético para ele estaria também na exaltação da memória da ditadura.</p>
<p><b>Movimento Brasil Livre</b></p>	
<p>A verdade sobre os guerrilheiros do regime militar (JjyTqCqCU4)</p>	<p>Kim Kataguri: “Praticamente todo político esquerdista de hoje se vangloria de ter lutado contra a ditadura militar”. Guerrilheiros não queriam democracia, sim uma ditadura socialista, uma ditadura do proletariado, transformar o Brasil em uma grande Cuba. Eles, segundo Kim, queriam tomar o poder para que ELES mesmos pudessem torturar e perseguir; (Passa o vídeo do Eduardo Jorge (2014) falando sobre o favoritismo pela “Ditadura do proletariado” pela guerrilha na época da ditadura. Eduardo Jorge: “Stalin e Hitler disputam pau a pau a medalha de ouro de genocidas na história recente”. Kim: “João Goulart não era nenhum santo, pelo contrário, era muito parecida com a esquerda brasileira de hoje: discursava em defesa dos pobres e defendia o interesse de empresários corruptos”. Para Kim, se a esquerda tivesse tomado poder, com certeza muito mais gente morreria. Usando exemplos de porcentagens de mortos nos regimes de Cuba, China e Camboja, Kim extrapola esses números para a população do Brasil. (0.08% da população foi executada em Cuba, no Brasil essa porcentagem representaria 88,4 mil mortes)...</p>
<p>64: GOLPE OU REVOLUÇÃO?</p>	<p>Governo federal pede comemoração da “revolução” de 1964, Renan Santos (Ucrânia) então tesse alguns comentários a respeito do assunto. Admite que foi um</p>

Por Renan Santos (_24xYV3RH_0)	golpe e diz que “talvez, de fato, não restassem outras opções”. Coloca Jango como um afiliado às ideias da esquerda revolucionária, principalmente pelo Brizola, e nesse alguns comentários sobre os precedentes do golpe (como o investimento dos EUA em propaganda anticomunista e em candidaturas contrárias à esquerda.
<b>Nando Moura</b>	
#GloboLixo - 1964, Ursos e FRANCESES! (OSLKfMOdfcs)	Comemorar 1964 não pode, mas quando a esquerda comemora a Revolução Russa pode? Na Rússia morreram 100 milhões!”. Recomenda o e-book do Brasil Paralelo e o Livro “1964 – O elo perdido”, vendido pela sua própria livraria. Comenta sobre a fala de Ernesto Araújo sobre o nazismo ser de esquerda. Fala que o Partido Nacional SOCIALISTA dos TRABALHADORES Alemães e que os professores de história “socialistas” falaram que a fala era mentirosa. “Todas as características constitutivas do nazismo, são sim da esquerda não da direita” “Dois lados da mesma moeda” ...Indica vários livros disponíveis em sua livraria e fala: “Se você quiser aprender, muito bem, se você não quiser, vá caçar seus pokemonzinhos”
1964 - Filme COMPLETO para assistir AGORA	<p>“Será que foi um ‘gópi’, ou será que foi uma contrarrevolução? São mais de 2 horas de filme e eu tenho certeza que você vai receber tanta informação que você nunca ouviu falar quando estava na escola, ou na sua faculdade. Principalmente com aquele seu ‘professorzinho’ de história, com aquele ‘professorzinho’ de sociologia da esquerda. Pq eles montaram a narrativa. Mas o que é que aconteceu de fato? Qual a verdade de fato? Essa busca pela verdade é o que nós vamos fazer agora”. Foi à pré-estreia do filme nos cinemas.</p> <p>Pede para as pessoas participarem do Brasil Paralelo e fala sobre 5% de desconto para os inscritos do canal Nando Moura. “Nós fomos os pioneiros a divulgar o trabalho do Brasil Paralelo e somos os líderes de venda”.</p> <p>eGuinorante em entrevista ao Nando Moura (Pergunta sobre qual a importância do filme para o país): "a importância desse filme é trazer o lado da história que ninguém quer contar. É o lado da história que o seu professor provavelmente nunca vai passar nem perto e desmistificar muita coisa sobre a época, sobre a data. Inclusive no meu canal, meu pai fala sobre mas aí todo mundo fala ‘é um velhinho, já nem lembra mais’. Pô, o cara tava lá e viveu”</p> <p>Ítalo Lorenzon (Canal Terça Livre): “pra você esfregar na cara do seu professor</p>

maconheiro. Basicamente é isso: você pegar um filme e falar assim: ‘Olha tá aqui meu querido, já tem uma narrativa a respeito, profissionais a respeito falando sobre isso’”.

Sempre falando sobre os “dois lados”.

Se não houvesse ocorrido o regime militar, o país seria uma Cuba, ou uma Venezuela (afirma Rafael Nogueira).

“Acha que a globo vai exibir esse filme?”

VERDADE, VERDADE

A verdade sobre a ditadura brasileira (mrrngVtk9zA)

Livro: “1964 – O elo perdido”. Nando Moura fala que não vai ser por meio de vídeos de YouTube que você irá aprender sobre o período. Ele recomenda o livro para que as pessoas entendam a VERDADE sobre o período do “regime” militar. Prefácio de Olavo de Carvalho. Fala sobre promoções em sua livraria e de descontos que terminariam no dia em que o video foi postado.

Canal Nostalgia e a DITADURA!! (hMga8k50FRk)

Tece comentários sobre o vídeo feito pelo canal Nostalgia. Fala sobre organizar um debate entre Ele (com Maro “Filósofo”) e Castanhari e o Professor de História que ajudou-o a fazer o seu vídeo. Segundo Nando Moura: A partir de João Goulart ia surgir golpe comunista no Brasil. Fala sobre as mortes do regime militar (293 pessoas) e fala que na China foram quase 90 milhões e quase 30 milhões na Rússia.

Para Nando Moura, o povo brasileiro estava aterrorizado e não queria ver uma ditadura comunista. “O que é que você faria? Como é que você luta democraticamente com um terrorismo que acontecia desde a coluna prestes? Com o povo absolutamente subvertido, já instaurados [ideologia comunista] em todas as esferas de poder?” “293. Chamam até a ditadura brasileira de “ditamole”. Para Nando Moura, apesar de terem ocorrido sim, crimes pelo regime, eles seriam a exceção e não a regra. Para ele, um dos principais erros do regime foi a demora de se passar para o povo novamente. “único período de exceção no mundo que devolve o poder, que não fica no poder eternamente”, com isso ele diz não ter conhecimento de outra ditadura militar que devolveu o poder pro povo. Fala do crescimento do país de quase 15% ao ano. Mostra uma foto da diferença entre os torturados pela Ditadura brasileira e das ditaduras comunistas. Durante o regime militar, Nando Moura afirma que o país saiu da 42th economia do mundo para a

	8th. “Hoje em Números reais, são mais de setenta mil assassinatos todos os anos no Brasil”
CINEMARK - O cinema COVARDE!!! (C6fwNLkO_W s)	<p>Fala sobre o “boicote” pela rede Cinemark do filme 1964 do Brasil Paralelo. “Um dos filmes mais importantes para que nós possamos entender de fato a nossa história, o que foi a nossa história”. Reclama e fala que é um absurdo o filme ter mais de 1 milhão de visualizações no YouTube e não ter ido para o “em alta” da plataforma. Lendo um comentário do filme: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Lê a nota do Cinemark sobre o cancelamento do evento e comenta: “Partidário? Se tem uma coisa que esse filme não é é partidario! [...] Qualquer pessoa que assistir esse filme (o link tá aqui na descrição) vai provar que isso é uma calúnia”. “Filme do lula o Cinemark exhibe, vai exhibir o filme do Marighella também não é? Ou não?”.</p> <p>“Assistam o filme, de graça! É um presente pra vocês (primeiro link aqui na descrição). Debatam nas escolas, nas faculdades, no trabalho, com os amigos, com a família. Só assim que vamos conseguir mudar o destino do nosso país. ‘e conhecerei a verdade e a verdade vos libertará’ [...] se isso for um conteúdo significante pra você, se torne membro do Brasil Paralelo”.</p>
E se 1964 fosse em 2015	<p>Diz que demos muita sorte em 1964 de não termos tido um massacre de proporções bíblicas. Para ele, o golpe foi muito bem pensado e contou com a sorte. Comentando sobre as manifestações em 2015, diz que os militares com certeza sabem que o PT e o país é movido por interesses supranacionais e portanto seria “dever” das forças armadas intervir, mas ainda não o fizeram por provavelmente crer não ser o momento mais oportuno, ou que talvez a estratégia não de certo dessa vez, ou que talvez existam muitos generais alinhados ao pensamento da esquerda. Ainda frisa que “dever” não quer dizer que Olavo de Carvalho ou ele queiram isso. Ele nunca recriminou o cara que sai pedindo intervenção militar, pois acredita ser um absurdo, pois quem decide isso são os militares e pensar que seria igual 1964 é errado, pois pode não o ser.</p>
<b>Olavo de Carvalho</b>	
1964: 50 ANOS DO CONTRA-	Fala sobre como os historiadores são cooptados a fazer uma narrativa de cunho esquerdista a partir da KGB. Os documentos da KGB abertos na Tchecoslováquia

GOLPE (a mais ou menos 10 anos, segundo ele) contam com diversos nomes de agentes infiltrados no país e compara isso aos da CIA (desafia os pesquisadores a dizer um nome de algum agente da CIA no país naquele período), que para ele não existia (para ele a ideia dos esquerdistas de que não havia perigo comunista é errada e usa esse fato destes arquivos para comprovar que havia sim um perigo iminente de golpe de esquerda em 64).

“A historiografia brasileira sobre o golpe de 64 é maciçamente, não digo propaganda comunista, não digo propaganda esquerdista, é operação de desinformação da KGB”. Fala também que a esquerda fez que houve apoio dos EUA no golpe, e ele fala que não, pois o que foi tido foi somente um depósito para a compra de combustível pelo Brasil, ele argumenta isso pois ele perguntou para o ex-ministro das minas se houve ou não apoio e que o ex-ministro disse apenas que não houve apoio dos EUA ao golpe de 64 pois foi ele que foi lá pedir aos EUA apoio, e o máximo que ele conseguiu foi um navio com combustível (que não foi de graça). Guerrilhas já haviam desde 1961, e não em ação contrária ao golpe de 64. Para ele o golpe foi certo e deveria ter sido feito mesmo, mas que o decorrer do regime militar foi tecnocrata e que terminou com as figuras políticas da direita, como Carlos Lacerda.

Além disso, disse que foi um erro os militares terem continuado no poder e não terem cumprido com a ideia de entrar e sair em 6 meses. “Eu posso celebrar a derrubada do João Goulart, hoje eu entendo que foi uma coisa inteiramente justa, mas não posso celebrar nada do que foi feito depois” (embora tenham tido alguns avanços no ponto de vista econômico, isso é negável – segundo Olavo)

Além disso, segundo Olavo, Médice foi o melhor presidente que o país já teve, no ponto de vista técnico-administrativo. Para Olavo os militares não fizeram nada para conter os comunistas (a não ser as guerrilhas) e que não houve propaganda anticomunista, deixando a esquerda intelectual dos jornais, universidades, escolas, igreja avançarem vertiginosamente durante o período. Para a esquerda desarmada os militares, segundo Olavo, alisaram a cabeça. Para Olavo só se faz uma intervenção quando se esgota todas as (alternativas) vias de ação e em primeiro lugar a via judicial.

Qual a Se não planejar bem, não tem como fazer uma intervenção militar. Olavo diz que a viabilidade de preparação da intervenção militar de 64 durou 2 anos e conseguiu apoio de toda a

<p>uma intervenção militar hoje (iodpnige1tw)</p>	<p>mídia e de praticamente todo o parlamento e da opinião pública antes de intervir. Diz que hoje nenhum canal de TV apoiaria uma intervenção. “Quantos membros do parlamento apoiariam uma intervenção militar? O Bolsonaro, e mais ninguém”.</p>
<p><b>Paula Marisa</b></p>	
<p>Bolsonaro, Ustra e Marighella</p>	<p>Fala do voto pelo impeachment de Dilma feito por Bolsonaro que citava Ustra. Critica os “livros do mec”, os professores de história “comunistas” e os apoiadores de Marighella, critica a globo e a reportagem feita pelo fantástico sobre Ustra.</p> <p>Lê trechos do livro de Ustra em que há várias notícias de que as pessoas comemoravam nas ruas a deflagração do golpe de 64.</p> <p>“Agora depois destas notícias será que vocês não vêm nenhuma semelhança com o momento atual? Naquela época as pessoas também estavam na rua pedindo que um ladrão saísse da presidência, o João Goulart. E era um movimento que não era partidário, olha que coincidência! A única coisa que os livros do MEC e o seu professor de história não contam é que quando as forças armadas tomaram o poder a população deu graças a deus, pois não aguentava mais essa gente comunista assaltando os cofres públicos. Sabia que as pessoas durante o regime militar podiam votar? Elas podiam até andar na rua sem serem assaltadas, olha que legal!”.</p> <p>Vídeo com tom extremamente sarcástico. Para ela, os militares salvaram o Brasil de virar uma Cuba. “No Brasil os militares nos salvaram. Muito Obrigada às Forças Armadas!”</p>
<p><b>Terça Livre</b></p>	
<p>A verdade sufocada - o brasil no regime militar</p>	<p>Com o fim do regime militar “os derrotados trocaram as armas pelas palavras”. Infiltrados nas mídias, os perdedores começaram a ganhar a narrativa e contar somente um lado da história. “A esquerda revanchista começou a ter a retórica, a narrativa. Assim redesenhar a história como bem entendiam. E eles fizeram isso de maneira capciosa: invertendo, deturpando e até mesmo alterando fatos, fazendo achincalhamento público das forças armadas. Sim! Aqueles que deram a sua vida cumprindo o dever para proteger a nação brasileira. Passou a dominar, então, a</p>

versão dos derrotados”.

“Com o gramiscismo a esquerda aprendeu a reescrever a história, a mudar fatos”. Para ele, a pedagogia de Paulo Freire é a principal tomada da esquerda a partir do MEC “onde você tem diversos e diversos malefícios à educação brasileira. E isso, sem contar, a ideologização das nossas escolas”. “As universidades foram tomadas e idiotizadas pela mentalidade esquerdista. Hoje temos uma situação deplorável, como você pode ver nas fotos” (mostra fotos de universidades pixadas). Fala da deturpação das mentes nas universidades, ideologia de gênero (“menina não é mais menina”, “Você pode casar até com uma árvore, se você quiser (desculpe a piada, se você me permite)”. Fala que a série de vídeos que farão sobre o período do regime militar utilizarão como fonte o livro Orvil.

O QUE  
ANTECEDEU  
1964

### Universo

Verdades não  
contadas pela  
esquerda da  
ditadura militar

Rodrigo Leone: “Será que toda a verdade está sendo contada?” (Pátria Amada – Toda quinta-feira às 21:30, na TV Mais canal 22 da NET Ribeirão Preto).

“Quando vemos na história alguma referência ao golpe de 1964, ou em todas as citações feitas a esse período da nossa história. Nós vemos como referência de povo, pessoas que, de alguma forma, eram ligadas aos terroristas, aos revolucionários da época. A levada comunista seguia com ações de terrorismo e extrema violência pelo Brasil: atentados em aeroportos, sequestros de embaixadores, assassinatos, roubos de armamentos e assaltos à banco” Fala que esses atos são defendidos enquanto inevitáveis, e imprescindíveis para a defesa da democracia no país. “Uma visão muito romântica do terrorismo. A história que foi reescrita colocam os guerrilheiros como defensores incondicionais da democracia, como lutadores heroicos do povo brasileiro”.

Fala que não foi só de luta contra o terrorismo e o avanço comunista que os militares lutaram na ditadura. Fala de diversas criações dos governos militares, como o banco central, o BNH (com terrenos bem maiores que o minha casa minha vida), estradas por todo o país, investimentos na Petrobras (“Hoje vemos todos os dias como está a Petrobras: enlameada de corrupção e ocupada por uma

quadrilha”), polícia federal, FGTS, usinas hidrelétricas. “Se não tivessem sido feitas, o Brasil seria hoje um dos mais miseráveis do planeta”.

“O Brasil entregue aos militares era uma caixa de problemas que precisavam ser resolvidos”. Para ele o governo militar tem uma tarja de Ditadura, mas alternou poder durante os 21 anos de regime “O atual governo tá aí à 12 anos e foram apenas 2 presidentes”. “o que vemos hoje é uma distorção dos fatos, é a condução da história para um campo muito perigoso: a mentira. Muito comum entre aqueles que tem medo da verdade. Vemos hoje que o verdadeiro golpe contra as instituições democráticas está pronto para ser aplicado em nossa pátria. ReRodrigo Leone: “Será que toda a verdade está sendo contada?” (Pátria Amada – Toda quinta-feira às 21:30, na TV Mais canal 22 da NET Ribeirão Preto).

“Quando vemos na história alguma referência ao golpe de 1964, ou em todas as citações feitas a esse período da nossa história. Nós vemos como referência de povo, pessoas que, de alguma forma, eram ligadas aos terroristas, aos revolucionários da época. A levada comunista seguia com ações de terrorismo e extrema violência pelo Brasil: atentados em aeroportos, sequestros de embaixadores, assassinatos, roubos de armamentos e assaltos à banco” Fala que esses atos são defendidos enquanto inevitáveis, e imprescindíveis para a defesa da democracia no país. “Uma visão muito romântica do terrorismo.

A história que foi reescrita colocam os guerrilheiros como defensores incondicionais da democracia, como lutadores heroicos do povo brasileiro”. Fala que não foi só de luta contra o terrorismo e o avanço comunista que os militares lutaram na ditadura. Fala de diversas criações dos governos militares, como o banco central, o BNH (com terrenos bem maiores que o minha casa minha vida), estradas por todo o país, investimentos na Petrobras (“Hoje vemos todos os dias como está a Petrobras: enlameada de corrupção e ocupada por uma quadrilha”), polícia federal, FGTS, usinas hidrelétricas. “Se não tivessem sido feitas, o Brasil seria hoje um dos mais miseráveis do planeta”. “O Brasil entregue aos militares era uma caixa de problemas que precisavam ser resolvidos”.

Para ele o governo militar tem uma tarja de Ditadura, mas alternou poder durante os 21 anos de regime “O atual governo tá aí à 12 anos e foram apenas 2 presidentes”. “o que vemos hoje é uma distorção dos fatos, é a condução da história para uma forma política, nova constituinte, controle do capital financeiro,

taxação sobre grandes fortunas, controle da mídia e da internet. Por isso temos um encontro nacional dia 12: nas ruas. A minha família vai, a sua família também vai. [...] dia 12 nós temos que ir pra rua e mostrar pra esse pessoal que nós temos uma coisa chamada dignidade” (faz referencia a frase de Lula que diz que o povo de cuba tem mais que o brasileiro é dignidade).

## FONTES<sup>334</sup>

BOLSONARO, Jair. **31 de Março de 1964**. Em: YOUTUBE, 29 mar. 2012. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_o\\_Iqjy8R8o](https://www.youtube.com/watch?v=_o_Iqjy8R8o) Acesso em 20 out. 2021.

BOLSONARO, Jair. **Bolsonaro Período militar não foi ditadura**. Em: YOUTUBE, 29 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMJPNI0qQTI> Acesso em 20 out. 2021.

BOLSONARO, Jair. **DEFESA COMEMORA O 31 DE MARÇO**. Em: YOUTUBE, 31 mar. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4b9ZpFeCASI> Acesso: em 20 out. 2021.

BOLSONARO, Jair. **ESQUERDA NUNCA MAIS 31/MAR/64**. Em: YOUTUBE, 01 abr. 2014. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2I\\_0pT0SDwM](https://www.youtube.com/watch?v=2I_0pT0SDwM) Acesso em 20 out. 2021.

BOLSONARO, Jair. **VIVA 31 DE MARÇO DE 64**. Em: YOUTUBE, 27 mar. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6q4KUxYLppQ> Acesso em 21 out. 2021.

CARVALHO, Olavo de. **1964: 50 ANOS DO CONTRA-GOLPE**. Em: YOUTUBE. 2 abr. 2014. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=qKquKjm\\_PJE](https://www.youtube.com/watch?v=qKquKjm_PJE). Acesso em: 8 out. 2019.

CARVALHO, Olavo de. **Qual a viabilidade de uma intervenção militar hoje**. Em: YOUTUBE. 8 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iodpnigel tw>. Acesso em: 7 out. 2019.

CEARÁ, Intervenção Militar. **Quando um militar “cabra macho” explica a Intervenção!** Em: YOUTUBE. 3 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rf7jB-kKrdA>. Acesso em: 8 out. 2019.

CONSERVADOR, Lobo. **O regime militar foi uma ditadura?** Em: YOUTUBE. 30 jun. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y2NGwlpESHs>. Acesso em: 26 out. 2019.

DIDEUS, Felipe. **Sua escola MENTIU sobre a DITADURA no BRASIL**. Em: YOUTUBE. 16 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jy32k7YvRa8>. Acesso em: 15 jul. 2020.

---

334 Todos os vídeos, comentários, fotos, notícias, sites, links, etc., estão disponíveis em [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Algumas das referências dos vídeos não contêm o hyperlink original para o vídeo pelo fato de não estarem mais disponíveis na plataforma até a data da publicação desta dissertação, portanto os vídeos estão disponíveis somente no arquivo digital elaborado por mim.

EGUINORANTE. **Ditadura meu pai te conta como foi.** Em: YOUTUBE. 25 set. 2017. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso original ao vídeo em: 1 nov. 2018.

JONSSSEN, Bruno. **O erro do regime militar.** Em: YOUTUBE. 10 abr. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GfpxiMOtlA>. Acesso em: 26 out. 2019.

KÜSTER, Bernardo P. **CNBB e o golpe de 1964.** Em: YOUTUBE. 18 maio 2018a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZHf1RryIkB4>. Acesso em: 8 out. 2019.

KÜSTER, Bernardo P. **Eu te conto quem foi Carlos Marighella.** Em: YOUTUBE. 19 fev. 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v8iH676nibo>. Acesso em: 13 jul. 2020.

KÜSTER, Bernardo P. **INTERVENÇÃO MILITAR JÁ!** Em: YOUTUBE. 30 maio 2018b. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5Mu\\_Rcm7G5k](https://www.youtube.com/watch?v=5Mu_Rcm7G5k). Acesso em: 8 out. 2019.

KÜSTER, Bernardo P. **LOUCURA – Bolsonaro, Caio, Edgar e uma aula de história.** Em: YOUTUBE. 31 jul. 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mz1m3dhiz0w>. Acesso em: 13 jul. 2020.

KÜSTER, Bernardo P. **MENTIRA - Censura durante o Regime Militar.** Em: YOUTUBE. 7 fev. 2019c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nu-WEL1ANE4>. Acesso em: 8 out. 2019.

LILOVLOG. **Comemorando 64.** Em: YOUTUBE. 1 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HSuJUowvLFY>. Acesso em: 24 out. 2019.

LILOVLOG. **O “golpe” de 1964.** Em: YOUTUBE. 21 abr. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VO\\_DqLLGgng](https://www.youtube.com/watch?v=VO_DqLLGgng). Acesso em: 24 out. 2019.

LIVRE, Movimento Brasil. **64: GOLPE OU REVOLUÇÃO?** | Por Renan Santos. Em: YOUTUBE. 1 abr. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_24xYV3RH\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=_24xYV3RH_0). Acesso em: 3 fev. 2021.

LIVRE, Movimento Brasil. **A verdade sobre os guerrilheiros do regime militar.** Em: YOUTUBE. 19 jan. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JjyTqCqCU4>. Acesso em: 24 out. 2019.

MAMÃEFALÉI. **Ditadura Militar!** Em: YOUTUBE. 5 nov. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=69PKe2rozqI>. Acesso em: 8 out. 2019.

MARISA, Paula. **Bolsonaro, Ustra e Marighella.** Em: YOUTUBE. 29 abr. 2016. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso ao vídeo original em: 24 out. 2019.

MOURA, Nando. **1964 - Filme COMPLETO para assistir AGORA.** Em: YOUTUBE. 2 abr. 2019a. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso ao vídeo original em 20 out. 2021. Acesso em: 8 out. 2019.

MOURA, Nando. **A verdade sobre a ditadura brasileira**. Em: YOUTUBE. 27 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mrnrgVTk9zA>. Acesso em: 24 out. 2019.

MOURA, Nando. **Canal Nostalgia e a DITADURA!!** Em: YOUTUBE. 30 maio 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hMga8k50FRk>. Acesso em: 8 out. 2019.

MOURA, Nando. **CINEMARK - O cinema COVARDE!!!** Em: YOUTUBE. 3 abr. 2019b. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=C6fwNLkO\\_Ws](https://www.youtube.com/watch?v=C6fwNLkO_Ws). Acesso em: 10 jul. 2020.

MOURA, Nando. **E se 1964 fosse em 2015**. Em: YOUTUBE. 5 maio 2015. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso ao vídeo original em: 24 out. 2019.

MOURA, Nando. **#GloboLixo - 1964, Ursos e FRANCESES!** Em: YOUTUBE. 30 mar. 2019c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OSLKfMOfcs>. Acesso em: 10 jul. 2020.

PARALELO, Brasil. **1964 – O Brasil entre armas e livros**. Em: YOUTUBE. 2 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>. Acesso em: 17 ago. 2019.

PARALELO, Brasil. **Brasil, 1964: golpe ou contrarrevolução**. Em: YOUTUBE. 23 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dVjuSOJY-Pk>. Acesso em: 8 out. 2019.

ROX, Diego. **Regime militar**. Em: YOUTUBE. 23 out. 2018. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso ao vídeo original em: 8 out. 2019.

SCHWEDER, Maro. **1964 e a versão que a esquerda escreveu da História**. Em: YOUTUBE. 7 abr. 2015a. Disponível em: Acesso em: 24 out. 2019.

SCHWEDER, Maro. **Leandro Karnal, ditadura militar e academicismo**. Em: YOUTUBE. 7 jun. 2016a. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso ao vídeo original em: 24 out. 2019.

SCHWEDER, Maro. **O Mito da Ditadura Militar**. Em: YOUTUBE. 2 nov. 2015b. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso ao vídeo original em: 24 out. 2019.

SCHWEDER, Maro. **Quem são os verdadeiros TORTURADORES**. Em: YOUTUBE. 21 abr. 2016b. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso ao vídeo original em: 3 nov. 2021.

TERÇA LIVRE. **A verdade sufocada - o brasil no regime militar**. Em: YOUTUBE. 4 nov. 2018. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso ao vídeo original em: 26 out. 2019.

TERÇA LIVRE. **O QUE ANTECEDEU 1964**. Em: YOUTUBE. 29 mar. 2019. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso ao vídeo original em: 10 jul. 2020.

UNIVERSO. **Verdades não contadas pela esquerda da ditadura militar.** Em: YOUTUBE. 24 abr. 2016. Disponível em: [https://geraldohomero.github.io/arquivos\\_fontes](https://geraldohomero.github.io/arquivos_fontes). Acesso ao vídeo original em: 29 out. 2019.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **O professor de história e o ensino de questões sensíveis e controversas**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

ALMEIDA, F. C. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedus**, v. 8, n. 3, p. 9–30, 2011.

BALESTRO, M. A. M. S. **Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e Guerra Cultural: Brasil Paralelo e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020)**. 2021. - Dissertação (Mestrado Acadêmico), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2021.

BEER, D. Social network(ing) sites...revisiting the story so far: A response to danah boyd & Nicole Ellison. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 2, p. 516–529, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2008.00408.x>

BOLAÑO, C. R. S. *et al.* **Economia Política da Internet**. 2. ed. UFS-Aracajú: Ed. UFS, 2011. v. 1

BOLAÑO, C. R. S.; VIEIRA, E. S. Economia Política da Internet e os Sites de Redes Sociais. **Revista Eptic Online**, v. 16, n. 2, p. 75–88, 2014.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210–230, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma História Social da Mídia De Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2006.

BRYANT, L. V. The YouTube Algorithm and the Alt-Right Filter Bubble. **Open Information Science**, v. 4, n. 1, p. 85–90, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/opis-2020-0007>

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a Revolução Digital**. São Paulo: Aleph, 2009.

CARDOSO, L. C. **Criações de memória: defensores e Críticos da Ditadura (1964-1985)**. Cruz das Almas/BA: Editora UFRB, 2012.

CARDOSO, L. C. Os discursos de celebração da “Revolução de 1964”. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 62, p. 117–140, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-01882011000200008>

CASIMIRO, F. H. C. **A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

- CASIMIRO, F. H. C. **A tragédia e a farsa: A ascensão das direitas no Brasil contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.
- CASTELLS, M. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. São Paulo: Zahar, 2018.
- CHALOUB, J.; PERLATTO, F. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight - Inteligência**, 2016.
- CHASLOT, G. How Algorithms Can Learn to Discredit “the Media”. *Em: MEDIUM*. 2018. Disponível em: <https://guillaumechaslot.medium.com/how-algorithms-can-learn-to-discredit-the-media-d1360157c4fa>
- CHASLOT, G. How YouTube’s A.I. boosts alternative facts. *Em: MEDIUM*. 2017. Disponível em: <https://guillaumechaslot.medium.com/how-youtubes-a-i-boosts-alternative-facts-3cc276f47cf7>
- COHEN, D. J. The Future of Preserving the Past. **Journal of Heritage Stewardship**, v. 2, n. 2, p. 6–19, 2005.
- COUTO NETO, G. H. A “nova direita” no YouTube: conservadorismo e negacionismo histórico sobre a Ditadura Militar brasileira. **Revista Ágora (Vitória)**, n. 29, p. 83–103, 2019a.
- COUTO NETO, G. H. **As histórias que contam por aí: a ditadura militar brasileira aos olhos de três canais conservadores do YouTube**. 2018. Monografia - Bacharelado em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2018.
- COUTO NETO, G. H. O conservadorismo no YouTube e a Ditadura Militar Brasileira. **Anais - VIII Encontro de Pesquisa em História da UFMG**, p. 2163–2171, 2019b.
- DREIFUSS, A. **1964: A conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DREIFUSS, A. **O jogo da Direita na Nova República**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- EMPOLI, G. da. **Os engenheiros do caos: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. São Paulo: Editora Vestígio, 2020.
- ERCÍLIA, M.; GRAEFF, A. **A internet**. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- ESCOSTEGUY FILHO, J. C. Batalhas públicas pela história nas redes sociais: articulações para uma educação histórica em direitos humanos. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, p. 39–65, 2019.
- FAIRCLOUGH, N. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D’Água**, v. 25, n. 2, p. 307, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329>

- FERREIRA, J. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. *Em*: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N. (org.). **O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática - da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964** (livro 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FICO, C. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004a.
- FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 47, p. 29–60, 2004b.
- FISHER, M.; TAUB, A. How YouTube Radicalized Brazil. **The New York Times**, 12 ago. 2019. World. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- FUCHS, C. **Social Media: a critical introduction**. Londres: SAGE, 2014.
- GHEDIN, R. Cinco dos dez canais que explodiram no ranking do YouTube durante as eleições são de extrema direita. *Em*: **THE INTERCEPT**. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/>
- GIMÉNEZ, M. J.; KAYSEL, A. ¿Nuevos problemas, viejas palabras? La traducción del discurso anticomunista en América Latina: el caso del V Foro Atlántico de la Fundación Internacional para la Libertad (2008). **Les Cahiers de Framespa**, n. 36, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/framespa.10434>. Acesso em: 9 mar. 2022.
- GOHN, M. G. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GOMES, R. L. R. A questão do fascismo em Gramsci à luz de debates marxistas e da “onda conservadora” contemporânea. *Em*: REBUÁ, E. *et al.* (org.). **(Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.
- GONZÁLEZ, J.; LUCERO, H. Youtube: tensiones y reconfiguraciones entre creación social y acumulación del capital. **Question**, v. 1, n. 40, p. 310–324, 2013.
- GRAHAM, R. Google and advertising: Digital capitalism in the context of Post-Fordism, the reification of language, and the rise of fake news. **Palgrave Communications**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41599-017-0021-4>
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigação sobre uma categoria da sociedade burguesa**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- HAGEMEYER, R. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- KOOPMANS, R.; OLZAK, S. Discursive Opportunities and the Evolution of Right-Wing Violence in Germany. **American Journal of Sociology**, v. 110, n. 1, p. 198–230, 2004.

Disponível em: <https://doi.org/10.1086/386271>

LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÖWY, M. O golpe de Estado de 2016 no Brasil. *Em*: **BLOG DA BOITEMPO**. 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/05/17/michael-lowy-o-golpe-de-estado-de-2016-no-brasil/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

LUCCHESI, A. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. **XXVII Simpósio Nacional de História**, v. 1, n. 1, p. 1–17, 2013.

LUCERO, H.; GONZÁLEZ, J. Internet: entre las posibilidades de lo intangible, la dinámica social y las reconfiguraciones del capital - Proceso de producción de conocimiento: Avance de investigación en curso. **XXIX Congreso ALAS Chile y emergencias sociales en America Latina**, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15332/s0120-8454.2014.0085.04>

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 74, p. 135–154, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>

MAYNARD, D. C. S. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

MELO, J. A. F. Historia digital: La memoria en el archivo infinito. **Historia Crítica**, v. 43, n. 2010, p. 82–103, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/histcrit43.2011.06>

MELO, D. O bolsonarismo como fascismo do século XXI. *Em*: REBUÁ, E. *et al.* (org.). **(Neo)fascismos e educação**: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. p. 12–46.

MELO, D. O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. *Em*: MELO, D. (org.). **A miséria da historiografia**: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

MESSEMBERG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Em*: **As direitas nas redes e nas ruas**: a crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MEYERSON, E. **YouTube Now**: Why We Focus on Watch Time. 2012. Disponível em: <https://blog.youtube/news-and-events/youtube-now-why-we-focus-on-watch-time/>.

MICHELS, R. de S. **O discurso conservador brasileiro nas novas mídias digitais e a honra da família**: uma leitura à luz de Wilhelm Reich. VI Jornada de Pesquisa em Psicologia - Psi-Unisc, 2017.

MIGUEL, L. F. A reemergência da direita brasileira. *Em*: GALLEGO, E. S. (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

- MONTEIRO, A. Q. **Google e Infoespoliação**: Internet, informação e acumulação de capital. 167 f. 2013. - Universidade Estadual Paulista, 2013.
- MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o perigo vermelho**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MOVIMENTO, P. L. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. *Em: Cidades Rebeldes*: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- PEREIRA, M. H. de F. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). *Varia Historia*, v. 31, n. 57, p. 863–902, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-87752015000300008>
- PERLATTO, F. História, literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, v. 30, p. 721–740, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2178-14942017000300011>
- PERLATTO, F. Variações do mesmo tema sem sair do tom: imprensa, Comissão Nacional da Verdade e a Lei da Anistia. *Revista Tempo e Argumento*, v. 11, n. 27, p. 78–100, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2175180311272019078>
- PERLATTO, F.; CALDEIRA NETO, O. Negacionismos: a negação da história do Holocausto e da ditadura brasileira de 1964. *Em*: BRUCK, M.; OLIVEIRA, M. C.; SANTOS, M. V. (org.). **Dossiê contra o negacionismo da ciência**: A importância do conhecimento científico. 1. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2022.
- PIERUCCI, A. F. As bases da nova direita. *Novos Estudos*, n. 19, p. 26–45, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.17140/ROJ-1-108>
- PINTO, C. R. J. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, p. 119–153, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-119153/100>
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.
- PRZEWORSKI, A. **Crise da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- RAMONET, I. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados? *Em*: MORAES, D. de; RAMONET, I.; SERRANO, P. (org.). **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólicia à democratização da informação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- RECUERO, R.; GRUZD, A. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galáxia (São Paulo)*, São Paulo, ago. 2019. p. 31–47.
- RIBEIRO, A. P. G.; BERTOL, R. Mídia e memória da ditadura brasileira: a história e os usos políticos do passado. *RuMoRes*, v. 15, n. 29, p. 16–37, 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2021.181756>

RIEDER, B. Introducing the YouTube Data Tools. *Em: THE POLITICS OF SYSTEMS*. 2015. Disponível em: <http://thepoliticsofsystems.net/2015/05/exploring-youtube/>

RUNCIMAN, D. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SÁ MOTTA, R. P. Anticomunismo e antipetismo na atual onda direitista. *Em:* BOHOSLAVSKY, E.; SÁ MOTTA, R. P.; BOISARD, S. (org.). **Pensar as direitas na América Latina**. São Paulo: Alameda Editorial, 2019.

SECCO, L. As jornadas de junho. *Em:* MARICATO, E. *et al.* (org.). **Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

SILVA, I. H. M. e. “Liberal na economia e conservador nos costumes” uma totalidade dialética. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/3610702/2021>. Acesso em: 9 mar. 2022.

SILVA, R. O. **Um mapa da <> no YouTube do Brasil através de métodos digitais**. 2018. Mestrado em Ciência da Comunicação - Cultura contemporânea e novas tecnologias) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, 2018.

SILVA, T. **Google acha que ferramenta em mão negra é uma arma**. 2020. Disponível em: <https://tarciziosilva.com.br/blog/google-acha-que-ferramenta-em-mao-negra-e-uma-arma/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013. **Novos Estudos**, v. 97, 2013.

SOUZA, M. A. C. e. Reflexões sobre a atuação política do “movimento conservador” durante a pandemia de Covid-19. **Anais Eletrônicos do XIX Encontro de História da Anpuh-Rio**, 2020.

TATAGIBA, L. Os protestos e a crise brasileira. Um inventário inicial das direitas em movimento (2011-2016). *Em:* ALMEIDA, R. D.; TONIOL, R. (org.). **Conservadorismos, Fascismos e Fundamentalismo: análises conjunturais**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

TELES, E.; QUINALHA, R. **Espectros da ditadura: da Comissão da Verdade ao bolsonarismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

TODOROV, T. **Los abusos de la memoria**. Buenos Aires: Paidós, 1993.

TUFEKCI, Z. Opinion | YouTube, the Great Radicalizer. **The New York Times**, 10 mar. 2018. Opinion. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/10/opinion/sunday/youtube-politics-radical.html>. Acesso em: 24 fev. 2022.

YOUTUBE. **Como o YouTube impede a radicalização - Como o YouTube funciona**. 2019. blog. Disponível em: <https://www.youtube.com/howyoutubeworks/our-commitments/curbing-extremist-content/>.

ZAAGSMAN, G. On Digital History. **bmgn - Low Countries Historical Review**, v. 128–4, 2013.